



**UNIVERSIDADE LA SALLE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CARLA DIAS DA SILVEIRA

***CYBERBULLYING: PODER E VIOLÊNCIA LIGADOS À EDUCAÇÃO***

CARLA DIAS DA SILVEIRA

CANOAS, 2023

CARLA DIAS DA SILVEIRA

***CYBERBULLYING: PODER E VIOLÊNCIA LIGADOS À EDUCAÇÃO***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Conte

Canoas, 2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S587c Silveira, Carla Dias da.  
Cyberbullying [manuscrito] : poder e violência ligados à educação /  
Carla Dias da Silveira – 2023.  
125 f.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas,  
2023.

“Orientação: Profa. Dra. Elaine Conte”.

1. Educação. 2. Violência escolar. 3. Redes sociais - Cyberbullying. 4.  
Tensões pedagógicas. I. Conte, Elaine. II. Título.

CDU: **371.5**

CARLA DIAS DA SILVEIRA

Dissertação aprovada para obtenção do título de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade La Salle.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catia Piccolo Viero Devechi  
Universidade de Brasília

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hildegard Susana Jung  
Universidade La Salle, Canoas/RS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúcia Regina Lucas da Rosa  
Universidade La Salle, Canoas/RS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elaine Conte  
Orientadora e Presidente da Banca - Universidade La Salle,  
Canoas/RS

**Área de concentração:** Educação  
**Curso:** Mestrado em Educação

Canoas, 29 de agosto de 2023.

## **AGRADECIMENTOS**

É com profundo sentimento de gratidão que expresso meus agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a realização desta dissertação de mestrado. Sem o apoio e o incentivo de pessoas especiais, este trabalho não teria sido possível. Quero dedicar estas palavras a quatro pessoas em particular, que são fontes de inspiração e amor: minha mãe Santa, meu saudoso pai Ari, meu irmão Miguel e minha orientadora Elaine Conte.

Minha mãe Santa, você é o pilar da minha vida, meu porto seguro, e sempre acredita em mim, mesmo quando as adversidades parecem insuperáveis. Seu amor incondicional e suas palavras de encorajamento me impulsionaram nos momentos mais difíceis. Sou imensamente grata por toda a sua dedicação e carinho ao longo de toda a jornada acadêmica e de vida.

Ao meu pai Ari, que infelizmente não está mais fisicamente entre nós, dedico um agradecimento eterno. Seu exemplo de persistência, sabedoria e trabalho sempre me inspiraram. Sua ausência é sentida, mas sei que, de alguma forma, você está presente.

Meu irmão Miguel, sua presença em minha vida é um constante lembrete de que nunca estou sozinha. Sou grata por ter você ao meu lado.

À minha orientadora Elaine Conte, agradeço imensamente por sua orientação, conhecimento e dedicação ao longo deste processo. Suas contribuições críticas e valiosas foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa. Sua capacidade de inspirar e estimular meu pensamento crítico me fez crescer como estudante e pesquisadora. Agradeço também por sua paciência, incentivo e disponibilidade, que tornaram essa jornada acadêmica mais enriquecedora e gratificante.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos os amigos e familiares que, de alguma forma, apoiaram e compreenderam minha dedicação a este projeto. Que este trabalho seja uma homenagem ao afeto e à dedicação que recebi de cada um de vocês.

## RESUMO

A presente dissertação está vinculada à Linha de Pesquisa Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação e faz parte do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação (NETE/CNPq), sendo de natureza qualitativa e exploratória. Adotamos a abordagem hermenêutica para a revisão de fontes históricas, estudos literários e análises documentais, no sentido de investigar em artigos, teses e dissertações do campo da educação, no período de 2017 a 2022, as produções científicas acerca do *cyberbullying* no ambiente escolar, para estabelecer novas compreensões das violências infiltradas e praticadas nas escolas. As mudanças digitais trouxeram inúmeros benefícios ao cotidiano da vida, entre eles, a ampliação das possibilidades de interação e de socialização através das plataformas virtuais. No entanto, o uso excessivo das redes sociais em diversos cenários, inclusive os educacionais, ainda é um desafio. Partimos, então, do seguinte problema de pesquisa: Quais são os desafios atuais da educação diante do *cyberbullying*? Para darmos conta deste fio condutor do estudo, buscamos compreender por meio do estado da arte, da análise documental e da pesquisa teórica as violências engendradas nas redes sociais e capturadas pelas telas digitais dos estudantes, identificando como elas repercutem no meio educacional. Os rastros de pesquisas no âmbito da educação revelaram as principais tendências teórico-práticas, dando visibilidade aos debates acerca do *cyberbullying* nas escolas. Também, apontamos algumas medidas preventivas às violências verbais, conflitos agressivos e discursos de ódio no desfecho das relações propagadas nas plataformas digitais. Ao considerarmos as legislações, bem como os documentos da Unesco (2019, 2022), as obras de Manuel Castells (2003), no tocante às plataformas sociais, Pierre Lévy (1999) e Paula Sibilia (2012), que inspiraram as discussões acerca da cultura digital na escola, Antônio Álvaro Soares Zuin (2017) que dialoga sobre o *cyberbullying* e Bauman (2007), exploramos toda a complexidade e controvérsias acerca do *cyberbullying* e da violência escolar. A partir desses diálogos do *cyberbullying* em situações contemporâneas e de suas implicações no ambiente escolar, concluímos que o clímax está em trabalhar as inter-relações sensíveis da violência no cotidiano da vida, prevenindo as violências nas escolas, o silencioso ódio agressivo, destrutivo, de alto nível tecnológico em plataformas digitais, para a defesa de narrativas de reconhecimento do outro em processos de humanização das relações, algo ainda muito escasso no país e que demanda novas propostas na coletividade.

**Palavras-chave:** *Cyberbullying*. Violência escolar. Redes sociais. Tensões pedagógicas.

## RESUMEN

Esta disertación está vinculada a la Línea de Investigación Culturas, Lenguajes y Tecnologías en Educación y forma parte del Centro de Estudios sobre Tecnologías en Educación (NETE/CNPq), siendo de carácter cualitativo y exploratorio. Adoptamos el enfoque hermenéutico para revisar fuentes históricas, estudios literarios y análisis documentales, con el fin de investigar en artículos, tesis y disertaciones en el campo de la educación, de 2017 a 2022, producciones científicas sobre el *cyberbullying* en el ámbito escolar, para establecer nuevas comprensiones de la violencia infiltrada y practicada en las escuelas. Los cambios digitales han traído innumerables beneficios a la vida cotidiana, incluida la ampliación de posibilidades de interacción y socialización a través de plataformas virtuales. Sin embargo, el uso excesivo de las redes sociales en diversos escenarios, incluido el educativo, sigue siendo un desafío. Partimos entonces del siguiente problema de investigación: ¿Cuáles son los desafíos actuales de la educación frente al *cyberbullying*? Para comprender este hilo conductor del estudio, buscamos comprender, a través del estado del arte, el análisis documental y la investigación teórica, la violencia engendrada en las redes sociales y capturada en las pantallas digitales de los estudiantes, identificando cómo impactan el ambiente educativo. Las huellas de las investigaciones en el campo de la educación revelaron las principales tendencias teórico-prácticas, dando visibilidad a los debates sobre el *cyberbullying* en las escuelas. También señalamos algunas medidas preventivas contra la violencia verbal, los conflictos agresivos y los discursos de odio en el resultado de las relaciones propagadas en plataformas digitales. Al considerar la legislación, además de los documentos de la UNESCO (2019, 2022), los trabajos de Manuel Castells (2003), sobre plataformas sociales, Pierre Lévy (1999) y Paula Sibilia (2012), que inspiraron debates sobre cultura digital en la escuela, Antônio Álvaro Soares Zuin (2017) que habla sobre el *cyberbullying* y Bauman (2007), exploramos toda la complejidad y controversias que rodean el *cyberbullying* y la violencia escolar. De estos diálogos sobre el *cyberbullying* en situaciones contemporáneas y sus implicaciones en el entorno escolar, concluimos que el clímax es trabajar sobre las sensibles interrelaciones de la violencia en la vida cotidiana, prevenir la violencia en las escuelas, el odio silencioso, agresivo y destructivo del alto nivel tecnológico en lo digital. plataformas, para defender narrativas de reconocimiento del otro en procesos de humanización de las relaciones, algo que aún es muy escaso en el país y que demanda nuevas propuestas en la comunidad.

**Palabras clave:** *Cyberbullying*. La violencia escolar. Redes sociales. Tensiones pedagógicas.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagens da Infância	27
Figura 2 - Exame de Datilografia em São Paulo (anos 60)	31
Figura 3 - Dos velhos tempos às novas roupagens da violência	32
Figura 4 - Resumo das buscas sem o uso dos critérios SciELO	38
Figura 5 - Resumo das buscas com uso de critérios SciELO	40
Figura 6 - Resumo das publicações sem uso de critérios BDTD	45
Figura 7 - Resumo das publicações com o uso de critérios BDTD	47
Figura 8 - Delineamento da pesquisa	53
Figura 9 - Esquema das leis federais	63
Figura 10 - Impactos da violência escolar e do <i>bullying</i> na escola	72
Figura 11 - Fatores desencadeadores do <i>cyberbullying</i>	72
Figura 12 - A violência escolar e o <i>bullying</i> na saúde emocional	78
Figura 13 - Impactos da violência escolar e do <i>bullying</i> na educação	79
Figura 14 - Crianças e adolescentes usuários de internet	86
Figura 15 - <i>Bullying</i> no ambiente virtual é um problema crescente	92
Figura 16 - Respostas abrangentes para educação	94
Figura 17 - Coleção de Livros Paradidáticos do Programa Escola sem <i>Bullying</i>	104

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pesquisa exploratória sem o uso de critérios SciELO	33
Quadro 2 - Pesquisa exploratória com o uso de critérios SciELO	41
Quadro 3 - Pesquisa exploratória sem o uso de critérios SciELO	43
Quadro 4 - Pesquisa exploratória com o uso de critérios BDTD	48
Quadro 5 - Pesquisa exploratória com o uso de critérios BDTD	50

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Limitações da pesquisa na plataforma SciELO	42
Tabela 2 - Limitações da pesquisa nas dissertações BDTD	49
Tabela 3 - Limitações da pesquisa nas teses BDTD	51
Tabela 4 - Categorias identificadas nas análises	56
Tabela 5 - Dados dos artigos	58
Tabela 6 - Dados das dissertações	58
Tabela 7 - Dados das teses	59

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Total dos artigos sem o uso de critérios SciELO	39
Gráfico 2 - Total das dissertações e teses sem uso de critérios BDTD	46
Gráfico 3 - Dispositivos Digitais/Base Ativa em Uso no Brasil (Milhões)	70
Gráfico 4 - Crianças e adolescentes, por redes sociais e perfil	87
Gráfico 5 - Crianças e adolescentes com perfil próprio em rede social	96
Gráfico 6 - Crianças e adolescentes com perfil próprio em rede social/faixa etária	97
Gráfico 7 - Crianças e adolescentes com perfil em rede social	98
Gráfico 8 - Crianças e adolescentes com perfil na rede social/sexo	98
Gráfico 9 - Crianças e adolescentes com perfil em rede social/classe	99

## LISTA DE SIGLAS

ARPA	Advanced Research Projects Agency
ARPANET	Advanced Research Projects Agency Network
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CETIC	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
COVID-19	Coronavirus Disease 2019 (SARS-CoV-2)
FGV CIA	Centro de Tecnologia de Informação Aplicada
MEC	Ministério da Educação
MILNET	Military Network
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONG	Organização Não-Governamental
PROESP	Projeto Esporte Brasil
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
TALIS	Teaching and Learning International Survey
TIC	Tecnologia da Informação e da Comunicação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Justificativa.....</b>	<b>26</b>
1.1.1 <i>Trajectoria pessoal e relações com a pesquisa.....</i>	<i>27</i>
1.1.2 <i>Relevância acadêmico-científica e social.....</i>	<i>30</i>
<b>2 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....</b>	<b>53</b>
<b>3 CYBERBULLYING E VIOLÊNCIA.....</b>	<b>60</b>
3.1 Explorando a Internet.....	66
3.2 O <i>bullying</i> no ambiente virtual é um problema crescente.....	69
3.3 Impactos do <i>cyberbullying</i> .....	76
3.4 As respostas ao <i>cyberbullying</i> .....	80
3.5 Os principais desafios ao combate do <i>cyberbullying</i> .....	81
<b>4 CYBERBULLYING E EDUCAÇÃO.....</b>	<b>85</b>
4.1 Padrão de uso e variações ilustrativas de <i>cyberbullying</i> .....	86
4.2 Violência escolar e <i>cyberbullying</i> : enfrentamentos às práticas agressivas pelo diálogo pedagógico.....	102
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>115</b>

## **CYBERBULLYING**



Fonte: Jornal em foco (2019)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *CYBERBULLYING*: descubra o que é e o que fazer em caso de ataques. Em Foco, 04, de novembro, 2019. Disponível em: < <https://emfoco.anchieta.br/2019/11/04/cyberbullying-descubra-o-que-e-e-o-que-fazer-em-caso-de-ataques/>>. Acesso em: 07 fev. 2023.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em um primeiro momento, para a elaboração deste trabalho dissertativo, fizemos um plano de ação no sentido de alinhar os debates sobre tecnologias na educação com a escolha do tema, dos objetivos, das definições de um problema e das formulações de hipóteses. A partir desse desafio, chegamos ao assunto *cyberbullying*<sup>2</sup>, redes sociais e violências<sup>3</sup> no ambiente escolar por ser algo específico, relevante na atualidade, emergente dentro da área da educação e algo latente no ambiente escolar onde estamos inseridas. Afinal de contas, a sala de aula deixou de ser apenas um espaço físico, agora ela vai além da escola, por linhas invisíveis que as tecnologias digitais podem nos proporcionar. As tensões que ocorrem na escola são, de acordo com Veraldo (2014), frequentemente determinadas por violências externas a ela, mas que podem ser multiplicadas por condições e fatores específicos produzidos no seu interior. Os sujeitos envolvidos nessas violências escolares observam situações críticas que afetam e tencionam demasiadamente os processos de ensino e de aprendizagem, especificamente as tensões em torno do *cyberbullying* no cotidiano escolar.

A internet surgiu como uma tecnologia revolucionária do século XXI, com intuito de diminuir as fronteiras geográficas e temporais através da globalização e do mundo conectado em rede de encontros, de partilha de experiências, de negócios, de diálogos, de produção de pensamento e até de discursos de ódio. Além disso, a internet vem desfronteirizando antigas distinções de *redes ou paredes* (SIBILIA, 2012), público ou privado, infiltrando junto com ela alterações significativas no comportamento social e nas formas de comunicação das pessoas, tornando-se uma condição emergente na vida em sociedade<sup>4</sup> e no cotidiano escolar. “No contexto escolar, justamente a constância e a repetição das agressões feitas a alunos e

---

<sup>2</sup> Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), quando são usados artefatos digitais para enviar mensagens intrusivas da intimidade, adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social, para depreciar, incitar a violência e agredir moralmente, usando os meios de comunicação (BRASIL, 2015).

<sup>3</sup> Para compreender as raízes epistemológicas da violência, compartilhamos as reflexões da professora Lúcia Helena Galvão (2018), Nova Acrópole, disponíveis no link: <https://youtu.be/uSuNEVGdiAo>

<sup>4</sup> O documentário “buraco no muro” apresenta um recorte do que crianças são capazes de aprender com o uso de computadores conectados à internet para a escola e a vida em sociedade, a ponto de criarem referências próprias de uso em ambientes virtuais, superando as categorizações fictícias das diferentes gerações (falácias de nativos e imigrantes digitais ou de novos tipos/modelos de educação 1.0, 2.0...). O documentário apresenta o experimento do pesquisador indiano Sugata Mitri sobre a aprendizagem de crianças por meio de um computador conectado à internet. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xx8vCy9eloE>

professores caracterizam fundamentalmente o conceito de *bullying*". (ZUIN, 2017, p. 56). Já no campo miscigenado e veloz da produção de agressões, identificamos na escola o *cyberbullying*<sup>5</sup>, cuja "violência se transformou do visível para o invisível, de física para psíquica, do real para o virtual, de negativa para positiva. [...] que é sempre mais internalizada, psicologizada e, assim, acaba se tornando invisível e autorreferente". (HABOWSKI; CONTE, 2021, p. 1).

Ocorre que "o conceito de violência cria marcas ambíguas na história, por sua natureza psicossocial, de manipulação política, apresentando fortes tensões com a (des)educação, uma vez que aquele que violenta ou barbariza o outro acaba ferindo a si próprio ao produzir os efeitos da ignorância em ação". (HABOWSKI; CONTE, 2021, p. 1). De acordo com Castells,

A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização [...] por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. [...] Essa nova forma de organização social, dentro de sua globalidade que penetra em todos os níveis da sociedade, está sendo difundida em todo o mundo. (CASTELLS, 1999, p. 49).

Ribeiro (2018) faz considerações para o que Bauman (2013) já vinha destacando na sociedade de consumo excessivo, explorado pelas empresas, através de propagandas e *marketing* nas grandes redes, como o *Facebook*. Na esfera do consumo, os jovens têm a opção de escolher os objetos que desejam adquirir, em uma forma descartável semelhante às relações sociais sob a lógica instrumental.

Estas relações digitais redefinem dinâmicas sociais contemporâneas que alteram hábitos, padrões de comportamentos e relacionamentos interpessoais nas vidas que as habitam. Os tempos são outros e as mudanças estão ocorrendo inclusive com crianças e adolescentes, que estão buscando cada vez mais cedo o acesso à internet e as redes sociais para sociabilização, diversão e informação.

Em sua tese sobre a violência virtual entre crianças e adolescentes, Ribeiro (2018) destaca, a partir do pensamento de Bauman (2010), que os conteúdos das redes apresentam uma vasta quantidade de informações impenetráveis, resistindo de forma perturbadora e impositiva a representações de desordem e do caos. Beluce

---

<sup>5</sup> O *cyberbullying* é uma das formas do *bullying*, sendo um agir agressivo desenvolvido dentro e fora do espaço geográfico da escola, de modo atemporal e em rápida propagação, por meio da internet. (AZEVEDO; MIRANDA; SOUZA, 2012).

(2019) também considera que o acesso a uma grande quantidade de informações não é o bastante para assegurar a (re)construção de conhecimentos e a partilha de experiências culturais. Para atingir significado, estas informações devem ser refletidas em encontros dialógicos com o outro para incorporar a construção do conhecimento.

Segundo os dados revelados pelo relatório da pesquisa TIC Kids Online (2021)<sup>6</sup>, em relação ao uso da internet por crianças e adolescentes no país, indica que a proporção de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos cresceu, juntamente com o uso das redes sociais, sendo uma das atividades online mais realizadas por estes jovens no Brasil em 2021.

Sibilia (2012) destaca que a grande maioria dos discursos recentes sobre educação falam sobre ofertar diversão aos estudantes, o que retrata algo bem distinto do que se oferecia e pretendia oferecer aos sujeitos na escola em anos anteriores. A diversão que a autora faz referência é conduzida pelo uso dos recursos midiáticos, pelas novas tecnologias introduzidas pela era digital nas escolas. Diante disso, Sibilia não nega a existência ainda hoje de opressão e alienação, todavia, com o processo de democratização tecnológica e escolarização que a sociedade passou e ainda passa acreditava-se que essas questões diminuíssem. (PUGENS *et al.*, 2019, p. 65).

No entanto, as subjetividades e os corpos reagem ao contato cotidiano com esses dispositivos virtuais e vem influenciando as relações escolares de modos conflitivos e, por vezes, deixando indícios de crise da humanidade e rastros de violência naturalizados em nossa cultura. As redes sociais são ambientes nos quais as relações acontecem de forma horizontal enquanto a relação entre professores e estudantes historicamente concebida é tensionada, visto que esta relação pressupõe assimetria pedagógica. Isso porque a informação é instantânea e múltipla, não respondendo a organização hierárquica estabelecida com o saber científico vigente na cultura escolar. Mas, o que acontece quando tratamos pelo automatismo do hábito o *(cyber)bullying* no cotidiano escolar?

O cenário virtual também se tornou um ambiente propenso a atividades criminosas e violações de direitos. É necessário, conforme afirmam Martins, Lemos e Ferreira (2016), que o governo intervenha denunciando e punindo, uma vez que a

---

<sup>6</sup> A pesquisa TIC Kids Online Brasil tem como objetivo gerar evidências sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. Realizada desde 2012, a pesquisa produz indicadores sobre oportunidades e riscos relacionados à participação *online* da população de 9 a 17 anos no país. Link do relatório: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>

violência resulta de ações humanas, individuais, de grupos ou classes, afetando a integridade física, moral, mental e espiritual dos envolvidos. Atualmente, em diferentes estados do país, já existem delegacias, núcleos e divisões policiais especializadas no combate aos crimes de informática ou cibernéticos. Estudos recentes sobre o *bullying* escolar na legislação brasileira indicam como os documentos legais podem ser punitivos, preventivos ou informativos.

Além da consulta à Constituição Federal, ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), também foi realizada pesquisa documental nos sites do Congresso Nacional e das Assembleias Legislativas estaduais, utilizando as palavras-chave *bullying*, violência escolar e prevenção. Foram identificadas três legislações nacionais e 43 legislações estaduais, envolvendo 24 dos 27 estados brasileiros, incluindo o Distrito Federal. A partir da análise de conteúdo, os resultados indicaram que alguns estados têm mais de uma legislação acerca do tema e algumas leis apresentam características que as identificam em mais de uma categoria. Observou-se que todas as leis têm caráter informativo, a maioria apresenta natureza preventiva e algumas apresentam aspectos punitivos. Destaca-se a importância da ampla legislação brasileira de combate ao *bullying*, o que contribui para efetivar a proteção e o direito à educação. (PEREIRA; FERNANDES; DELL'AGLIO, 2022, p. 1).

O estudo de Martins *et al.* (2022) vincula e interconecta a evolução histórica da legislação brasileira no combate ao *cyberbullying*, que já prevê a punição para crimes virtuais estando tipificado no código penal, Lei 2.848/40. O *cyberbullying*, caracterizado como intimidação sistemática praticada via internet, também é mencionado na lei nº 13.185/2015, pelo combate à intimidação sistemática (*Bullying*), que abrange o uso de instrumentos da internet para depreciar, incitar a violência e adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Flôres (2022) recupera alguns debates na área, com o estudo “*Cyberbullying* no contexto escolar: a percepção dos professores”, e menciona que no ano de 2018 entrou em vigor a Lei nº 13.663, que trouxe alterações ao art. 12 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Essas alterações tinham como objetivo incluir a promoção de medidas de conscientização, prevenção e combate a todas as formas de violência, bem como a promoção da cultura de paz nas escolas. De acordo com a lei, as escolas têm a obrigação legal e moral de abordar a problemática do *cyberbullying* por meio de ações voltadas para enfrentar esse fenômeno. Na perspectiva de Silva (2010, p. 107), os

educandos devem ser alertados que o Estatuto da Criança e do Adolescente o (ECA) prevê “que o anonimato e a menoridade não os isentam de responsabilidades e de punições caso cometam atos ilícitos”.

Outro ponto e subsídio importante ao debate é apresentado por Pereira *et al.* (2022), através de duas legislações do Estado do Rio Grande do Sul (RS) de combate ao *bullying* e *cyberbullying*. A referida Lei n. 13.474/2010 prevê:

As instituições de ensino e de educação infantil públicas estaduais ou privadas, com ou sem fins lucrativos, desenvolverão a política *antibullying*. art. 2º § 1º inciso VIII dispõe sobre o *cyberbullying* como sendo o envio de mensagens, fotos ou vídeos por meio de computador, celular ou assemelhado, bem como sua postagem em *blogs* ou *sites*, cujo conteúdo resulte em exposição física e/ou psicológica a outrem. (ESTADO RS, 2010).

A partir daí podem ser acrescentadas a Lei n. 14.030/2012, regulamentada através do Decreto n. 54.410/2018, preconizando a necessidade de “ser instituídas, nas escolas da rede de ensino público estadual do Rio Grande do Sul, as Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar – CIPAVE –, como instância integrante dos Conselhos Escolares instituídos”. (ESTADO RS, 2012). Ainda, localizamos no município de Canoas/RS, a Lei Ordinária n. 5.448/2009, que dispõe sobre o desenvolvimento de política *Antibullying* por instituições de ensino e de Educação Infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos.

As escolas, em conjunto com os professores e a equipe diretiva, têm um papel fundamental em abordar a importância do uso responsável e ético das redes sociais. É crucial conscientizar os estudantes sobre as consequências legais que podem advir de postagens que contenham preconceito, intolerância, informações falsas ou difamação contra seus colegas, os quais podem causar danos à imagem e à integridade das vítimas envolvidas.

De acordo com Sibilía (2012), o uso exagerado e sem resistência dos meios de comunicação digitais (em reações que oscilam entre o autoritarismo e o caos), considerados muito distantes dos rituais escolares, causam uma certa saturação e dispersão nos sujeitos, pois estes estão sendo envolvidos por uma série de informações e fragmentos de capturas das telas, que ocupa todo o aparato sensorial das crianças e adolescentes, possibilitando a elaboração das experiências nas instituições e mesmo fora da escola. De fato, “[...] o dispositivo pedagógico se torna inoperante e ineficaz em sua capacidade de produzir efeitos transformadores; em vez

disso, acaba destilando tédio, agressividade e frustração nos dois extremos da antiga relação bipolar”. (SIBILIA, 2012, p. 117). Nesse caso,

Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aquele seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica. (ADORNO, 2006, p. 120-121).

Cabe notar que há muitos paradoxos e barreiras do acesso à internet (especialmente a questão dos custos nas escolas), ao conhecimento, à informação, às bibliotecas em países em desenvolvimento e na maioria das escolas públicas brasileiras<sup>7</sup>. A maneira precoce com que crianças e adolescentes, estão acessando a internet e as redes sociais exige um olhar atento por parte das famílias, dos professores e da comunidade escolar. No cotidiano escolar as tecnologias digitais estão presentes e são utilizadas inclusive pelos professores, como recursos pedagógicos para mediar os processos de construção do conhecimento dos estudantes. Igualmente, estão sendo usadas para a coleta de informação, comunicação, pesquisa e formação de vínculos sociais dentro das escolas. No entanto, os ambientes digitais além de estarem repletos de estímulos, onde os estudantes aprendem a conviver em sociedade de forma coletiva e harmônica, também guardam armadilhas e violências, sendo um espaço de (in)segurança e de sacrifícios. Paralelamente a isso, os avanços tecnológicos trazidos pelo século XXI constituíram uma nova cultura social mediada pelas tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Cultura digital está definida por Lévy (2003, p. 17) como cibercultura, admitindo novas relações com o saber, ou seja, um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Nas palavras de Lévy,

Qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura deve ser fundada em uma análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber. Em relação a isso, a primeira constatação diz respeito à velocidade de surgimento e de renovação dos saberes e savoir-faire. Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso

---

<sup>7</sup> Conforme mostra o documentário Internet Livre Freenet (2017), disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=D4elK4el3Vs&t=492s&ab\\_channel=CarlosJ%C3%BAnior](https://www.youtube.com/watch?v=D4elK4el3Vs&t=492s&ab_channel=CarlosJ%C3%BAnior)

profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira. A segunda constatação, fortemente ligadas à primeira, diz respeito à nova natureza do trabalho, cuja parte de transação do conhecimento não para de crescer. Terceira constatação: o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (banco de dados hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos). (LÉVY, 1999, p. 157).

Por sua vez, o ciberespaço também chamado de rede possibilita a produção de sentidos, identidades e uma nova forma de cultura global, é

[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 2003, p. 17).

Esta cultura também foi definida por Castells (1999, p. 36) como sociedade em rede, visto que “[...] é preciso levar a sério as mudanças introduzidas em nosso padrão de sociabilidade em razão das transformações tecnológicas e econômicas que fazem com que a relação dos indivíduos e da própria sociedade como processo de inovação técnica tenha sofrido alterações consideráveis”. Esse novo cenário cultural, afetado pelos (contra)fluxos do uso da internet, definidos por Lévy (2003) e Castells (1999), vem trazendo essas novas gerações de estudantes imersos nas tecnologias e nas redes sociais para a escola. A escola está passando por crises nos modos de ser e nos métodos escolares, uma vez que o perfil do estudante se modificou e ela não recebe mais o estudante disciplinado, respeitoso, desinformado e alheio às interpretações das realidades travestidas de uma certa barbárie<sup>8</sup>.

Em contrapartida, o excesso das tecnologias digitais e alto nível tecnológico também aprofunda a *agressividade, o ódio e o impulso para a destruição do outro* (ADORNO, 2006). As novas gerações têm alterado seus comportamentos, crenças, valores éticos, estéticos e morais, gerando novos conflitos de relacionamento na sociedade em rede, uma vez que os significados extraídos desse novo formato

---

<sup>8</sup> “Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando a civilização no mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização [...], também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade”. (ADORNO, 2006, p. 154).

frequentemente estão sujeitos a disputas. “Na verdade, o conflito é a manifestação da ordem em que ele próprio se produz e da qual se derivam suas consequências principais. O conflito é a manifestação da ordem democrática, que o garante e o sustenta”. (CHRISPINO, 2007, p. 17).

Há aqui, portanto, a necessidade de uma revisão constante das práticas educacionais e de suas implicações sociais, bem como a promoção de uma educação mais inclusiva, diversa e democrática. Conforme mencionado por Silva (2022), em seu estudo sobre *cyberbullying* entre adolescentes, a adolescência é uma fase de muitas transformações e tensões, com mudanças nos aspectos físicos, emocionais, psicológicos e também nas dinâmicas sociais e comportamentais. No contexto do assédio virtual, esses aspectos podem influenciar a forma como o adolescente é percebido, aceito ou rejeitado por grupos *online*, além de poderem torná-lo vítima, agressor ou espectador de crimes cometidos pela internet.

Na escola, as consequências ambíguas das inovações tecnológicas se verificam no aumento de modismos de mercado, no consumismo e na violência simbólica (*cyberbullying*) dentro da escola (ZUIN, 2017). O *bullying* em espaço digital que também se apresenta no contexto educacional pode ser direcionado a professores e estudantes. Este fenômeno foi discutido internacionalmente e é pouco abordado no Brasil, sendo que as pesquisas sobre ele na área da educação iniciaram somente em 2010. Acontece através de comportamentos agressivos praticados pelos sujeitos através das redes sociais com o objetivo de humilhar e perseguir a vítima. A violência simbólica é um campo polissêmico, isto é:

Pode permitir ou se omitir diante de agressões e humilhações de alunos praticadas por funcionários, professores ou por seus pares. Essa última forma, reconhecida pelo conceito de *bullying*, é caracterizada por comportamentos prepotentes e agressivos, tais como colocar apelidos, ofender, humilhar, discriminar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, agredir, roubar e quebrar pertences, podendo ocasionar perda de interesse ou medo de frequentar a escola ([www.bullying.com.br](http://www.bullying.com.br)). Pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Proteção à Infância em 11 escolas do Rio de Janeiro, com o apoio da Petrobrás, envolvendo 5.875 alunos de 5.a a 8.a séries do Ensino Fundamental revela o envolvimento de 40,5% deles nessa prática: 16,9% como alvos, 10,9% como alvos e autores e 12,7% como autores. (BULLYING, 2004; BRASIL, 2005, p. 82).

Conforme descreve Santos (2017, p. 105), “o *cyberbullying*, tende a não ter limites, a não ter barreiras e nem lugar, alcançando várias partes do mundo. Tal agressão muitas vezes banal e sem motivação, aterrorizante para *cybervítima*, tende

a levá-la à depressão, à baixa autoestima e, em casos mais graves, ao suicídio”. Além disso, “reações de ódio são, aliás, comuns diante da incapacidade de compreender a diferença ou a impotência diante de discursos e práticas que rompem com a uniformidade gerada por discursos rasos e pensamentos estereotipados”. (TIBURI, 2019, p. 112).

Pesquisas nesse campo indicam que há muitas fragilidades nas escolas referentes ao combate do *cyberbullying*. Tais estudos, somados ao relatório da Unesco (2019), e ao novo relatório da Unesco (2022), “Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação” apontam como o uso da internet, em seus aspectos negativos, entendido como um *imperialismo de plataforma* necessita de novas orientações em relação à necessidade de resistência. Além disso, apresentam as dimensões mundiais da violência escolar e do *bullying*, servindo como um dos indicadores para atualizar o estado e a compreensão do conhecimento a respeito do *cyberbullying* na escola. A nota sobre o Brasil no relatório Talis<sup>9</sup>, publicado em 2019, aborda a percepção de professores sobre o ambiente de sala de aula, sendo que 94% dos respondentes concordam que, em geral, estudantes e professores “*geralmente se dão bem*. No entanto, 28% dos diretores relatam atos regulares de intimidação ou *bullying* entre seus alunos, o que é superior à média da OCDE (14%)”. (SCHWABE, 2019, p. 2).

O relatório traz também um número de 83% de professores que se consideram capacitados para trabalhar temáticas da violência escolar por conteúdos, pedagogias e práticas pedagógicas, mas não menciona uma formação sobre como lidar com esses atos regulares de violência ou sobre cultura e transformação digital. Corroborando com os relatórios, Flôres (2022) destaca que os professores se sentem despreparados e inseguros em trabalhar com essa temática, considerando as dúvidas, inseguranças, os medos e a falta de formação continuada. Em concordância a esse cenário, Reis (2021) menciona que se os gestores e professores tivessem o conhecimento sobre os riscos do uso das tecnologias nas diversas dimensões humanas, contribuiriam melhor em práticas de orientação adequada ao uso, prevenindo os efeitos prejudiciais e riscos dos artefatos culturais.

---

<sup>9</sup> A pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem foi realizada em 2008, 2013 e 2018, estando os resultados disponíveis em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/talis/resultados>

Assim, a complexa genealogia escolar cria novas responsabilidades e exigências para a formação do professor que saiba se aventurar e debater as formas de linguagem das mídias digitais, pois, as tecnologias introduziram mudanças substanciais para: (a) a aceleração dos processos de disseminação dos discursos, (b) o alargamento transfronteiriço das narrativas, ampliando o espaço e o tempo das violências, (c) o crescimento potencial das audiências, (d) a diversificação dos atores humanos e não humanos envolvidos nas estruturas de produção e consumo, (e) a formação de comunidades virtuais entre propagadores de ódio, garantindo o anonimato da navegação e, (f) os espaços virtuais pouco regulados pelo Marco Civil da Internet (DI FÁTIMA; MIRANDA, 2022, p. 14-15).

A pesquisa se justifica a partir do próprio panorama descrito sobre *cyberbullying*, poder e violência ligados à educação, bem como dos estudos sobre os discursos de ódio e violência nas redes sociais como fonte da violência e sua erradicação, resistência, reflexão por parte dos professores. Tudo isso mobiliza o nosso trabalho, assim como as demais produções científicas investigadas e que darão o suporte teórico necessário para as interpretações atuais, uma vez que o panorama do uso da internet no país é pouco explorado nas pesquisas no ambiente escolar, em vista das plataformas virtuais existentes de propagação de ódio e de falsas informações<sup>10</sup>.

Frente a isso, Gonçalves (2020) menciona o estudo, conduzido por Aizenkot (2018), com crianças e adolescentes israelenses, o qual constatou que 70% dos estudantes relataram ter sido expostos ao *cyberbullying* em suas classes escolares via *WhatsApp*. Quando o *cyberbullying* ocorre nestes grupos, é comum a presença de testemunhas e estas podem reagir de diferentes maneiras: encorajando o ataque por meio do apoio passivo ou ativo; apenas observando o que ocorre no grupo; encorajando o ofensor; transmitindo mensagens ofensivas ou intervindo nos bastidores.

O excesso do uso da internet está diretamente relacionado às atividades em plataformas de redes sociais, que oferecem anonimato, especialmente nas

---

<sup>10</sup> “[...] há meios de produção de discursos que oferecem às pessoas verdades prontas na forma de desinformação. Enchendo a cabeça de todos de falas recortadas, de narrativas fantasiosas e absurdas. [...] Hoje assistimos praticamente calados a quem ameaça matar uma parcela imensa da população brasileira, matar os *opositores* do sistema. E não há o que fazer, porque as instituições todas estão lançadas no delírio elevado a forma de governo. E esse delírio se dá na forma de um consenso em torno da mentira”. (TIBURI, 2019, p. 43-47).

plataformas de *Facebook* e *WhatsApp*, onde circulam casos de violência virtual, incluindo o *cyberbullying*. Há, também, a disseminação de notícias falsas que são usadas como prática de desinformação.

Quando as pessoas agem sem pensar, é porque já não podem pensar. Pensar é uma capacidade que lhes foi subtraída. Pensar é liberdade, e liberdade é poder, por isso, os poderosos sequestram a liberdade de todos, a fim de garantir o seu poder – o que, na verdade, é uma forma de violência. As pessoas já não podem pensar, porque os pensamentos próprios foram substituídos por próteses, na forma de discursos, ideias, imagens, mecanismos, aplicativos, programas. As pessoas repetem o que lhes foi designado, lobotomizadas que estão, como os robôs. (TIBURI, 2019, p. 49).

A relevância desta dissertação se dá através da investigação de um problema pouco estudado, além das minhas vivências na infância e das experiências desenvolvidas através das práticas pedagógicas atuando como professora de Educação Física e de salas de TIC, em uma escola no município da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Nesse contexto, se faz necessário fazermos reflexões acerca da violência escolar, em especial da problemática do *cyberbullying*, interligando esse comportamento ao cenário tecnológico atual. Nesse contexto,

A educação é a aposta de Adorno para a conquista da emancipação, constituindo-se o caminho necessário para evitar a barbárie e estimular o pensamento crítico e uma educação política. [...] Defende que o essencial é pensar a sociedade e a educação em seu devir sociocultural, para que se possa radicalizar a reflexão e a transformação da vida social. Para a preservação das condições da experiência formativa no contato com o outro e na abertura a história, a educação só faria sentido como promotora das condições para a autorreflexão crítica, no sentido de orientar os sujeitos à capacidade de pensar e agir por conta própria, numa construção necessária para a superação de possibilidades destrutivas presentes na sociedade. (CONTE; BRANCO; SOARES, 2019, p. 111).

No contexto atual, “na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência”. (LÉVY, 2000, p. 30). Em contrapartida, quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, contribuímos para mobilizar suas aventuras ao mundo da cultura, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos.

Hoje vivemos um cenário de *cyberbullying* e de violência em grande parte das escolas brasileiras, sendo um dos problemas cruciais na esfera das relações humanas e pedagógicas, influenciado pelos efeitos da violência na disseminação dos meios eletrônicos. Na investigação de Silva (2022), que faz menção ao estudo de Flasco (2016), é abordado o fenômeno *cyberbullying* como uma forma recorrente de violência no Brasil. Ainda, de acordo com o levantamento denominado Diagnóstico Participativo das Violências nas Escolas, essa modalidade de violência é comum entre adolescentes e supera até mesmo a agressão física, ameaça e violência sexual. A pesquisa realizada por Bozza (2021), acerca dos adolescentes e suas interações *online* traz observações feitas pelos autores Abramovay *et al.* (2016), ambos constataram que, no ano de 2015, o *cyberbullying* havia superado outros tipos de violência escolar.

A finalidade intrínseca da educação é o enfrentamento das práticas agressivas e regressivas da cultura pela autocrítica da realidade e do agir pedagógico. Nas palavras de Márcia Tiburi (2017, p. 23), “o diálogo é uma prática de não violência. A violência surge quando o diálogo não entra em cena”. As questões da violência escolar neste momento de cultura digital necessitam de reavaliação constante para a inserção das novas gerações no mundo da formação cultural, cabendo a nós, professores e comunidade escolar restaurarmos os vínculos de comunicação e afetividade no ambiente escolar como forma de resistir às manifestações concretas do *cyberbullying*. A barbárie ronda a nossa existência e a desbarbarização surge como uma questão de sobrevivência da educação, libertando os sujeitos dos tabus e das opressões existentes pelo sentimento do agir humano e da aventura cultural. Nas palavras de Adorno (2006, p. 116),

A minha geração vivenciou o retrocesso da humanidade à barbárie, em seu sentido literal, indescritível e verdadeiro. Esta é uma situação em que se revela o fracasso de todas aquelas configurações para as quais vale a escola. Enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto.

Tal cenário traz problemáticas sociais e desequilíbrios emocionais às vítimas que demandam ações das mais diversas nos espaços educacionais para restabelecer a convivência social segura. Ou seja, as escolas precisam construir experiências compartilhadas e redes de apoio que assegurem a erradicação da violência, no interior das instituições escolares, uma vez que o *bullying* é uma prática tão antiga quanto a escola. Ao retomarmos o conceito de *cyberbullying* visamos preencher algumas

lacunas deixadas pela violência que não é elucidada e debatida na cultura<sup>11</sup> escolar e na própria ação educativa, sendo um desafio da intercomunicação no cotidiano escolar. Frente a isso, erguem-se alguns questionamentos sobre o tema: Quais são os desafios atuais da educação diante do *cyberbullying*? Qual a importância de debater o fenômeno do *cyberbullying* no ambiente escolar neste tempo tão complexo e controverso que vivemos? Quais os impactos e as medidas preventivas que os professores e a comunidade escolar poderiam desenvolver em relação aos atos de violência praticados via mídias sociais, que reverberam no ambiente educacional?

Nesse contexto plural de perguntas, projetamos os seguintes objetivos geral e específicos: - Investigar em artigos, teses e dissertações do campo da educação, no período de 2017 a 2022, as produções científicas acerca do *cyberbullying* no ambiente escolar, para estabelecer uma compreensão das violências infiltradas e praticadas na vida escolar. Para os desdobramentos deste objetivo geral, elencamos como objetivos específicos: A) Diagnosticar as principais tendências inscritas nas pesquisas do campo da educação sobre *cyberbullying* no cotidiano escolar. B) Reunir os impactos causados por esse fenômeno nas escolas, analisando as ações preventivas e interdisciplinares que os professores e a comunidade escolar podem desenvolver em relação a esse tema. C) Compreender as possíveis lacunas existentes nestas pesquisas acerca do *cyberbullying* para potencializar caminhos de sensibilidade pedagógica e experiências do trabalho cooperativo nos diferentes mundos da cultura escolar e digital.

Sendo assim, é imprescindível um mapeamento das situações vigentes para acompanhar os condicionamentos dessas violências nas escolas, no sentido de encontrar caminhos de humanidade através de um olhar panorâmico acerca das produções científicas, identificando as principais tendências do fenômeno, assimilando as linguagens da cultura escolar e suas influências desde a cultura infantil. Conforme diz Adorno (2006, p. 147), “penso ser necessário que, desde o início, na primeira educação infantil, o processo de conscientização se desenvolva paralelamente ao processo de promoção da espontaneidade”. Todos os sujeitos da

---

<sup>11</sup> Cultura provém da expressão *colere* que significa acompanhar o crescimento, abrir a terra e cultivar aquilo que o sujeito tem de melhor. Daí que para combater a violência (irracional, animal) precisamos jogar as sementes de humanidade, da comunicação e dos direitos humanos.

educação presentes no ambiente escolar, bem como pais e estudantes devem estar aptos a identificar situações de desrespeito, descontrole, embrutecimento e opressão.

A análise detalhada do *cyberbullying* no contexto educacional, como mencionado anteriormente, desempenha um papel crucial na preparação para abordar as formas de violência nas escolas. Afinal de contas, “sem um trabalho pedagógico para evitá-la, a barbárie continuará presente como um processo desumanizante”. (CONTE; BRANCO; SOARES, 2019, p. 115). Essa organização teórica tem o intuito de possibilitar ao leitor a compreensão da temática abordada, a partir das problemáticas da prática do *cyberbullying*, dos objetivos traçados, do desenho metodológico e da sua justificação na radical historicidade humana, hoje em constante intercâmbio *online*, que se sustenta no processo de elaboração das experiências e dos possíveis legados dessa pesquisa.

Assim, partimos dos pressupostos científicos e educativos para refletir e questionar, do ponto de vista hermenêutico, as possibilidades de ampliar a nossa interpretação e compreensão a respeito dos comportamentos violentos e intimidações no ambiente escolar, em consequência das redes sociais e da dificuldade de problematizar as violências desses meios. O delineamento de finalidades, conforme refere Gil (2002, p. 43), é o “planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, que envolve tanto a diagramação quanto a previsão de análise e interpretação de coleta de dados”.

Estabelecemos como fontes documentais o relatório da Unesco (2019) e as pesquisas atuais que versam sobre a tríade *cyberbullying*, redes sociais e violência escolar, tendo por base as produções de teses, dissertações e artigos do Brasil. Faremos uma pesquisa exploratória com revisão de literatura e selecionamos alguns interlocutores como Castells (2003), no quesito das redes sociais, Pierre Lévy (1999) e Paula Sibilia (2012), que inspiram as discussões acerca da cultura digital na escola, bem como Antônio Álvaro Soares Zuin (2017) que discute sobre *cyberbullying* e Bauman (2007), abordando as complexidades e controvérsias da sociedade contemporânea. Também, identificamos algumas palavras-chave e fontes confiáveis de dados em plataformas eletrônicas (SciELO e BDTD), para facilitar as buscas e a revisão teórica. Assim, na seleção da amostragem estabelecemos critérios de inclusão e exclusão realizando, de forma seletiva e criteriosa, a avaliação para reunir os achados e posterior refinamento da argumentação.

Com os estudos selecionados, procuramos compreender as interligações e principais tendências do fenômeno do *cyberbullying*, das concepções aproximadas, dos seus impactos e ações preventivas que podem ser desenvolvidas nas escolas em relação a tais atos (gatilhos de violência) e que repercutem de forma negativa no ambiente escolar. Também, na medida do possível, faremos uso de imagens como narrativas para mostrar essas tensões do fenômeno em questão.

Quanto à nossa escolha de estrutura do trabalho, ele é composto e se apoia em cinco seções distintas, cada uma com o propósito de abordar aspectos específicos em resposta à nossa pergunta central. Na seção inicial, intitulada *Considerações Iniciais*, apresentamos as problemáticas que motivam a pesquisa, definindo os objetivos e justificando sua relevância nas análises como um todo.

Na segunda seção, que se concentra a *Abordagem Metodológica*, detalhamos as estratégias e o passo a passo utilizado na tradução dessa pesquisa. Contextualizando a pesquisa e apresentando os rastros obtidos nas plataformas pesquisadas. Esses resultados serão discutidos em profundidade nas seções subsequentes, fazendo os cruzamentos dos dados com as informações da Unesco (2019, 2020), além de outras referências do campo.

A terceira seção se dedicou a explorar o tema *Cyberbullying e Violência*, neste ponto, examinamos cuidadosamente os principais conceitos que emergiram da pesquisa bibliográfica e destacamos suas relações com o comportamento impulsivo e embrutecedor do *cyberbullying*. Também, analisamos como esses conceitos impactam nas questões pedagógicas, de autocontrole da violência e maturidade humana, contribuindo para uma compreensão mais profunda sobre o fenômeno.

A quarta seção é *Cyberbullying e Educação*, tópico em que aprofundamos ainda mais nossos esforços em trazer informações cruciais relacionadas a essa temática, para mostrar saídas humanas, interferir com respostas humanas à violência, enfrentando as causas de padrões instintivos de reação, realizando cruzamentos significativos com autores e obras que fomentam o nosso potencial humano. Isso nos permitirá ter uma visão mais abrangente sobre o assunto, considerando as perspectivas da educação global.

Por fim, na quinta seção anunciamos as *Considerações Finais* do que foi pesquisado, com uma análise geral das conexões conceituais e retorno deste estudo. Nesta etapa, apresentamos nossas conclusões finais sobre o tema, assinalando alguns marcos que poderão trazer implicações práticas para outras pesquisas. À

medida que avançamos em direção a um futuro cada vez mais conectado digitalmente, é fundamental que nossas práticas pedagógicas e estratégias de intervenção sejam sensíveis às dimensões humanas para amenizar a conhecida paisagem das violências do ambiente escolar e das redes, de forma dialógica e colaborativa. Por fim, apresentamos as referências consultadas da efetividade do pensamento dos autores, que emergem para uma realidade em que se faz necessário buscar novas formas de reconhecimento da escola frente a esse fenômeno complexo e contraditório.

## **1.1 Justificativa**

### **1.1.1 Trajetória pessoal e relações com a pesquisa**

Eu, Carla, natural de Porto Alegre/RS, minha trajetória de infância ocorreu de forma quase normal. Meu pai ficou viúvo do primeiro casamento com 3 filhos quando veio a se casar com a minha mãe, tendo mais um casal de filhos e um adotivo. Ao todo, a família era composta por quatro filhos homens e duas filhas mulheres. Sendo que uma das filhas já havia se casado e não participava mais do convívio familiar. A convivência com meu pai, com meu irmão de sangue e com os meus irmãos por parte de pai durou até os meus 22 anos, quando meu pai veio a falecer. Desde então, tenho presente na minha vida a minha mãe, com 91 anos e o meu irmão consanguíneo. Na infância era um ambiente repleto de diferenças, cheio de criatividade, modernidade, competição e conflitos, mas onde não faltava amor. Lembro-me bem que na época de infância meus irmãos implicavam muito comigo, porque eu era gordinha. Também me recordo das falas do meu pai que utilizava um termo bem pejorativo *parasita*, uma palavra bem forte para uma criança ouvir, mas hoje percebo o quanto esta palavra teve importância na minha formação. Da forma como era dita, com o sentido de não ser malandro, aproveitador e sim alguém digno e trabalhador. A palavra utilizada não possuía um tom delicado, mas é um legado deixado em minha vida que me fez compreender o mundo. Uma primeira infância tão intensa que se transformou em propósitos e anseios para minha vida futura.

As implicâncias nas brincadeiras com os meus irmãos com meu corpo (nesta época não existia o termo *bullying*), bem como nas aulas de educação física escolar

onde tinha que dar muitas voltas na quadra e também as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC), tudo isso representam as marcas, rastros e um esboço do que hoje me proponho a investigar. A convivência familiar e a educação foram as minhas maiores referências para a escolha profissional e da atual aventura em busca pelo aprofundamento teórico do conhecimento no curso de mestrado.

Este não é um detalhe menor, mas me recordo muito dos meus irmãos se comunicando com outras pessoas de outros estados através de um rádio chamado PX e, posteriormente, também de ficar muito curiosa e atenta aos comandos dados por um teclado que era visto em uma tela de televisão. O meu irmão chamava de TK e era uma espécie de computador doméstico da época. Segue abaixo a figura 1 que está registrada em minha memória.

Figura 1 - Imagens da Infância



Fonte: Internet<sup>12</sup>

Entre os apelidos que os meus irmãos me davam, as engenhocas que eles usavam em casa e as minhas brincadeiras de professora provocaram muitas inquietações sobre a minha vida futura. Reuni tudo isso e descobri a vontade de me formar em Educação Física e de ser professora. Posteriormente, consegui me lançar com força nas descobertas educativas e alimentar a minha curiosidade desde a infância e fui fazer pós-graduação na área de cultura digital.

<sup>12</sup> Link imagem 1: <http://gg.gg/12zyft> e link imagem 2: <http://gg.gg/12zyft>

Iniciei a minha vida acadêmica no curso de licenciatura plena em Educação Física, no ano de 2000, na instituição de ensino Centro Universitário Metodista (IPA), em Porto Alegre. Foram dois anos muito intensos, precisei vencer e desmistificar muitos preconceitos que possuía e que sofri na infância. Mas valeu muito a pena, foram muitas aprendizagens, muitas amizades, muitos estudos e a confirmação de que para alcançar o sentido do conhecimento e novas possibilidades é necessário muito trabalho, esforço e persistência. Neste período, tive a oportunidade, por três anos, de participar do projeto Esporte Brasil (PROESP), do qual pude desenvolver o gosto pela investigação e pela escrita acadêmica. Uma mudança radical e de empoderamento, para quem por muitos anos acreditava que tinha limitações por ser gordinha e não teria muitas oportunidades na vida. Durante toda a caminhada acadêmica, pude me aprimorar não só profissionalmente, mas, principalmente, me comprometer com os percursos formativos e socioeducacionais de permanecer aprendendo, mediante a socialização de experiências que a instituição educativa tinha me proporcionado.

No ano de 2012, passei no concurso da Prefeitura Municipal de Canoas/RS, para o cargo de Professora de Educação Física para atuar no ensino fundamental onde iniciei as minhas atividades profissionais. Me deparei com algumas realidades distintas até então, não vivenciadas por mim. Essa transição de área de trabalho e as dificuldades encontradas me fizeram repensar como eu poderia contribuir com os processos de ensino e de aprendizagem, por meio das práticas educativas da Educação Física. No ano de 2017, após analisar as demandas da escola e vendo algumas lacunas que poderiam ser preenchidas, percebi que era o momento de retornar os estudos e as pesquisas. Para tanto, busquei respaldo em uma nova área que esteve presente na minha vida desde a infância, as tecnologias.

Após o retorno das aulas presenciais, devido ao isolamento físico e social da pandemia (COVID-19) em 2022, percebi algumas mudanças triviais de certos artefatos midiáticos que ensinam novos modos de comportamento, de estética e de conduta dos estudantes fora e dentro do ambiente escolar. Principalmente, em relação às agressões, uns contra os outros, não só fisicamente, mas, também, os padrões de normalidade nos ataques que são disseminados com uma roupagem nova através do meio cibernético. Algumas organizações internacionais estão chamando a atenção para o aumento da violência escolar no mundo nos últimos tempos. Conforme a Unesco (2019, p. 8), crianças e adolescentes “[...] estão expostas a brigas nos pátios

escolares [...]. Novas manifestações de violência também afetam a vida destas crianças, especialmente o fenômeno do *bullying* virtual (*cyberbullying*) por meio de celulares, computadores, sites e redes sociais”.

Foi neste momento que percebi que tais mudanças ocorridas no cenário educacional exigiam um olhar diferente, mais acolhedor e de reciprocidade nas escutas para com estes estudantes. Dessa maneira, surgiram as minhas inquietações e problemáticas anunciadas nessa pesquisa, provenientes da minha caminhada pessoal e profissional. Com essas preocupações acerca dos comportamentos agressivos dos estudantes foi que submeti o projeto para o mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa 3 - Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação, no qual ingressei em 2022, sob orientação da Profa. Dra. Elaine Conte. Fui contemplada com a bolsa em parceria com a Prefeitura Municipal de Canoas, a qual tem me possibilitado fazer o curso e me dedicar em tempo parcial, mas de forma muito intensa à pesquisa e aos estudos acerca do *cyberbullying*, tornando, assim, possíveis novas buscas rumo à compreensão de um fenômeno que está presente em todas as dimensões da vida atual e profissional.

As transformações nos padrões construídos na visibilidade dos corpos e das telas trouxeram novas formas de se comunicar e socializar, modificando o relacionamento interpessoal. Tokunaga (2010) afirma que tais violências estão associadas a sérios problemas psicossociais, afetivos e acadêmicos, cujas escolhas comunicacionais operam, por vezes, como meios para ampliar práticas sociais negativas, como comportamentos que se direcionam a hostilizar, denegrir e/ou perseguir outros. Tais práticas podem ser caracterizadas, conforme Brandão (2020, p. 19), como *cyberbullying* que é “todo tipo de violência intencional com o interesse de causar danos, envergonhar, excluir socialmente, ameaçar indivíduos por meio das tecnologias de informação e comunicação (as TIC)”. Reis (2021) também reforça e valida esse pensamento, ao referir que para essa nova classe de jovens se faz necessário re(aprender) a conviver, sendo uma tarefa educativa que almeja construir a ética da alteridade (alter-ética), buscando criar vínculos entre as pessoas e superar o individualismo gerado pelas conexões em rede.

Parece que as novas gerações falam uma língua bem diferente daquela que costumava servir de referência para os processos educativos nas escolas. As mudanças que o mundo vem passando nos fazem refletir a respeito das obras de Zygmunt Bauman (1998), pois dialogam com a pesquisa acerca das relações

conflituosas e tensas dos constrangimentos dos artefatos culturais que monopolizam certas violências entre os sujeitos. No livro *O mal-estar da pós-modernidade*, Bauman (1998) considera que as intensas transformações sociais da era pós-moderna são marcadas pelos desejos de liberdade e de felicidade dos indivíduos através de um mundo constituído por uma infinidade de identidades. Entretanto, estamos vivendo em um tempo cheio de conflitos, estranhamentos e contradições. Bauman, destaca alguns dos estranhamentos:

Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. [...] vomitar os estranhos bani-los dos limites do mundo ordeiro e impedi-los de toda comunicação com os do lado de dentro. [...] confinar os estranhos dentro de paredes visíveis dos guetos, ou atrás das invisíveis, [...] expulsar os estranhos para além das fronteiras do território administrado ou administrável; ou, quando nenhuma das duas medidas fosse factível, destruir fisicamente os estranhos. [...] Os estranhos de hoje são subprodutos, mas também os meios de produção no incessante, porque jamais conclusivo, processo de construção da identidade. Eles podem tentar condensar o difuso ressentimento dos fracos numa investida contra os estranhos igualmente fracos, fazendo assim do medo e da ira a argamassa para os alicerces do seu próprio poder, tão tirânicos e intolerantes quanto é capaz de ser o poder [...]. A questão já não é como se livrar dos estranhos e do diferente uma vez por todas, ou declarar a diversidade humana apenas uma inconveniência momentânea, mas como viver com a alteridade, diária e permanentemente. (BAUMAN 1998, p. 27- 44).

É nesta perspectiva que os *estranhos* de Bauman nos fazem refletir sobre uma outra dimensão de entendimento, acerca das práticas educativas, reforçando o quanto está sendo complexo e controverso o ensino na contemporaneidade. Logo, se faz necessário compreendermos melhor os comportamentos violentos e excludentes normalizados pelo *cyberbullying*, para que possamos conduzir ações coletivas e de uma cultura de paz dentro do ambiente escolar. A Unesco (2017, p. 9) considera que “não raro, os que declaram praticar *cyberbullying* também declaram sofrer *cyberbullying*”, mostrando o quanto essas ofensas são prejudiciais e repercutem no fenômeno antigo de que a *violência simbólica gera violência*.

### **1.1.2 Relevância acadêmico-científica e social**

A escola é um espaço de interação social, de cuidado, de segurança, de formação cultural, de desenvolvimento da globalidade humana e de aprendizagens sociais. Na obra *Sobre a Pedagogia*, Kant (2002, p. 444; p. 447) refere que “o homem

é o único ser que precisa ser educado; [E] entre as descobertas humanas há duas difíceis, e são: a arte de governar os homens e a arte de educá-los”. No entanto, para educar era preciso, segundo o autor, domar os instintos humanos através da disciplina, ou seja, uma natureza que deveria ser normatizada, regada, para avançar na busca da instrução e da civilização voltada para a maioria. Nesse discurso moderno do exercício das forças da índole, que transformava a coação externa em liberdade e autonomia, também residia as formas de violência escolar para domesticar os corpos e as mentes desde a tenra idade. Uma imagem narrativa deste período disciplinar, de vigiar e punir, segue abaixo na figura 2.

Figura 2 - Exame de Datilografia em São Paulo (anos 60)



Fonte: *Facebook (online)*<sup>13</sup>

Atualmente, estamos vivenciando um fato preocupante, a violência escolar por meio de ataques via *cyberbullying* que impacta em várias áreas de pesquisa, trazendo as marcas de mecanismos subjetivos. Trata-se de uma nova topologia da violência que passa pelos sentidos humanos e invade todas as instâncias da vida em sociedade, numa perspectiva panorâmica e global (HABOWSKI; CONTE, 2021). De

---

<sup>13</sup> Disponível em:

[https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=pfbid02Yf2aBQAgydpkjgj1Zu6Jm5qvu1GYSpAT7PNttDYHDTFzyA4xgCjecXqo3its5oF2l&id=100064534282689&sfnsn=wiwspwa&mibextid=5hvk5e](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02Yf2aBQAgydpkjgj1Zu6Jm5qvu1GYSpAT7PNttDYHDTFzyA4xgCjecXqo3its5oF2l&id=100064534282689&sfnsn=wiwspwa&mibextid=5hvk5e)

maneira análoga às ideias mencionadas, uma imagem desta mudança é mostrada na figura 3.

Figura 3 - Dos velhos tempos às novas roupagens da violência



Fonte: Redes sociais (*online*)<sup>14</sup>

“A violência global repercute em modificações perceptivas, cognitivas e comportamentais entre o império do controle e dos conflitos”. (HABOWSKI; CONTE, 2021, p. 3). Tais violências simbólicas trazem desdobramentos educativos, especialmente no aumento de comportamentos agressivos entre crianças e adolescentes, tornando o ambiente escolar um local de desatenção e insegurança, seja por ameaças, violações, exclusão, coerção, dispersão e até do sistema normalizado pelas perturbações da comunicação. Muitos estudantes sofrem ataques cibernéticos pela internet onde os agressores usam as redes sociais para intimidar as vítimas. Por isso, é fundamental ampliar a compreensão sobre esse fenômeno e fazer uso do pensamento crítico para debater e problematizar tais ações de poder e comportamentos entre estudantes, professores e a comunidade escolar.

As maiores evidências de pesquisas encontram-se em estudos internacionais, no Brasil existem poucas publicações científicas que abordam o tema com um olhar

---

<sup>14</sup> Link: <https://twitter.com/occupyrio/status/1091326843783966720>

pedagógico para o fenômeno. Reforçando essas carências, o estudo de Bozza e Vinha (2017) analisou os programas educativos, a nível nacional e internacional, de combate e prevenção ao *cyberbullying* nas escolas. Verificam que existem iniciativas desenvolvidas em diversas partes do mundo ao combate do *cyberbullying*, no entanto, constataam que tais programas são escassos ou inexistentes no contexto escolar brasileiro. A partir destas justificativas, iniciamos as buscas em duas coleções, sendo que a primeira foi no portal de periódicos da Biblioteca Eletrônica Científica Online (*Scientific Electronic Library Online – SciELO*<sup>15</sup>) e a segunda na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD<sup>16</sup>). A primeira busca foi feita na biblioteca da SciELO, por meio da palavra-chave *cyberbullying* e foram encontrados cento e trinta e três (133) artigos até a data de 08 de fevereiro de 2023 em diferentes áreas (psicologia, sociologia, políticas públicas, direito, entre outras), não relacionados especificamente a nossa área de investigação.

Mesmo assim, trazemos uma síntese destas buscas e de todas as produções rastreadas, por meio dos títulos, país de origem, ano de publicação, tendo como critério a antiguidade, as áreas temáticas e o tipo de literatura. Elas estão representadas no quadro 1, na figura 4 e no gráfico 1 que seguem abaixo.

Quadro 1 - Pesquisa exploratória sem o uso de critérios SciELO

Artigo	Ano	País	Área
1. <i>Cyberbullying</i> : forma virtual de intimidación escolar	2011	MX	MED
2. Internet y pánico moral: revisión de la investigación sobre la interacción de niños y jóvenes con los nuevos medios	2011	CO	PSI
3. <i>Cyberbullying</i> : Nueva tecnología electrónica al servicio del acoso escolar en alumnos de dos distritos de Lima, Perú	2012	PE	MD
4. Nuevas formas de violencia entre pares: del <i>bullying</i> al <i>cyberbullying</i>	2012	UY	MD
5. Agresiones entre adolescentes a través del teléfono móvil y de Internet	2012	ES	ED
6. Validación de la escala de victimización entre adolescentes a través del teléfono móvil y de internet	2012	ES	PSI
7. Comunicación electrónica y <i>cyberbullying</i> : Temas emergentes para la investigación e intervención socioeducativa	2012	CO	ED
9. Impacto de la ansiedad social, las habilidades sociales y la cibervictimización en la comunicación online	2012	ES	ED
10. Reflexões acerca das estruturas psíquicas e a prática do <i>Cyberbullying</i> no contexto da escola	2012	BR	ED
11. <i>Cyberbullying</i> en colegios privados y estatales de primaria en dos distritos de Lima Metropolitana	2013	PE	ED

<sup>15</sup> Link: <https://scielo.org/>

<sup>16</sup> Link: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>

12. Evaluación de la efectividad del Programa Vínculos para la prevención e intervención del <i>Bullying</i> en Santiago de Chile	2013	CL	ED
13. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do <i>cyberbullying</i>	2013	BR	ED
14. <i>Cyberbullying</i> : percepções acerca do fenômeno e das estratégias de enfrentamento	2014	PT	ED
15. Plataformas comunicacionales del <i>cyberbullying</i> : Una aplicación empírica en dos colegios de la quinta región, Chile	2014	CL	ED
16. Simbiosis vital para describir el <i>cyberbullying</i> en Colombia	2014	CO	ED
17. Caracterización de <i>cyberbullying</i> en el gran Santiago de Chile, en el año 2010	2014	CL	ED
18. <i>Cyberbullying</i> : Should schools choose between safety and privacy?	2015	ZA	ED
19. <i>Cyberbullying</i> and adolescent mental health: systematic review	2015	BR	ED
20. <i>Cyberbullying</i> in South African and American schools: A legal comparative study	2015	ZA	DIR
21. <i>Bullying</i> y <i>cyberbullying</i> : diferencias entre colegios públicos-privados y religiosos-laicos	2015	ES	PSI
22. Violencia virtual y acoso escolar entre estudiantes universitarios: el lado oscuro de las redes sociales	2015	MX	ED
23. <i>Cyberbullying</i> en adolescentes y jóvenes del País Vasco: cambios con la edad	2015	ES	PSI
24. Confiabilidad y validez de un instrumento que mide determinantes perceptuales del acoso a través de internet	2016	MX	ED
25. Emoções no <i>cyberbullying</i> : um estudo com adolescentes portugueses	2016	PT	ED
26. Propiedades psicométricas de un instrumento de acoso cibernético en estudiantes universitarios mexicanos	2016	MX	ED
27. Relaciones entre el <i>bullying</i> y el <i>cyberbullying</i> : prevalência y co-ocurrencia	2016	ES	ED
28. Violencia en la red social: una indagación de expresiones online en adolescentes de sectores populares marginalizados del Área Metropolitana de Buenos Aires	2016	AR	SOC
29. El ciberacoso y su relación con el rendimiento académico	2016	MX	TI
30. Conductas de ciberadicción y experiencias de <i>cyberbullyng</i> entre adolescentes	2016	ES	PSI
31. Controversias de la psicopatía en la adolescencia: a propósito de un caso	2016	ES	MD
32. <i>Bullying</i> e formação de professores: contributos para um diagnóstico	2016	PT	ED
33. Boys' and girls' <i>cyberbullying</i> behaviours in Portugal: exploring sex differences in adolescence using gender lenses	2016	PT	ED
34. Frecuencia y factores asociados al acoso escolar en colegios públicos	2016	CO	ED
35. Conducta antisocial: conexión con <i>bullying/cyberbullying</i> y estrategias de resolución de conflictos	2017	ES	PSI
36. Students' cybersecurity awareness at a private tertiary educational institution	2017	ZA	ED
37. <i>Bullying/Cyberbullying</i> in 5th and 6th grade: differences between public and private schools	2017	ES	PSI
38. Fortalecimiento de las competencias docentes para atender el <i>cyberbullying</i> en una secundaria pública colombiana	2017	CO	TI*
39. Redes sociales: del ciberacoso a los grupos de apoyo online con víctimas de acoso escolar	2017	ES	PSI
40. Retos y desafíos de la adaptación transcultural del Cuestionario de	2017	AR	PSI

Ciberagresión en una muestra de estudiantes argentinos			
41. <i>Cyberbullying</i> e Esquemas Iniciais Desadaptativos em Adolescentes Brasileiros	2017	BR	PSI
42. <i>Cyberbullying: Motivos Da Agressão Na Perspetiva De Jovens Portugueses</i>	2017	PT	PSI
43. <i>Bullying y cyberbullying</i> en Colombia; coocurrencia en adolescentes escolarizados	2017	CO	PSI
44. Ciberacoso y comportamiento suicida. ¿Cuál es la conexión? A propósito de un caso	2017	CO	MD
45. <i>Cyberbullies, cybervictims and cyberbullies-victims: Discriminant factors in portuguese adolescents</i>	2017	PT	PSI
46. Análisis psicométrico del Cuestionario de Agresores/Víctimas de Olweus en español	2018	AR	PSI
47. <i>Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde</i>	2018	BR	SP
48. <i>Bullying y Cyberbullying</i> en Latinoamérica. Un estudio bibliométrico	2018	CO	PSI
49. Diseño y validación de la escala para la detección de violencia en el noviazgo en jóvenes en la Universidad de Sevilla	2018	ES	ENF*
50. Riesgo suicida asociado a <i>bullying</i> y depresión en escolares de secundaria	2018	PE	MED
51. <i>Grooming, Cyberbullying y Sexting</i> en estudiantes en Chile según sexo y tipo de administración escolar	2018	ES	PSI
52. Ciberacoso en una muestra de adolescentes de instituciones educativas de Bucaramanga	2018	CO	ED
53. <i>Cyberbullying and coping strategies in adolescents from Southern Brazil</i>	2018	BR	ED
54. El Sexting a través del discurso de adolescentes españoles	2018	ES	ED
55. Efectos de un programa de competencias emocionales en la prevención de <i>cyberbullying</i> en bachillerato	2018	MX	PSI
56. Conocimiento e identificación del <i>cyberbullying</i> por parte de docentes de Buenos Aires	2018	AR	PSI
57. A comparison of gender, age, grade, and experiences of authoritarian parenting amongst traditional and <i>cyberbullying</i> perpetrators	2018	ZA	PSI
58. <i>Bullying y cyberbullying: diferencias en función del sexo en estudiantes de quinto y sexto curso de educación primaria</i>	2018	ES	ED
59. Uso seguro y responsable de las TIC: una aproximación desde la tecnoética	2018	CO	*CS
60. Manifestaciones de violencias entre alumnos de educación superior: Los usos del WhatsApp	2018	MX	ED
61. Sex and grade differences in <i>cyberbullying</i> of Spanish students of 5th and 6th grade of Primary Education	2018	ES	ED
62. Respuestas subjetivas al ciberacoso mediante teléfonos celulares: un estudio en adolescentes de educación secundaria	2018	MX	ED
63. Cybervictimización y ciberagresión en estudiantes universitarios: problemas emocionales y uso problemático de nuevas tecnologías	2018	AR	*SAU
64. Uso problemático de internet, <i>cyberbullying</i> y ciber-violencia de pareja en jóvenes universitarios	2018	MX	ED
65. <i>Psychological adjustment in cybervictims and cyberbullies in secondary education</i>	2019	ES	PSI
66. <i>Cyberbullying, psychosocial adjustment, and suicidal ideation in adolescence</i>	2019	ES	PSI
67. Victimization and perpetration of <i>bullying/cyberbullying: connections with</i>	2019	ES	PSI

emotional and behavioral problems and childhood stress			
68. Emotional and academic effects of <i>cyberbullying</i> on students in a rural high school in the Limpopo province, South Africa	2019	ZA	*CHS
69. Ciberacoso como factor asociado al malestar psicológico e ideación suicida en adolescentes escolarizados mexicanos	2019	MX	PSI
70. <i>Cyberbullying</i> e comunicação de teor homofóbico na adolescência: estudo exploratório das suas relações	2019	PT	PSI
71. <i>Does cyberbullying occur simultaneously with other types of violence exposure</i>	2019	BR	MD
72. Aproximación al estudio de los tipos de violencia escolar percibidos por el alumnado universitario	2019	ES	DIR
73. ¿Qué saben nuestros niños de la escuela primaria sobre acoso escolar?	2019	ES	MD
74. Prevalencia del <i>bullying</i> en México: un meta-análisis del <i>bullying</i> tradicional y <i>cyberbullying</i>	2019	MX	PSI
75. El <i>cyberbullying</i> y su relación con el estrés percibido en estudiantes de bachillerato de la provincia de Tungurahua	2019	MX	PSI
76. Variables que discriminan el perfil del ciberacosador en adolescentes Mexicanos	2019	MX	PSI
77. Agresión En Las Redes Y Adolescencia: Estado Actual En América Latina Desde Una Perspectiva Bibliométrica	2019	AR	PSI
78. <i>Cyberbullying</i> : família, escola e tecnologia como stakeholders	2019	BR	DIR
79. <i>Bullying</i> y <i>cyberbullying</i> : diferencias de sexo en víctimas, agresores y observadores	2019	ES	ED
80. Variables familiares relacionadas con el <i>bullying</i> y el <i>cyberbullying</i> : una revisión sistemática	2019	ES	PSI
81. Programas de intervención en acoso escolar y ciberacoso en educación secundaria con eficacia evaluada: una revisión sistemática	2019	ES	PSI
82. Variables individuales y sociales en estudiantes universitarios ciberacosadores	2020	ES	PSI
83. Variables individuales y sociales que explican la funcionalidad familiar en adolescentes	2020	MX	ED
84. Adolescentes frente a los riesgos en el uso de las TIC	2020	PE	ED
85. A Autoridade Pedagógica Diante Da Tecnologia Algorítmica De Reconhecimento Facial E Vigilância	2020	BR	ED
86. <i>Web Radio: Educational Nursing Care Technology Addressing Cyberbullying Students' Statements</i>	2020	BR	ED
87. Factores asociados al ciberacoso en adolescentes. Una perspectiva ecológico-social	2020	MX	ED
88. <i>Cyberbullying</i> desde la perspectiva del estudiantado: "Lo que vivimos, vemos y hacemos".	2020	CR	EI
89. <i>Cyberbullying</i> y Ciberviolencia de pareja en alumnado de una universidad privada mexicana	2020	MX	PSI
90. Acoso escolar ( <i>bullying</i> ) como factor de riesgo de depresión y suicidio	2020	CL	MD
91. Ciberacoso desde la perspectiva docente. Discursos, percepciones y estrategias de profesores en dos ciudades de Chile y México	2020	CL	ED
92. ¿Qué informa la prensa escrita argentina acerca del fenómeno de <i>cyberbullying</i> ?	2020	AR	PSI
93. Estructura factorial y fiabilidad del <i>Cyberbullying</i> Questionnaire (CBQ) y su complemento (CBQ-V) en adolescentes ecuatorianos	2020	ECU	PSI
94 La violencia, ¿es una realidad persistente de la adolescencia del siglo XXI?	2020	ES	CS

95. Acoso escolar, ciberacoso y las nuevas tecnologías de la información y la comunicación	2020	CUB	MD
96. Una revisión sobre emociones asociadas al ciberacoso en jóvenes adultos	2020	AR	CS
97. Longitudinal patterns of antisocial behaviors in early adolescence: a latent class and latent transition analysis	2020	ES	PSI
98. Associations between <i>cyberbullying</i> victimization and depressive symptoms in early adolescence	2021	BR	MED
99. De víctimas, perpetradores y espectadores: una meta-etnografía de los roles en el <i>cyberbullying</i>	2021	AR	SP
100. Ira y <i>cyberbullying</i> entre adolescentes: amistad, injusticia e imagen en entornos digitales	2021	CO	PSI
101. <i>Cybervictimization, offline victimization, and cyberbullying: the mediating role of the problematic use of social networking sites in boys and girls</i>	2021	ES	PSI
102. Ciberacoso y respuestas subjetivas en redes sociales. Estudio comparativo entre escolares de secundaria y preparatoria	2021	MX	ED
103. <i>Effects of a brief preventive intervention in cyberbullying and grooming in adolescents</i>	2021	ES	PSI
104. Moral disengagement strategies in online and offline <i>bullying</i>	2021	ES	PSI
105. <i>Are loneliness and emotional intelligence important factors for adolescents? Understanding the influence of bullying and cyberbullying victimisation on suicidal ideation</i>	2021	ES	PSI
106. <i>Sex differences in adolescent bullying behaviours</i>	2021	ES	PSI
107. Acoso escolar desde la visión de los observadores. Redes sociales y violencia física en una preparatoria de Jalisco, México	2021	MX	ED
108. <i>Cyberbullying</i> en posgrado	2021	MX	ED
109. Una tipología del ciberacoso en jóvenes	2021	CO	PSI
110. Comparación de ciberacoso y autoeficacia en redes sociales: Ciudad de México y Estado de México	2021	MX	PSI
111. La orientación a padres. Opción preventiva frente a relaciones interpersonales violentas	2021	ECU	SOC
112. <i>El Cyberbullying como reto para la Educomunicación</i>	2021	VIE*	*CO
113. <i>The modelling effect of emotional competence on cyberbullying profiles</i>	2021	ES	PSI
114. El ciberacoso. Una aproximación a la opinión del alumnado de Educación Primaria	2021	ES	ED
115. El sexting como vía de materialización de la violencia: prácticas y consecuencias en alumnado universitario de Nuevo León y Jalisco	2021	MX	PS
116. <i>Bullying</i> y apoyo social percibido en una muestra de escolares chilenos de la región del Maule	2021	CL	PSI
117. <i>Cyberbullying</i> . argumentos, acciones y decisiones de acosadores y víctimas en escuelas secundarias y preparatorias de Colima, México	2021	MX	ED
118. Analysis of mental health in <i>cyberbullying</i> victims and perpetrators in Spanish and Colombian adolescents	2021	ES	PSI
119. <i>Cyberbullying</i> no contexto escolar: a percepção dos professores	2022	BR	PSI
120. Redes sociales y ciberacoso en los trastornos de la conducta alimentaria	2022	ES	NT
121. Autoestima, imagen personal y acoso escolar en los trastornos de la conducta alimentaria	2022	ES	NT
122. Serious game-based psychosocial intervention to foster prosociality in <i>cyberbullying</i> bystanders	2022	PT	PSI

123. <i>Bullying, cyberbullying</i> and mental health: the role of student connectedness as a school protective factor	2022	ES	ED
124. <i>Bullying</i> entre adolescentes brasileiros: evidências das Pesquisas Nacionais de Saúde do Escolar, Brasil, 2015 e 2019	2022	BR	ENF
125. <i>Cyberbullying</i> perpetration and victimisation amongst adolescent psychiatric patients at Lentegeur Hospital, South Africa	2022	ZA	MD
126. Securing the cybersafety of South African online high school learners beyond COVID-19	2022	ZA	ENG
127. Representações sociais invadidas e maculadas por <i>cyberbullying</i>	2022	BR	BIO
128. Conductas de intimidación como forma de violencia en tiempos de pandemia y repercusión en la salud mental	2022	CUB	MD
129. Estrategias cognitivas para afrontar situaciones de acoso/ciberacoso: diferencias entre chicos y chicas	2022	ES	PSI
130. Anxiety and depression from cybervictimization in adolescents: a metaanalysis and meta-regression study	2022	ES	PSI
131. Violencia virtual contra el colectivo LGBTQI+: Una revisión sistemática	2022	ES	CS
132. <i>Bullying e cyberbullying</i> : intervenções realizadas no contexto escolar	2022	BR	PSI
133. El efecto de la desvinculación moral sobre el acoso escolar, el ciberacoso y otros comportamientos disruptivos en niños(as) y adolescentes. Una revisión de la literature	2022	CO	PSI

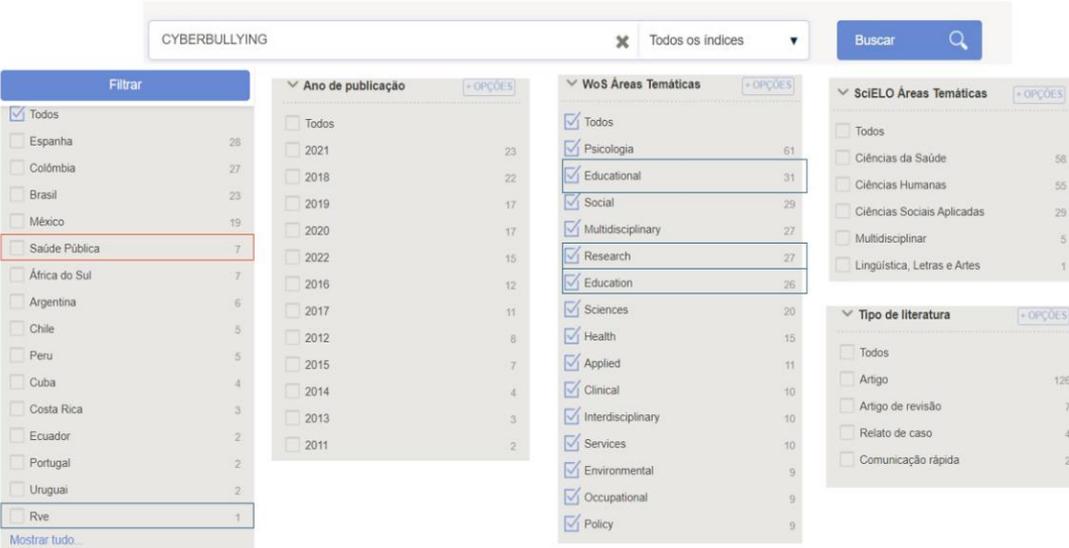
\*MED= Medicina, PSI= Psicologia, ED= Educação, DIR= Direito, SOC=Sociologia, ENF = Enfermagem, TI= Tecnologias da Informação, EI= Estudos Interdisciplinares, SAU=Saúde, CS = Ciências Sociais, SP= Saúde Pública, CHS =Ciências Humanas e Sociais, CO=Comunicação, PS = Políticas Sociais, NT= Nutrição, ENG= Engenharia da Tecnologia , BIO=Bioética

Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões (2023).

Figura 4 - Resumo das buscas sem o uso dos critérios SciELO

=

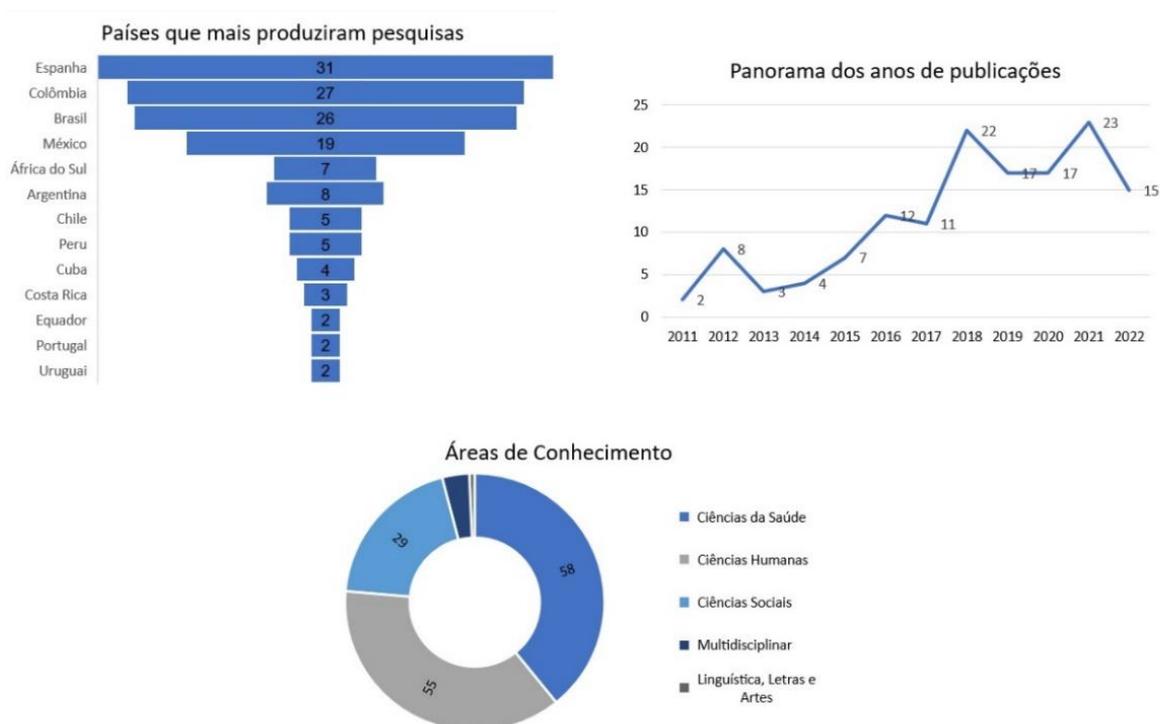




The screenshot displays a search interface for 'CYBERBULLYING' on the SciELO platform. The search results are filtered by 'Saúde Pública' (7 results) and 'Rve' (1 result). The 'WoS Áreas Temáticas' section shows 'Educational' (31), 'Research' (27), and 'Education' (26) as selected categories. The 'SciELO Áreas Temáticas' section shows 'Ciências da Saúde' (58) and 'Ciências Humanas' (55) as selected categories. The 'Tipo de literatura' section shows 'Artigo' (126) as selected.

Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões (2023).

Gráfico 1 - Total dos artigos sem o uso de critérios SciELO



Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões (2023).

Separando os dados, identificamos algumas falhas nas buscas da SciELO, dos cento e trinta e três (133) artigos encontrados, alguns estavam classificados de forma errônea em áreas não correspondentes à linha de investigação, classificados em países diferentes de sua origem, pesquisas em outras línguas, apareceram artigos repetidos e de outros países. Os gráficos aqui reunidos nos trazem um panorama das pesquisas, tendo a Espanha, Colômbia e Brasil como os maiores produtores de publicações científicas sobre o fenômeno do *cyberbullying*. Acrescentamos ao diagnóstico que os estudos iniciaram em 2011, sendo que entre os anos de 2018 a 2022 foram produzidos o maior número de publicações científicas. As áreas com maiores produções científicas são, respectivamente, das ciências da saúde, seguido das ciências humanas.

Sendo assim, buscamos delimitar melhor o panorama da pesquisa colocando alguns filtros específicos. Os critérios de inclusão foram artigos publicados no Brasil, nos últimos seis (6) anos (de 2017 a 2022), na língua portuguesa e na área da educação. Verificamos que na área da educação, os periódicos iniciam em 2017

denotando ser um assunto recente. A busca no banco de dados localizou quatro (4) artigos. Porém, ocorreram algumas limitações nas buscas e pelo olhar distinto que temos sobre os fenômenos analisados, notamos que as bases de dados não ofereciam a globalidade dos elementos existentes para o tema, bem como as diferentes categorias geradas não eram unânimes nos resultados. Verificamos também que poucos trabalhos dialogavam com os autores norteadores da pesquisa.

Para exemplificar, apresentamos a figura 5, que é o resumo das buscas com uso de critério para os artigos da SciELO, o quadro 2, referente ao estudo exploratório dos artigos da SciELO e, na tabela 1, mostramos as limitações encontradas na pesquisa.

Figura 5 - Resumo das buscas com uso dos critérios SciELO

The image shows a screenshot of the SciELO search interface. At the top, the search bar contains the term 'CYBERBULLYING'. Below the search bar, there are options to 'Adicionar outro campo +' and 'Historico de busca'. The search results are displayed in a list format. The first result is 'CYBERBULLYING: MOTIVOS DA AGRESSÃO NA PERSPETIVA DE JOVENS PORTUGUESES' by Caetano, Ana Paula et al., published in 'Educação & Sociedade' in 2017. The second result is 'Cyberbullying e comunicação de teor homofóbico na adolescência: estudo exploratório das suas relações' by Magalhães, Mariana et al., published in 'Psicologia Escolar e Educacional' in 2019. The third result is 'A AUTORIDADE PEDAGÓGICA DIANTE DA TECNOLOGIA ALGORÍTMICA DE RECONHECIMENTO FACIAL E VIGILÂNCIA' by Zuin, Vânia Gomes et al. The left sidebar shows filters for 'Coleções: Brasil', 'Idioma: Português', and 'Ano de publicação' with options for 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, and 2022.

Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões (2023).

Quadro 2 - Pesquisa exploratória com o uso de critérios SciELO

Nº	Título do Artigo	Tema Abordado
1	1) FLÔRES, Fabrine Niederauer <i>et al.</i> <i>Cyberbullying</i> no contexto escolar: a percepção dos professores. <i>Revista Psicologia Escolar e Educacional</i> , v. 26, 2022. <a href="https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017139852">https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017139852</a>	Aborda as questões do <i>cyberbullying</i> na escola, através dos impactos negativos destes atos de violência, considerando as concepções dos professores sobre esse assunto, além de ver estratégias que podem ser utilizadas para enfrentamento na escola.
2	CAETANO, Ana Paula <i>et al.</i> <i>Cyberbullying</i> : motivos da agressão na perspectiva de jovens portugueses. <i>Educ. Soc.</i> , Campinas, v. 38, n. 141, p.1017-1034, out./dez., 2017. <a href="https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017139852">https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017139852</a>	O estudo propõe diagnosticar a situação do <i>cyberbullying</i> em Portugal, com a participação de adolescentes escolares. Com o objetivo de identificar a incidência do fenômeno e analisar os processos associados com ele, relacionando os resultados achados com os de outros estudos que se debruçaram sobre essa mesma temática.
3	MAGALHÃES, Mariana <i>et al.</i> <i>Cyberbullying</i> e comunicação de teor homofóbico na adolescência: estudo exploratório das suas relações. <i>Psicologia Escolar e Educacional</i> , v. 23, e195825, 2019. <a href="http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392019015825">http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392019015825</a>	Investigar o <i>cyberbullying</i> à homofobia e abordar o fenômeno no contexto Português. Amostra foi de 688 estudantes da Universidade do Porto que recordassem as suas experiências de <i>cyberbullying</i> e de Comunicação de Teor Homofóbico (CTH) durante a adolescência. Os resultados revelaram que 67% da amostra foram alvos de discursos homofóbicos. A taxa de tais falas são de (34%) provenientes de amigos/as e, (23%) é praticado por desconhecidos. Foram encontradas correlações significativas entre as frequências de comportamentos de <i>cyberbullying</i> e de CTH, como vítima ou como perpetrador. Os resultados sugerem a necessidade de intervenção do <i>cyberbullying</i> e de confrontar diretamente a sua componente homofóbica.
4	ZUIN, Vânia Gomes <i>et al.</i> A autoridade pedagógica diante da tecnologia algorítmica de reconhecimento facial e vigilância. <i>Educ. Soc.</i> , Campinas, v. 41, e233820, 2020. <a href="https://doi.org/10.1590/ES.233820">https://doi.org/10.1590/ES.233820</a>	O estudo propõe refletir sobre os desejos que os alunos têm de um dia ser professor, em uma sociedade cuja tecnologia algorítmica de reconhecimento facial consegue informar os padrões de comportamentos. Por isso é importante refletir criticamente sobre as consequências dessa autoridade algorítmica digital ser mais capaz que o professor. Por consequência é preciso fazer com que professores e alunos ressignifiquem suas identidades, o que implica questionar as relações ambivalentes que sempre os caracterizaram no contexto da cultura digital.

Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões (2023).

Tabela 1 - Limitações da pesquisa na plataforma SciELO

Número dos Artigos	Versa sobre o tema (1) sim (2) não			Dialoga com os Autores (número do artigo)				
	Cyberbullying	Violência Escolar	Crianças e Adolescentes	1. Antonio Zuin	2. Manuel Castells	3. Paula Sibilia	4. Pierre Lévy	5. Zygmunt Bauman
1	1	1	1	X	X	X	X	X
2	1	1	1	X	X	X	X	X
3	1	1	2	X	X	X	X	X
4	2	2	2	1	X	X	X	X

Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões (2023).

Cabe notar que os artigos de número dois (2) e três (3) são pesquisas portuguesas e, mesmo assim, apareceram no catálogo de artigos mesmo tendo delimitado as buscas para artigos brasileiros. Pensamos que foi integrado pelo fato de estar escrito na língua portuguesa. Optamos por utilizá-los na pesquisa porque as informações são relevantes para o nosso trabalho, mesmo não dialogando com os autores norteadores. No artigo número quatro (4), embora não traga diretamente o debate sobre o tema *cyberbullying*, foi rastreado pelo sistema em razão de ser um artigo de Antônio Álvaro Soares Zuin, sendo este um dos pensadores que orientam a nossa pesquisa. Zuin é um autor que contribui com os seguintes temas: *cyberbullying*, tecnologias digitais e educação, teoria crítica, violência, formas de poder e educação. O acesso ao artigo não funciona mais pelo catálogo da SciELO, por isso tivemos que buscar a referência no *google acadêmico* para fazer a revisão da literatura. Notamos que a escrita do artigo não estava de acordo com a nossa pesquisa. Por este motivo, não será analisado no estudo, mas consideramos importante deixá-lo exposto no quadro, porque mesmo colocando todos os filtros, ele apareceu e isso indica algumas peculiaridades nas buscas da SciELO.

A segunda investigação foi realizada no repositório da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com a palavra-chave *cyberbullying* e violência escolar. Descobrimos e verificamos cinquenta e cinco (55) resultados ao todo até a data de 08 de fevereiro de 2023, entre teses e dissertações, sendo que alguns trabalhos versavam sobre áreas da Enfermagem, Psicologia, Sociologia, Comunicação e Direito. Mesmo assim, trazemos uma síntese destas buscas de todas as produções rastreadas, por meio dos títulos e anos de publicações, tendo como

critério a antiguidade, estado de origem e o tipo de literatura. Elas estão representadas no quadro 3, na figura 6 e no gráfico 2, que seguem abaixo.

Quadro 3 - Pesquisa exploratória sem o uso de critérios BDTD

Nome	Ano	Tipo	Estado	Área
1. <i>Scr@ps</i> de ódio no orkut: <i>cyberbullying</i> , contextos e ressonâncias da violência virtual que atinge o professor	2010	TS	BA	ED
2. Violência na internet: um estudo do <i>cyberbullying</i> no <i>facebook</i>	2012	DS	RS	LT*
3. <i>Cyberbullying</i> em adolescentes brasileiros	2012	DS	RS	PSI
4. O <i>cyberbullying</i> a partir do contexto escolar: como se dá a relação corpo-mídia-violência	2013	DS	DF	ED
5. O fenômeno <i>bullying</i> no Instituto Federal Catarinense	2013	DS	RJ	ED
6. <i>Cyberbullying</i> em jogos <i>online</i> – categorização dos conteúdos, levantamento nacional dos jogadores e perfil das vítimas	2014	DS	PR	PSI
7. <i>Cyberbullying</i> no espaço escolar: uma interpretação do fenômeno no âmbito da Educação Física	2014	DS	MS	ED
8. Ocorrência e características da violência sofrida e exercida por adolescentes escolares de Cuiabá, MT	2014	DS	MS	ENF*
9. Representações Sociais do <i>Cyberbullying</i> na Mídia e na Escola	2014	TS	RJ	TI
10. <i>Cyberbullying</i> e ambiência escolar: os adolescentes e seus professores convivendo na cultura digital	2014	DS	RS	ED
11. Do <i>bullying</i> ao <i>cyberbullying</i> : histórias e memórias escolares (1993-2011)	2015	DS	PR	ED
12. <i>Cyberbullying</i> e <i>bullying</i> entre crianças e adolescentes do ensino fundamental e médio	2015	DS	PR	CS
13. Evidências de validade da escala de clima escolar <i>Delaware School Climate Survey-Student</i> (DSCS-S) no Brasil	2015	DS	RS	PSI
14. Os adolescentes e o uso do <i>whatsapp</i> : laços e embaraços nas suas sociabilidades	2016	DS	DF	ED
15. Significados atribuídos ao <i>cyberbullying</i> envolvendo adolescentes: subsídios para educação e saúde no contexto escolar	2016	DS	PE	CS
16. O uso da tecnologia nos tempos atuais: análise de programas de intervenção escolar na prevenção e redução da agressão virtual	2016	DS	SP	ED
17. A mulher no futebol: o <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i> no contexto de gênero	2016	DS	SP	DH*
18. <i>Cyberbullying</i> entre adolescentes usuários de internet: um estudo de levantamento online	2016	DS	MG	PSI
19. <i>Cyberbullying</i> , estratégias de <i>coping</i> e esquemas iniciais desadaptativos em adolescentes	2016	DS	RJ	PSI
20. <i>Cyberbullying</i> entre estudantes: fatores individuais e do contexto escolar	2017	DS	PR	ED
21. Por detrás das telas: uma análise da postura reativa das vítimas de <i>cyberbullying</i>	2017	DS	SP	ED
22. <i>Cyberbullying</i> , mídia e educação a luz do pensamento complexo	2017	TS	SP	ED
23. <i>Bullying</i> contra gordos: uma análise a partir do preconceito	2017	DS	CE	PSI

24. <i>Cyberbullying</i> : práticas e consequências da violência virtual na escola	2018	TS	SP	ED
25. O suporte social diante da discriminação e da vitimização na adultez emergente	2018	DS	PR	ED
26. <i>Cyberbullying</i> de crianças e adolescentes: definições, associações com a saúde, a educação e propostas de ação	2018	DS	RJ	SP*
27. Adolescência, internet e práticas informacionais	2018	DS	DF	CI*
28. Representações e políticas de identidade: um olhar discursivo sobre o paradigmático Chega de <i>bullying</i> e a educação para a diversidade	2019	DS	SP	ED
29. Tutela da honra nas redes sociais: a contribuição possível da teoria da impolidez	2019	DS	MG	DIR.
30. Prevalência de <i>bullying</i> e fatores associados em estudantes do ensino médio técnico no sul do Brasil	2019	DS	RS	SAU*
31. Condições bucais associadas ao <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> em crianças e adolescentes: Revisão sistemática e meta-análise	2019	DS	PB	ODO*
32. Adaptação transcultural da <i>Bullying Scale</i> para estudantes universitários brasileiros	2019	TS	RS	ENF*
33. <i>Cyberbullying</i> em universidade pública: o lado sombrio da comunicação online na cultura organizacional	2019	DS	RS	CS
34. <i>Bullying</i> na escola e a virtude da autocompaixão: psicoeducação com adolescentes	2019	TS	RS	PSI
35. Estudantes e as tecnologias digitais: relações entre <i>cyberbullying</i> e motivação para aprender	2019	TS	PR	ED
36. Aspectos psicossociais do <i>bullying</i> e do trote entre universitários: identificando representações sociais	2020	DS	RJ	PSI
37. <i>Cyberbullying</i> : uma análise das percepções de estudantes da educação básica da cidade de Ipatinga/MG.	2020	DS	MG	ED
38. Autolesão na adolescência e as redes sociais virtuais	2020	DS	RJ	SP
39. Competências digitais para o ensino fundamental: foco no aluno dos Anos Iniciais	2020	DS	RS	ED
40. Desenvolvimento de esquema iniciais desadaptativos em adolescentes em vulnerabilidade social	2020	DS	RJ	PSI
41. Um estudo sobre a implementação do currículo integrado no IF Goiano campus avançado Hidrolândia	2020	DS	RJ	ED
42. Análise dos sintomas de ansiedade e depressão e seus desdobramentos preventivos entre os alunos do Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Itapina	2020	DS	RJ	ED
43. Adolescentes e interações on-line: uma proposta de intervenção educativa visando a convivência ética virtual	2021	TS	SP	ED
44. O <i>cyberbullying</i> entre adolescentes do ensino médio do Instituto Federal Baiano-Campus Guanambi e o uso das TIC nos programas escolares voltados para seu enfrentamento	2021	DS	MG	ED
45. Violência escolar e formação de professores: estratégias de enfrentamento na dimensão educacional	2021	DS	Paraíba	ED
46. Prática dos profissionais da educação para prevenir casos de <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> entre adolescentes	2021	DS	SP	PSI
47. O fenômeno do <i>cyberbullying</i> em adultos e suas associações com indicadores de saúde mental e traços de personalidade	2021	DS	RS	PSI
48. O problema da regulação de conteúdo nos casos de <i>cyberbullying</i> e a vinculação das plataformas de mídias sociais aos direitos fundamentais da criança e do adolescente	2021	TS	RS	PSI
49. <i>Cyberbullying</i> entre Adolescentes nas Escolas Públicas no Município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul	2022	DS	MS	SAU

50.O desassossego das imagens: políticas do sofrimento em redes digitais	2022	TS	RS	CC*
51.Exposição à mídia e personalidade: efeitos distais no <i>cyberbullying</i>	2022	DS	PB	PSI
52.Comportamento antissocial online: uma abordagem pautada no modelo geral da agressão	2022	DS	PB	PSI
53.Efeitos da <i>cyber</i> vitimização na saúde mental: um estudo comparativo entre não heterossexuais e heterossexuais	2022	DS	PB	PSI

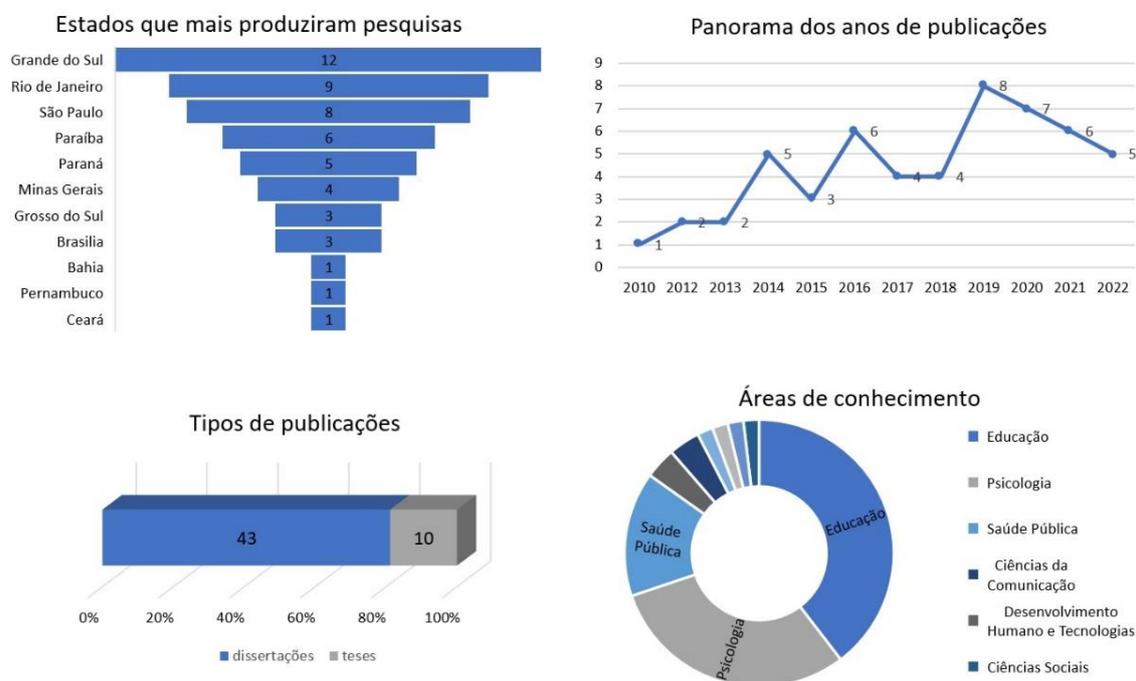
Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões (2023).

Figura 6 - Resumo das publicações sem uso de critérios BDTD

The screenshot shows the BDTD search interface. At the top, there is a search bar with the text 'cyberbullying' and a dropdown menu set to 'Todos os campos'. To the right of the search bar are buttons for 'Buscar' and 'Busca Avançada'. Below the search bar, the text 'Busca: cyberbullying' is displayed. Underneath, it says 'Refinar a Busca' and 'A mostrar 1 - 20 resultados de 55 para a busca 'cyberbullying ', tempo de busca: 0.18s'. There are two filter panels: 'Tipo Documento' and 'Idioma'. The 'Tipo Documento' panel shows 'Dissertação' with 45 results and 'Tese' with 10 results. The 'Idioma' panel shows 'por' with 54 results. The 'Ano de Defesa' panel is also visible, with fields for 'De:' and 'Até:' and a 'Definir' button.

Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões (2023).

Gráfico 2 - Total das dissertações e teses sem uso de critérios BDTD



Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões.

Categorizando os dados coletados das dissertações e teses, encontramos entre as cinquenta e cinco (55) dissertações e teses, duas (2) publicações repetidas e 3 (três) trabalhos que possuem confidencialidade até 03 de fevereiro de 2025. Os gráficos aqui reunidos nos trazem um panorama geral das pesquisas, tendo o Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo como os maiores investigadores e divulgadores do Brasil sobre o fenômeno do *cyberbullying* e da violência escolar. Acrescentamos ao diagnóstico, que os estudos iniciaram em 2010 e entre os anos de 2019 a 2022 foram produzidos o maior número de publicações científicas, sendo que as dissertações de mestrado apareceram em maior número quarenta e três (43), com apenas dez (10) ocorrências em teses de doutorado. As áreas de conhecimentos mais pesquisadas e evidenciadas são: Educação, Psicologia e Saúde.

Nessa perspectiva, buscamos delimitar a busca colocando alguns filtros específicos. Os critérios de inclusão foram os documentos publicados em língua portuguesa nos últimos seis (6) anos (de 2017 a 2022) na área da educação. Fizemos o refinamento e conseguimos delimitar dezessete (17) produções discentes, afinadas

com o tema. Verificamos que na área da educação as produções no campo iniciam em 2017, denotando ser um assunto recente. A busca no banco de dados localizou dezessete (17) trabalhos, elencamos o total de oito (8) para as análises, dos quais cinco (5) são dissertações e três (3) são teses. De maneira convergente à ideia central da proposta, as análises das teses e dissertações serão debatidas e aprofundadas após a qualificação.

Para exemplificar, apresentamos a figura 7, que é o resumo das buscas feitas com critérios pela plataforma da BDTD, e o quadro 4, é o estudo exploratório das dissertações encontradas no buscador e, por fim, na tabela 2 estão as limitações destas dissertações revisadas.

Figura 7 - Resumo das publicações com o uso de critérios BDTD

The screenshot shows the BDTD search interface. At the top, there is a search bar with the query 'cyberbullying violência escolar' and a 'Buscar' button. Below the search bar, there are navigation links: 'Página Inicial', 'Sobre a BDTD', 'Rede BDTD', 'Acesso Aberto Brasil', and 'Serviços'. A dropdown menu for 'Idioma' is visible in the top right corner. The search results section shows 'Busca: cyberbullying violência escolar' and 'A mostrar 1 - 17 resultados de 17 para a busca 'cyberbullying violência escolar', tempo de busca: 0.24s'. On the left, there is a 'Refinar a Busca' section with filters for 'Ano de Defesa: 2017-2022' and 'Instituições' (FIOCRUZ, UEPB, UFRRJ, PUC\_RS). The main results area displays the first result: '1 Cyberbullying entre estudantes : fatores individuais e do contexto escolar' by 'por Mandira, Marielly Rodrigues' with 'Data de Defesa 2017'. Below the title, it lists 'Assuntos: "...Violencia escolar..."' and provides a link to 'Obter o texto integral'. There are buttons for 'Dissertação' and 'Ver +'.

Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões (2023).

Quadro 4 - Pesquisa exploratória com o uso de critérios BDTD

Nº	Título da Dissertação	Tema Abordado
1 - 5	MANDIRA, Marielly Rodrigues. <i>Cyberbullying entre estudantes: fatores individuais e do contexto escolar</i> . Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, 2017.	A autora averiguou a incidência do <i>cyberbullying</i> entre estudantes de escolas públicas, e quais as possíveis associações dos fatores (vitimização e agressão) tanto individuais como no contexto escolar, dentro do ambiente da escola como no virtual. Houve correlação positiva significativa entre o <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i> . Verificou-se que o padrão de uso das tecnologias de informação e comunicação foi encontrado como um dos preditores para a <i>cyber-agressão</i> .
2 - 6	FERREIRA, Taiza Ramos de Souza Costa. <i>Cyberbullying de crianças e adolescentes: Definições, associações com a saúde, a educação e propostas de ação</i> . Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.	Estudo trata o <i>cyberbullying</i> como uma doença psicológica e ocorre entre pares no contexto das sociabilidades digitais. Foi analisado os conceitos e dinâmicas do <i>cyberbullying</i> , além de propostas de prevenção e intervenções para os campos da saúde e da educação. Percebeu-se uma necessidade de novos estudos que contextualizam a questão do <i>cyberbullying</i> na cibercultura e novas possibilidades de interação.
3 - 7	GONÇALVES, Aline Ferreira. <i>Autolesão na adolescência e as redes sociais virtuais</i> . 2020. 121 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.	O objetivo desta pesquisa é compreender os sentidos e significados atribuídos por adolescentes à autolesão e sua exposição e interação nas redes sociais virtuais. Baseia-se em um estudo, a partir da análise de 17 entrevistas realizadas com adolescentes e responsáveis que explicitamente mencionaram a prática da autolesão e o acesso a conteúdo sobre cortes e tentativa de suicídio nas redes sociais virtuais. O isolamento social, a perda de amizades e a ausência de uma rede de apoio foram recorrentes, além de relações conflituosas no núcleo central familiar e a perda de vínculos (especialmente no ambiente escolar) devido a experiência de <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> cometido por colegas de turma.
4 - 8	REIS, Cláudia Benitez Martinez dos. <i>Prática dos profissionais da educação para prevenir casos de bullying e cyberbullying entre adolescentes</i> . Dissertação (Mestrado em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2021.	Verificar e analisar a atuação dos profissionais da educação em situações de <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i> , que ocorrem na escola decorrentes das redes sociais. Como resultados, verificou-se que os gestores não sabem o tempo que os adolescentes ficam na internet, mas sentem o impacto no desinteresse pelas aulas e baixo rendimento. Os conflitos são presencialmente e virtualmente, por meio de comentários. Verificou-se que os casos que ocorrem dentro da escola são provocados pelas redes sociais e são encaminhados pelos professores à equipe gestora, que faz a mediação. A diretora e a orientadora realizam o trabalho nas classes quando tem algum conflito. A mediação dos conflitos está centrada na equipe gestora. Verificou-se que todos os professores estabelecem em suas aulas a reflexão acerca dos valores morais indicados no PPP, mas a ênfase maior fica para as disciplinas de Filosofia e Ensino Religioso. Verificou-se que o conhecimento dos profissionais da educação sobre as legislações referentes às redes sociais é apresentado pela assessoria jurídico-pedagógica, no intuito de que percebam os riscos que correm diante dos conteúdos. Propõe-se um PPP que possa colaborar, por meio da formação dos profissionais da educação, pelo conhecimento do desenvolvimento moral.

5 - 9	SILVA, Graciele da. <i>Cyberbullying entre adolescentes nas escolas públicas no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul</i> . Dissertação (Mestrado em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2022.	Estudo tem como tema o <i>cyberbullying</i> entre adolescentes nas escolas públicas de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O objetivo principal deste estudo é identificar o <i>cyberbullying</i> entre adolescentes nas escolas públicas devido a necessidade de exploração e compreensão do <i>cyberbullying</i> os participantes da pesquisa foram professores de escolas públicas do sexto ao nono ano. Como resultado, constatou-se que nas escolas públicas ocorre <i>cyberbullying</i> : os professores (77,8%) responderam que, às vezes, ficavam sabendo ou presenciaram alunos fazendo insultos, alunos que enviaram <i>fake news</i> sobre os professores, (11,1%) ficaram sabendo ou presenciaram muitas vezes, (66,7%) às vezes. Viram ou ficaram sabendo de alunos que excluíram colegas <i>online</i> e enviaram mensagens intimidatórias. (56,6%) às vezes e (11,1%) muitas vezes. Conclui-se que existe ocorrência de <i>cyberbullying</i> ; a escola não compartilha informações de forma adequada entre professores sobre casos de <i>cyberbullying</i> que acontecem dentro do ambiente escolar; e as escolas dão o devido suporte aos envolvidos em casos de <i>cyberbullying</i> , alunos e familiares. Os dados mostram que ocorre essa modalidade de violência no ambiente escolar, os professores têm conhecimento desse fenômeno, percebe-se que existe uma omissão por parte da escola em relação ao tema.
-------	--	---

Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões (2023).

Tabela 2 - Limitações da pesquisa nas dissertações pela BDTD

Número da Dissertação	Versa com o tema (1) sim (2) não			Dialoga com os Autores (número da dissertação)				
	<i>Cyberbullying</i>	Violência Escolar	Crianças e Adolescentes	1. Antonio Zuin	2. Manuel Castells	3. Paula Sibilía	4. Pierre Lévy	5. Zygmunt Bauman
1-5	1	1	1	X	2	X	X	X
2-6	1	2	1	X	2	X	3	X
3-7	1	2	1	x	2	X	3	4
4-8	1	1	2	X	X	X	X	X
5-9	1	1	1	1	X	X	X	X

Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões (2023)

Cabe notar que as dissertações número dois (2) e três (3) não são apenas da área da educação, mas também dialogam de forma interdisciplinar com a área da saúde. Diante disso, entendemos que deveríamos deixá-las no rol de dissertações para fazer a revisão da literatura, visto que trazem pontos importantes a serem levados em consideração. O trabalho quatro (4) traz as análises do *cyberbullying* na visão dos professores, sendo de extrema relevância as considerações acerca dessas indagações. Uma grande parcela das dissertações dialoga com os pensadores que elencamos para a nossa pesquisa. Pensamos que o intercâmbio com outras áreas, instituições e autores diferentes nos trazem novas possibilidades e horizontes para repensar o tema.

Apresentamos, no quadro 5, as teses encontradas no buscador da BDTD e, na tabela 3, as limitações diagnosticadas nas teses revisadas.

Quadro 5 - Pesquisa exploratória com o uso de critérios BDTD

Nº	Título da Tese	Tema Abordado
1-10	RIBEIRO, Neide Aparecida. <i>Cyberbullying: Práticas e consequências da violência virtual na escola</i> . Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2018.	Estudo do <i>cyberbullying</i> , analisar o fenômeno da violência virtual entre crianças e adolescentes e a problemática que está centrada nas práticas de atos deliberados pelos usuários e nas consequências de tais ações em relação às vítimas. São questões graves em que professores, pais e gestores não estão preparados para lidar com violências que extrapolam o espaço físico da escola. No Brasil, não há políticas públicas eficazes. Justifica-se, portanto, a importância da pesquisa pela dimensão preventiva a ser abordada no âmbito das escolas. No ambiente presencial, foi realizada análise documental dos projetos de lei e da legislação em vigor, no período entre 2015 a 2017, observação e aplicação de entrevistas semiestruturadas em quatro escolas municipais da cidade de Palmas, no Tocantins. O material coletado traz resultados encontrados revelaram que os
2-11	BELUCE Andrea Carvalho. <i>Estudantes e as tecnologias digitais: relações entre cyberbullying e motivação para aprender</i> . Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.	As TIC abrem espaço para muitas possibilidades educacionais, assim como propiciam condições para práticas sociais negativas. A pesquisa investigou a possível relação entre o <i>cyberbullying</i> e a motivação dos estudantes para fazer uso das TIC em contexto de estudo. Foi possível constatar que os estudantes dos ensinos médio e superior, em sua maioria, se compreendem autonomamente motivados para fazer uso das tecnologias on-line. Entretanto, observou-se também que a qualidade motivacional do aluno para aprender com as TIC pode ser comprometida se esse estudante se perceber envolvido com algum tipo de agressão mediada por esses recursos. Os resultados alcançados com este estudo são relevantes para os profissionais que atuam na área educacional trazendo conhecimentos sobre as relações que se estabelecem entre os estudantes e as tecnologias digitais.
3-12	BOZZA, Thais Cristina Leite. <i>Adolescentes e interações on-line: uma proposta de intervenção educativa visando a convivência ética virtual</i> . Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.	A internet trouxe inúmeros benefícios à nossa vida, no entanto, o uso positivo do ambiente virtual ainda é um desafio nos dias atuais. Os comportamentos agressivos <i>online</i> , como <i>cyberbullying</i> estão ligados aos relacionamentos estabelecidos no universo on-line, fica evidente a necessidade de investirmos na formação desse grupo de sujeitos, favorecendo o uso seguro e a convivência ética em ambientes virtuais. Em vista disso, com a finalidade de compreender como uma intervenção educativa pode forjar a convivência ética em ambientes <i>online</i> . Elaboramos, implementamos e avaliamos o programa <i>A convivência ética virtual</i> , que foi desenvolvido com alunos do 8º e 9º anos de uma escola pública da Rede Municipal de Campinas. Os resultados encontrados refletem transformações importantes identificadas nos participantes, no que se refere ao envolvimento em situações de agressões virtuais, o julgamento em relação a determinadas ações <i>online</i> e avanços nas dimensões trabalhadas.

Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões (2023).

Tabela 3 - Limitações da pesquisa nas teses pela BDTD

Número da Tese	Versa com o tema (1) sim (2) não			Dialoga com os Autores (número da tese)				
	Cyberbullying	Violência Escolar	Crianças e Adolescentes	1. Antônio Zuin	2. Manuel Castells	3. Paula Sibilia	4. Pierre Lévy	5. Zygmunt Bauman
1-10	1	1	1	X	2	1	3	4
2-11	1	1	2	X	2	X	3	X
3-12	1	1	1	X	X	X	X	4

Fonte: Elaborado pela autora, com os dados das revisões (2023).

Cabe notar que a tese número três (3) aparece no repositório da BDTD e estava com o acesso negado. Então, tivemos que ir no buscador do *google* para podermos localizá-la e fazer *download* para posterior leitura desta tese, mesmo tendo como amostra estudantes do ensino médio e universitários, ela dá visibilidade a dados importantes para o nosso trabalho. A tese número quatro (4) mesmo não tendo nenhum componente do *cyberbullying* no título, fomos buscar referências e notamos que contém a expressão com fatos consistentes, plurais e diversos no corpo do texto que são inspiradores para nossa pesquisa.

Vale lembrar que, as análises feitas através destes estudos apresentaram resultados diferentes de algumas pesquisas realizadas em outros países e se mostraram de grande relevância para preencher as lacunas na bibliografia brasileira sobre esta temática. As carências identificadas nessas produções, em termos de contribuição para o campo específico desta investigação, nos levam a pensar que as escolas vivem um momento em que é necessário compreender melhor os diferentes discursos existentes na comunicação mediada pelas redes sociais, possibilitando novos olhares ao fenômeno do *cyberbullying* na educação, investindo em novas abordagens para pensar práticas educativas e seus processos na construção do conhecimento, da comunicação e da problematização da realidade, em virtude do aumento do *cyberbullying* no ambiente escolar.

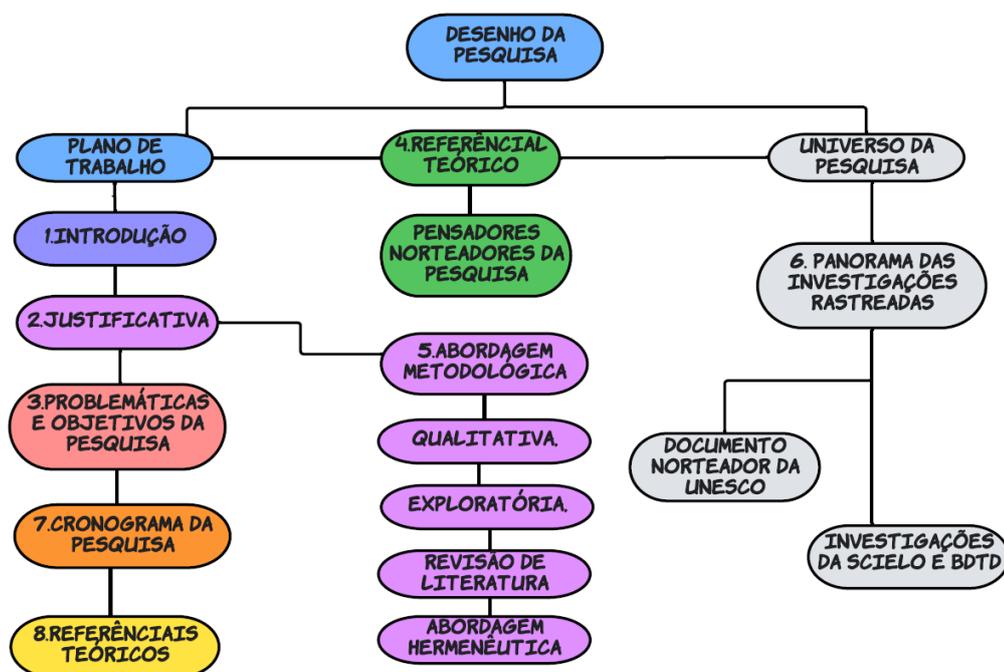
Conforme destaca Silva (2022), em sua dissertação sobre o *cyberbullying* entre adolescentes nas escolas públicas a comunicação virtual, há um espaço para a troca de mensagens em uma perspectiva inovadora, na qual as pessoas criam e compartilham conteúdos em plataformas abertas e nas mídias sociais, expressando suas opiniões, podendo estas gerar confrontos, assim como avanços e retrocessos.

Dessa forma, a escola se apresenta como o espaço propício para aprender a lidar em prol dos debates com a alteridade, em vista das tensões provenientes de diferentes discursos controlados pelas redes sociais.

## 2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Nesta seção, realizamos a identificação e caracterização do estudo. Para ilustrar esse processo, apresentamos a figura 8. O objetivo é estabelecer uma estrutura sólida que permita o planejamento, organização e compreensão das pesquisas e produções científicas. Este mapeamento será conduzido à luz da temática específica: os aspectos históricos, culturais e socioeducacionais relacionados às manifestações de *cyberbullying* no ambiente escolar. O propósito é atualizar a literatura existente, redefinir os significados no contexto escolar e avaliar as ações em curso, bem como aquelas já conduzidas em pesquisas educacionais.

Figura 8 - Delineamento da Pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A pesquisa bibliográfica é um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa e se caracteriza por (re)conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado assunto. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.183), “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão”. Trata-se de uma abordagem

qualitativa no campo educacional que é herdeira da atitude hermenêutica de revisão teórica. O pensamento hermenêutico desenvolvido por Hans-Georg Gadamer (1999; 2002) consiste numa abordagem interpretativa do sujeito que só pode ser compreendida pela linguagem situada nas condições contextuais e que dialoga com as diferentes formas de vida. Nas palavras do autor, “quando compreendemos um texto nos vemos tão atraídos por sua plenitude de sentido como o belo”. (GADAMER, 1999, p. 708).

A compreensão da própria realidade abrange as condições sociais, institucionais e ambientais em que as vidas das pessoas se desenrolam, justamente para entender os processos a serem pesquisados, permitindo ao pesquisador ler, interpretar e compreender as produções científicas e os fenômenos sociais de um determinado tempo-histórico e cultural, neste caso o fenômeno do *cyberbullying*. Fizemos a revisão bibliográfica do projeto com base em material já publicado, na tentativa de delinear o entendimento sobre o fenômeno do *cyberbullying* na práxis do ambiente escolar. A pesquisa de artigos, teses e dissertações torna-se rica para identificar quais são as vias e as principais tendências que tornam possível esse debate do *cyberbullying* no ambiente escolar.

O trabalho de pesquisa está organizado na revisão teórica e documental da Unesco (2019; 2020) e das produções bibliográficas, a partir de buscas no portal de periódicos da Biblioteca Eletrônica Científica Online (*Scientific Electronic Library Online* - SciELO) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Estas plataformas englobam uma coleção científica e qualificada de periódicos, teses e dissertações brasileiras. Inicialmente, para nortear a revisão bibliográfica, pensamos em usar os buscadores nas plataformas digitais com as palavras-chave: *cyberbullying*, redes sociais e violência escolar.

Optamos em delimitar as buscas pelos trabalhos que tiveram suas publicações ocorridos nos últimos seis (6) anos, uma vez que o objetivo da pesquisa é analisar as produções científicas mais recentes, para poder identificar as principais tendências atuais do *cyberbullying* no espaço escolar. Foram ainda critérios de delimitação as produções de origem brasileiras e seu texto estar na língua portuguesa e vinculado às áreas das Ciências Humanas, campo da Educação. Para o processo de escolha e análise, iniciamos fazendo uma busca geral nos repositórios e combinações entre as palavras escolhidas, a saber: *cyberbullying*, redes sociais e violência escolar. Após estas buscas, nos deparamos com alguns ajustes que seriam necessários para depois

começarmos a aplicar alguns critérios para a revisão dos trabalhos. Notamos na busca que as palavras-chave redes sociais e violência escolar traziam outras realidades, conceitos de outras áreas de investigação, que não estavam alinhadas com as especificidades desta pesquisa, o que tornavam o trabalho extenso e sem tempo hábil para a elaboração dos achados. Assim, para proporcionar uma melhor solução ao material coletado, resolvemos permanecer somente com a palavra *cyberbullying* para as buscas na SciELO e *cyberbullying* e violência escolar na revisão da BDTD.

A revisão bibliográfica foi conduzida pelas palavras-chave *cyberbullying* e violência escolar com os seguintes critérios de inclusão: a) textos publicados no Brasil, b) com idioma em português, c) publicados no período de 2017 até 2022 e que giram em torno do *cyberbullying* na educação e que dialoguem com os autores que norteiam a nossa pesquisa. Quanto aos critérios de exclusão: a) foram excluídos os trabalhos repetidos, b) os que não atendiam à temporalidade estabelecida, c) os que não apresentavam aderência à temática do *cyberbullying* no ambiente escolar, d) os de língua estrangeira e que não dialogavam com os autores da pesquisa.

Após as leituras dos resumos destas produções científicas, passamos a categorizar as informações verificadas e indispensáveis para a identificação das principais tendências estruturadas nos textos. Foram realizadas várias classificações e rearranjos até que partimos para a escrita das categorias e análises. Nas produções acadêmicas levantadas, ainda buscamos quais as problemáticas evidenciadas e as palavras-chave utilizadas, buscando estabelecer relações com outros achados, por meio de indicações das principais sínteses e conclusões.

[...] a abordagem hermenêutica mostra-se muito importante para as pesquisas acadêmicas em educação, constituindo-se em uma rica fonte de análise, trazendo contribuições para a construção do problema de pesquisa, a análise de dados e sua respectiva interpretação, sendo fundamental para o jogo pergunta-resposta e para a abertura dialógica – via de acesso à compreensão humana. (SIDI; CONTE, 2017, p. 1942).

Inicialmente foram lidos os artigos, depois passamos para as dissertações e por último as teses. Enquanto as leituras eram realizadas, além das frases e trechos que eram destacados, escrevíamos palavras de referência para identificar os assuntos abordados pelos autores. Num segundo momento, organizamos em tabelas distintas os escritos destacados, seguindo a ordem: título do trabalho e tema abordado contendo trechos ou frases destacada na pesquisa. Depois disso, foram selecionados

onze (11) trabalhos, dos quais três (3) artigos, cinco (5) dissertações e três (3) teses. Os estudos vinculam, em sua maioria, as questões do *cyberbullying*, das redes sociais e da violência escolar. Após a leitura de todos os resumos na íntegra, foi possível dividir as pesquisas em três enfoques principais para o estudo: 1. Quais os fatores que desencadeiam o *cyberbullying*; 2. Impactos do *cyberbullying*; 3. Fragilidades do ambiente escolar. Entendemos que é essencial esquematizar na tabela 4 o que cada expressão significa para tornar claro os conceitos utilizados.

Tabela 4 - Categorias identificadas nas análises

	<b>Enfoques</b>	<b>Referência</b>
1	Quais os fatores que desencadeiam o <i>cyberbullying</i>	Menções aos fatores que desencadeiam o fenômeno.
2	Impactos do <i>cyberbullying</i>	Alusões às consequências deste fenômeno.
3	Fragilidades do ambiente escolar	Referências sobre as ações de enfrentamento ao fenômeno.

Fonte: Autoria própria (2023).

Primeiramente, a proliferação da internet e o uso generalizado das redes sociais proporcionaram uma plataforma amplamente acessível para a comunicação digital. Embora isso tenha trazido inúmeros benefícios, também abriu as portas para comportamentos prejudiciais e agressivos. O fenômeno do *cyberbullying* é uma questão profundamente intrincada e multifacetada, que emerge de uma interseção complexa de fatores, muitos dos quais estão enraizados a padrões instintivos de reação (da natureza animal que corre ou ataca) ou por questões profundamente arraigadas em informações precipitadas (desinformação) que não são corrigidas ou que parecem aleatórias e espontâneas. Conforme destacado pelos relatórios da Unesco (2019, 2022) sobre violência escolar e *bullying*, esses fatores incluem deficiência, gênero, pobreza, diferenças étnicas, linguísticas ou culturais, aparência física, orientação sexual, expressão e identidade de gênero, bem como a falta de consideração com o outro e com os sentimentos alheios, conforme indicam as produções científicas sobre as causas e fatores que desencadeiam o fenômeno.

A discriminação e o preconceito relacionados a esses aspectos da identidade humana, frequentemente se manifestam nas interações *online*, resultando em ataques cibernéticos direcionados a indivíduos com base em características pessoais (sem

vítimas não há violência). É imperativo que se compreenda que esses fatores desencadeadores do *cyberbullying* não apenas prejudicam as vítimas, mas também perpetuam um ciclo de repressões, desigualdades domesticadas e exclusão digital. Portanto, combater o *cyberbullying* não se resume apenas a abordar o comportamento agressivo *online*, mas também, a enfrentar essas questões mais amplas desenvolvendo virtudes e potenciais humanos opostos à violência e à discriminação que permeiam nossa sociedade. Os impactos do *cyberbullying* são profundos e amplos, afetando não apenas as vítimas, mas também os agressores e a sociedade como um todo. A facilidade de acesso à internet e a relativa sensação de anonimato que a rede oferece, muitas vezes, é uma escalada à recaída no *cyberbullying*.

Para as vítimas, as consequências emocionais são devastadoras, incluindo ansiedade, depressão, isolamento social, baixa autoestima e até mesmo pensamentos suicidas. Além disso, o desempenho escolar das vítimas pode ser afetado negativamente devido ao estresse, à distração e ao trauma causado pelo *cyberbullying*. No entanto, os agressores também enfrentam repercussões, que podem variar desde medidas legais a consequências sociais, como a exclusão social e a perda de amigos e colegas, à medida que suas ações são reveladas. Além disso, o *cyberbullying* dissemina uma cultura de egoísmos culturais, crueldade e desrespeito, minando o senso de comunidade e segurança na internet. Portanto, é crucial abordar e combater o *cyberbullying* para proteger o bem-estar emocional e psicológico das vítimas, promovendo a participação (saudável e respeitosa) e responsabilização digital (para não promovermos a cultura sem interação e paralisante da vida apenas eletrônica). Além disso, conflitos interpessoais que não encontram resolução adequada no mundo *offline* podem ser transportados para o mundo virtual, onde se transformam em ataques cibernéticos prejudiciais, exacerbando ainda mais o problema sem autocontrole.

As fragilidades do ambiente escolar em relação ao combate ao *cyberbullying* são notáveis e merecem uma atenção cuidadosa. A natureza virtual e, muitas vezes, anônima das agressões torna desafiador para educadores e gestores escolares identificar e intervir em casos de *cyberbullying*. A falta de conscientização e educação adequada sobre o tema entre estudantes, professores e pais também contribui para a perpetuação desse problema. A relutância de algumas vítimas e testemunhas em denunciar o *cyberbullying* devido ao medo de retaliação ou ao receio de não serem levadas a sério cria um ambiente de silêncio e impotência que favorece os agressores,

visto que o poder externo sem o autocontrole gera violência. Portanto, é imperativo que as escolas trabalhem em estreita colaboração com a comunidade educativa para implementar políticas e programas de prevenção e evolução humana, dando respostas humanas à vida, bem como promover uma cultura de respeito pelo outro e responsabilidade digital, a fim de criar um ambiente escolar seguro, de reconhecimento e acolhedor para todos os sujeitos.

Seguem, abaixo, nas tabelas 5, 6 e 7, a identificação dos artigos, das dissertações e das teses, separados por número, título, autor, ano de publicação e as categorias relacionadas.

Tabela 5 - Dados dos artigos

Artigo	Título/Autor/Ano	Categoria(s)
1	<i>Cyberbullying</i> no contexto escolar: a percepção dos professores (FLÔRES <i>et al.</i> , 2022)	2 -3
2	<i>Cyberbullying</i> : motivos da agressão na perspectiva de jovens portugueses (CAETANO, 2017)	1-2
3	<i>Cyberbullying</i> e comunicação de teor homofóbico na adolescência (MAGALHÃES, 2019)	1-2
4	<i>A autoridade pedagógica diante da tecnologia algorítmica de reconhecimento facial e vigilância.</i> (ZUIN, 2020)	2

Fonte: Autoria própria (2023).

Tabela 6 - Dados das dissertações

Dissertações	Título/Autor/Ano	Categoria(s)
1-5	<i>Cyberbullying</i> entre estudantes: fatores individuais e do contexto escolar (MANDIRA, 2017)	1-2
2-6	<i>Cyberbullying</i> de crianças e adolescentes: definições, associações com a saúde, a educação e propostas de ação (FERREIRA, 2018)	1-2-3
3-7	Autolesão na adolescência e as redes sociais virtuais (GONÇALVES, 2020)	1-2
4-8	Prática dos profissionais da educação para prevenir casos de <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> entre adolescentes (REIS, 2021)	1-2-3
5-9	<i>Cyberbullying</i> entre adolescentes nas escolas públicas no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul (SILVA, 2022)	1-2-3

Fonte: Autoria própria (2023).

Tabela 7 - Dados das teses

Teses	Título/Autor/Ano	Categoria(s)
1-10	<i>Cyberbullying</i> : Práticas e consequências da violência virtual na escola (RIBEIRO, 2018)	1-2-3
2-11	Estudantes e as tecnologias digitais: relações entre <i>cyberbullying</i> e motivação para aprender (BELUCE, 2019)	1-2-3
3-12	Adolescentes e interações <i>online</i> : uma proposta de intervenção educativa visando a convivência ética virtual (BOZZA, 2021)	1-2-3

Fonte: Autoria própria (2023).

Ao apresentar os rastros obtidos nas plataformas pesquisadas, definimos, em seguida, esses resultados que serão discutidos em profundidade nas seções subsequentes, fazendo os cruzamentos necessários dos dados obtidos com os gatilhos da violência da atualidade e com os relatórios da Unesco (2019, 2020). Além disso, outras referências são trazidas como consequência das análises, que configuram os discursos que vem denunciando a crise da experiência frente às questões colocadas sobre o campo dos desentendimentos, da arrogância e do não reconhecimento do outro em sua humanidade.

### 3. CYBERBULLYING E VIOLÊNCIA

Nesta seção, serão apresentadas as principais correntes teóricas que fundamentam as análises conceituais, bem como as pesquisas relacionadas ao *cyberbullying*, às redes sociais e à violência escolar. A seção está subdividida em cinco subseções. A primeira delas aborda a historicidade da internet. A segunda exploramos o crescimento do *cyberbullying*. A terceira subdivisão se concentra nos impactos das agressões virtuais. Na quarta parte, examinamos as respostas ao *cyberbullying*. Por último, na quinta subseção, discutimos os desafios envolvidos na luta contra o *bullying* virtual, fornecendo subsídios para refletirmos sobre a abordagem com as melhores reações e respostas humanas às práticas agressivas da violência, por meio do diálogo e da sensibilidade pedagógica.

A escola é ou deveria ser um local privilegiado de interação social, mas também de formação cidadã, de direitos e deveres, amizade, cooperação, solidariedade e empatia. Nesse sentido, agir contra o (*cyber*)*bullying* é uma forma de refletir sobre a violência entre estudantes, professores e gestores na vida em sociedade. Cabe lembrar que o comportamento dos pais, adultos ou responsáveis, reflete na formação da criança e dos jovens, tanto para conferir seus direitos, como para assegurar a dignidade humana e o reconhecimento de si como um ser humano.

Os primeiros registros da violência na escola brasileira não estão em leis e dados científicos, mas em obras ficcionais. Graciliano Ramos (1977), na sua obra *Infância*, publicada em 1945, retrata no início do século XX a entrada na vida escolar como uma experiência marcada pela violência entre estudantes, castigos físicos e outros. Outro relato de violência na escola está presente no livro *O Ateneu*, de Raul Pompéia (1973). Nesta obra, publicada originalmente em 1888, são descritas relações entre os educandos, carregadas de ameaças e agressões em uma escola rígida e com tratamento desigual e sem a inclusão das diferenças. Tais apontamentos da literatura deixam transparecer que práticas de violência no espaço escolar já estariam presentes antes mesmo de 1980, num conjunto representativo de casos de violência na escola. Outra hipótese que os romances citados propiciam é a de que os comportamentos como *bullying*, agressões físicas, etc., não causavam a mesma indignação que hoje provocam, pois eram impetrados por castigos (ajoelhar no milho, ficar sem recreio) disciplinares no cotidiano escolar e legitimados por professores(as).

As primeiras produções científicas sobre práticas de violência nas escolas brasileiras são registradas em 1980 com a violência contra o patrimônio institucional, seguindo com a profusão de brigas em dimensões interpessoais e agressões entre educandos até a difusão nefasta das práticas de *bullying* que começam a ser publicadas, salientando que as agressões entre estudantes começam a preocupar os professores (GUIMARÃES, 1984; GUIMARÃES, 1990; CANDAU, 1999). Antes disso, as demandas da população mais vulneráveis ficavam à mercê das ações de caridade e filantropia vindas do setor privado no Brasil, que foram aos poucos sendo substituídas de relações familiares patriarcais para uma lógica funcionalidade, individualista e concorrencial, de um *mundo fluído* (BAUMAN, 1998; 2011). A violência de famílias patriarcais era velada ou vista como algo natural da autoridade dos pais, emergindo inúmeras violências que eram refletidas em outros espaços da vida social, incluindo as escolas, como um recurso legítimo de relacionamento interpessoal.

As primeiras iniciativas brasileiras de atenção institucional às crianças no século XIX consistiam em creches, asilos e orfanatos de cunho assistencialista. A partir de 1889 são criadas as primeiras escolas dentro do ideal republicano, reforçando a função socializadora direcionadas para valores como bons costumes, higiene e alimentação. A partir de 1930, com o movimento Escola Nova, a educação passa a ser de interesse público pautando-se em dois princípios, a educação como direito básico e a modernização das práticas pedagógicas (CASTRO; REGATTIERI, 2009). Para Castro e Rigattieri (2009), a universalização do ensino trouxe para a escola estudantes com características comportamentais, econômicas, linguísticas, culturais, em certa medida em desacordo com as expectativas da escola ou que não se encaixavam aos padrões desejados ocasionando o fracasso escolar até desistir (violência simbólica da escola).

Tudo indica que há raízes profundas da violência no Brasil, pois, desde a década de 80 e 90 repercutiam as relações violentas na escola por questões de vigilância entre os estudantes como um recurso de relacionamento, punição e depredação do ambiente escolar, práticas violentas e vandalismos contra os prédios escolares, mas pouco era discutido sobre as violências de *bullying* contra os professores e profissionais da escola (GUIMARÃES, 1984; SANTOS, 2002).

Quando os primeiros casos de *bullying* começam a surgir no início dos anos 2000, pouco se sabia sobre o assunto e o próprio termo era desconhecido da maioria das pessoas, inclusive de pesquisadores sociais. Atualmente, convivemos com crises

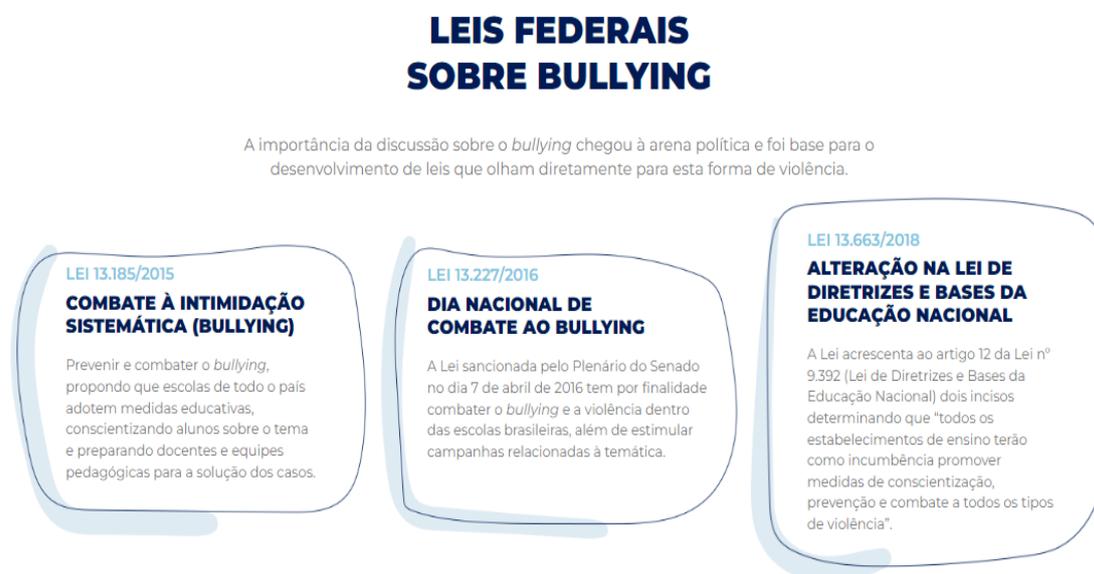
econômicas e transformações em todas as esferas socioculturais da vida, compondo os relacionamentos no mundo e as distintas formas de violência cotidiana. A desigualdade social pode ser um dos estopins para as práticas de roubo, de furto, de sequestro e assassinatos, entre outros eventos, que são também formas de relacionamento e violência entre jovens como um recurso, por vezes, legítimo (SANTOS, 2002; ADAM; FONSECA, 2020). Além disso, com a globalização veio o crime organizado e a barbárie se instaurou fortemente na difusão das violências entre gangues (ADORNO, 2006). Estudos que abordam as causas e implicações da violência nas escolas referem que a instituição escolar acaba por ser mais um espaço social em que a violência e a desresponsabilização se apresenta (ADAM; FONSECA, 2020).

Para Abramovay *et al.* (2016), o furto praticado nas escolas aparece como *microviolência ou incivilidade* compromete a organização do ambiente escolar e em consequência as relações sociais estabelecidas. As agressões físicas quando aceitas como uma comunicação (na convivência impositiva) preocupa pela dificuldade de separar o que é brincadeira e o que não é, apresentando a fragilidade dos códigos de convívio. O *cyberbullying* sob a forma de xingamentos e expressões preconceituosas deixam à mostra a importância do papel da escola em ensinar a conviver com as diferenças, étnicas, linguísticas, de gênero, culturais, etc. Tais pesquisas denotam que o *cyberbullying* requer um olhar aguçado e atento sobre comportamentos como manifestações de desinteresse nos estudos e rompantes de agressividade na escola.

Mais recentemente, outras formas de violência foram sendo impostas à escola como o progressivo aumento de matrículas, o empobrecimento e sobrecarga dos professores e dos equipamentos escolares, aumentando os índices de indisciplina em sala de aula, as reclamações de diretores de escolas públicas que alegam terem visto estudantes portando armas no ambiente escolar e anestesiano a dialogicidade e a solidariedade humana. Ainda, é evidente o aumento da violência de forma geral, como também a sua banalização por parte de seus atores, cuja inter-relação entre a violência social e a violência escolar cria um intercâmbio de atos violentos, sendo a escola influenciada e coparticipante deste processo de desajuste de regras socioculturais. A educação é aquela que permite promover a humanização, a transformação e a solidariedade por meio da dialogicidade, resistindo aos comportamentos que seguem estereótipos de uma socialização fora da escola e, por isso, mantém tal diferença nas práticas violentas. É, portanto, fundamental

estabelecer legislação que ofereçam amparo, conforme ilustrado na figura 9, a fim de enfrentar esses desafios.

Figura 9: Esquema das leis federais



Fonte: <https://escolasembullying.com.br/> (2023).

A Lei Carolina Dieckmann, por exemplo, é a Lei nº 12.737/2012, que estabelece uma alteração no Código Penal Brasileiro voltada para crimes virtuais e delitos informáticos de invasão de dispositivos, para a obtenção de conteúdo de comunicações privadas, segredos comerciais ou industriais, controle remoto de dispositivos ou dados sigilosos, assim como a transmissão, divulgação ou comercialização dos dados obtidos. Com o avanço da tecnologia e a democratização e o acesso facilitado às redes sociais, o sistema judiciário brasileiro viu a necessidade de tipificar crimes cometidos no ambiente virtual.

Vale destacar que, em nosso país, é comum as leis levarem anos para serem aprovadas, mas, nesse caso, ela foi sancionada em um ano por conta da pressão midiática após uma ocorrência com a personalidade famosa. Antes do surgimento desta lei, o ato de invadir um ambiente virtual e subtrair dados pessoais ou fotos já era crime, mas não havia nenhuma norma que tratava especificamente sobre o assunto. A Lei Carolina Dieckmann foi um marco para a proteção dos dados pessoais dos cidadãos contra criminosos virtuais, mas é possível perceber que ainda precisa ser aperfeiçoada para dirimir incertezas em sua interpretação, a saber: não há certeza

se a invasão de seu próprio dispositivo é considerada como crime e fato de a lei não especificar o tipo de dispositivo em *que o crime pode ser cometido*.

Em 2015, foi sancionada a Lei 13.185/2015 que instituiu Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)<sup>17</sup> em todo o território nacional, que ampliou o combate e jogou luz sobre os casos de bullying. A lei obrigada escolas, clubes, agremiações a combaterem bullying e adotarem medidas de prevenção, permitindo o enfrentamento de um problema que eleva os índices de evasão escolar, a criminalidade e o uso de drogas por adolescentes e jovens. A Lei 13.185/2015 (BRASIL, 2015, online) caracteriza a intimidação sistemática (bullying) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda por: I – ataques físicos; II – insultos pessoais; III – comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; IV – ameaças por quaisquer meios; V – grafites depreciativos; VI – expressões preconceituosas; VII – isolamento social consciente e premeditado; VIII – pilhérias (piadas). Conforme as ações praticadas, os tipos de bullying englobam:

I – verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente; II – moral: difamar, caluniar, disseminar rumores; III – sexual: assediar, induzir e/ou abusar; IV – social: ignorar, isolar e excluir; V – psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar; VI – físico: socar, chutar, bater; VII – material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem; VIII – virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social. (BRASIL, 2015, *online*).

Em linhas gerais, os objetivos da Lei 13.185/2015 vão desde prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (bullying) em toda a sociedade, capacitar professores e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema; implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação; instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores; dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores; integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e

---

<sup>17</sup> Intimidação sistemática ou *bullying* é todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo, que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas, nos termos da referida lei (BRASIL, 2015).

combatê-lo; promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua; evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil; promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (*bullying*), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar (BRASIL, 2015, *online*).

Segundo a Lei aprovada, *bullying é definido como a prática de atos de violência física ou psíquica exercidos intencional e repetidamente por um indivíduo ou grupo contra uma ou mais pessoas com o objetivo de intimidar ou agredir, causando dor e angústia à vítima* (BRASIL, 2015, *online*). Também estabelece que a punição dos agressores deve ser evitada *tanto quanto possível*, em prol de alternativas que promovam a mudança de comportamento hostil.

Antes mesmo de buscarmos compreender a diversidade que constitui as redes sociais, necessitamos retomar as origens da internet para que possamos estabelecer suas bases em relação à comunicação em rede, às redes sociais e suas implicações no contexto escolar. Para reconhecermos o *cyberbullying* é necessário conceituar as áreas das ciências humanas que foram submetidas a um comportamento considerado inadequado, em função das ameaças e das violências, pois o mundo virtual é pobre em alteridade (abertura ao outro) e em resistência, a partir da aceleração da vida em processos de globalização. Na verdade, a preocupação com

A violência na sociedade contemporânea é visível e invade subjetiva e objetivamente a vida de todos, interferindo nos desejos, nas ações e nas opções tomadas por indivíduos e por instituições. É um desafio social a ser enfrentado devido à complexidade de tipos existentes e de suas inúmeras manifestações. [Por isso, cabe] refletir sobre as formas de violência presentes nas escolas brasileiras: tanto aquelas que se originam em diversos espaços sociais e que invadem o espaço escolar quanto aquelas que na escola germinam e dão frutos que repercutem no cotidiano e na vida social de uma forma mais ampliada. (ASSIS; CONSTANTINO; AVANCI, 2010, p. 11).

Na era da comunicação e da informação, a internet é a base tecnológica para a interação virtual e ações organizadas em rede. De acordo com Castells (2001), em sua obra *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*, a formação de redes é uma prática de longa data, sendo uma produção humana ancestral como forma de mediação e aproximação. No entanto, essas redes

ganharam uma nova dimensão em nossa era, transformando-se em redes de informação impulsionadas pela internet. Além disso, em relação à difusão da comunicação em rede, é visionário ao alertar que “está conduzindo ao isolamento social, a um colapso da comunicação social e da vida familiar, na medida em que indivíduos sem face praticam uma sociabilidade aleatória, abandonando ao mesmo tempo interações face a face em ambientes reais”. (CASTELLS, 2001, p.121).

A comunicação em rede traz consigo um modo de diálogo, onde há uma “redução da privacidade da comunicação na Internet - a uma transformação da Internet de espaço da liberdade numa casa de vidro”. (CASTELLS, 2001, p. 183). Ferreira (2018) contribui mencionando que essa nova expressão cultural no ambiente virtual traz novos parâmetros de privacidade, devido à vigilância e visibilidade. Sendo importante se questionar sobre a proteção da privacidade, uma vez que a exposição pública e a vigilância constante se tornaram parte integrante desse contexto virtual.

### **3.1 Explorando a Internet**

A internet teve sua origem em 1969, através da Arpanet<sup>18</sup>, uma rede de computadores montada pela Arpa, que foi criada pelo departamento de defesa dos Estados Unidos com a missão de mobilizar pesquisas acadêmicas, visando a superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética na corrida espacial. Essa rede permitiu aos pesquisadores comunicarem-se para fins militares, científicos e pessoais. Em 1983, houve uma divisão da rede em MILNET para uso somente militar e na ARPA-INTERNET que ficou reservada para fins científicos. A partir de 1984, a tecnologia desenvolvida pelos militares tornou-se disponível para uso civil, pois o departamento de defesa americano teve interesse em comercializá-la, distribuí-la gratuitamente e permitir seu uso aos fabricantes de computadores americanos. Castells (2001, p. 24) afirma que “sem a ARPA não teria havido nenhuma ARPANET, e sem a ARPANET, a internet que conhecemos hoje não existiria”.

---

<sup>18</sup> “Arpanet é uma rede de comunicação que interliga quatro instituições: Universidade da Califórnia em Los Angeles, Stanford Research Institute, na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e na Universidade de Utah”. (CASTELLS, 2001, p. 83).

De acordo com Lévy (1999), ao final dos anos 1980 e início dos anos 90, um movimento sociocultural originado pelos profissionais jovens das grandes metrópoles e das universidades americanas ganhou rapidamente uma dimensão mundial.

Sem que nenhuma instância dirigisse esse processo, as diferentes redes de computadores que se formaram desde os anos 70 se juntaram umas às outras enquanto o número de pessoas e de computadores conectados à inter-rede começou a crescer de forma exponencial. Como no caso da invenção do computador pessoal, uma corrente cultural espontânea imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento tecnológico. As tecnologias digitais surgiram, então, com a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também, novo mercado da informação e do conhecimento. (LEVY, 1999, p. 32).

Em sua tese sobre a violência virtual entre crianças e adolescentes, Ribeiro (2018) busca compreender o ciberespaço, com suas várias realidades. Trazendo à tona os conceitos de Lévy (1999), no que tange ao virtual e ao real.

É virtual toda entidade *desterritorializada*, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo particular. [...] ainda, que não possamos fixa-lo em nenhuma coordenada espaço temporal, o virtual é real. (LÉVY, 1999, p. 49).

Castells (2001) complementa esse movimento de transformação radical, afirmando que a invenção da rede se deu na Europa, no início da década de 1990, em um dos principais centros de pesquisas em Física do mundo, e foi inventada por um grupo de pesquisadores chefiados pelo inglês Tim Bernes-Lee e Robert Cailliau. O autor ainda esclarece que:

Um novo salto tecnológico permitiu a difusão da Internet na sociedade em geral: a criação de um novo aplicativo, a teia mundial (world wide web – WWW), que organizava o teor dos sítios da Internet por informação, e não por localização, oferecendo aos usuários um sistema fácil de pesquisa para procurar as informações desejadas. (CASTELLS, 2001, p. 88).

Para Castells (2001), no final de 1995, o uso disseminado da *web* havia alcançado cerca de 16 milhões de usuários de redes de comunicação por computador no mundo. No início de 2001, eles eram mais de 400 milhões, com previsões apontando para um bilhão de usuários em 2005, e atingindo a marca de dois bilhões por volta de 2010.

Por isso, é necessário escovar a história da globalização capitalista a contrapelo, expondo a necessidade de se pensar em uma nova política e ontológica do humano de visão descentralizada, desterritorializada e de produção de multitudes. A lógica da globalização possui a contraface de extermínio e aniquilação daqueles que não a aceitam. (HABOWSKI; CONTE, 2021, p. 3).

Dada a crescente disseminação das redes sociais na vida, elas se revelam também pela manifestação da violência com a prática do *cyberbullying* no âmbito escolar, que se configura num grave problema sociocultural. De acordo com Schultz *et al.* (2012), as principais formas de *cyberbullying* (violências por meio de tecnologias interativas) herdeiras do *bullying* são: físicas (bater, chutar, beliscar), verbal (apelidar, xingar, zoar, insultar), moral (difamar, caluniar, discriminar), sexual (abusar, assediar, insinuar), psicológica (intimidar, ameaçar), perseguir (*cyberstalking*<sup>19</sup>), material (furtar, roubar, destroçar pertences) e virtual (zoar, discriminar, difamar, por meio da internet e celular). “No *cyberbullying* recorre-se à tecnologia para ameaçar, humilhar ou intimidar alguém por meio da multiplicidade de reais, assim como a sentimentos de depressão, desespero ou perda”. (SCHULTZ *et al.* 2012, p. 3).

Tudo indica que as diferentes formas de violência escolar sejam elas declaradas a violência ou mascaradas, que seguidamente passam impunes, ameaçam a convivência e o funcionamento da própria escola. De maneira análoga, a ausência de diálogo sobre as violências e tensões no cotidiano escolar faz com que estas manifestações de desrespeito e de invasão do outro passem a acontecer de forma banalizada no campo da educação e como algo normal, provocando comportamentos que revelam intolerância, impulsividade, desrespeito, incivildades, microviolências e a insensibilidade ao sofrimento alheio.

Galán Jiménez e Serrano (2014) redefinem essa normalização como uma “dessensibilização” à violência da sociedade, sendo resultante da exposição repetida à violência da vida real. A exposição permanente a informações que são agressivas faz com que as crianças tenham menos reação emocional a eventos violentos, desencadeando comportamentos agressivos e, como consequência, a relação social que apoia esses impulsos violentos é expandida por paranoias e até mortes, mexendo nesses artefatos digitais. Assim como, para Duarte (2006), a problemática da violência escolar não deve ser desvinculada dos altos índices de pobreza, perpetuação da

---

<sup>19</sup> *Cyberstalking* consiste em usar as ferramentas tecnológicas para perseguir obsessivamente uma pessoa específica, de modo a exercer controle sobre a vida dela (TRUZZI, 2009).

exclusão econômica, cultural, afetiva e desamparo político em que vive grande parte da sociedade brasileira.

No final do século XX, uma nova estrutura social, baseada em redes surgiu. Essa mudança foi significativa na forma de comunicação das pessoas, principalmente com o avanço no uso de dispositivos eletrônicos, sendo que a internet se tornou uma alavanca para essa nova sociedade digital e de concentração dispersa. Beluce (2019), em sua pesquisa sobre os estudantes e o uso das tecnologias digitais, destaca, com Livingstone (2011), os conhecimentos e habilidades dessa geração digital, revelando que os jovens não demonstraram a literacidade digital<sup>20</sup> necessária para fazer uso crítico e criativo das possibilidades oferecidas pelos artefatos virtuais disponíveis.

Em consonância com estas observações, Castells (2001) partilha que a internet converteu com naturalidade as formas de interação nas redes em meios dinâmicos de comunicação global e diálogo cultural, ficando hoje evidente que essas redes desempenham um papel crucial em nosso mundo contemporâneo. Suas características flexíveis e adaptáveis são cruciais para prosperar em um ambiente digital em constante evolução. No entanto, é importante reconhecer que o uso da internet como sistema de comunicação e organização não é isento de paralizações e retrocessos culturais recaindo em violências humanas. Embora tenhamos experimentado benefícios notáveis, como a conectividade global e o acesso à informação, também enfrentamos desafios, incluindo questões de privacidade, superexposição da vida pessoal, disseminação de desinformação via discursos de ódio e polarização nas mídias.

### **3.2 O *bullying* no ambiente virtual é um problema crescente**

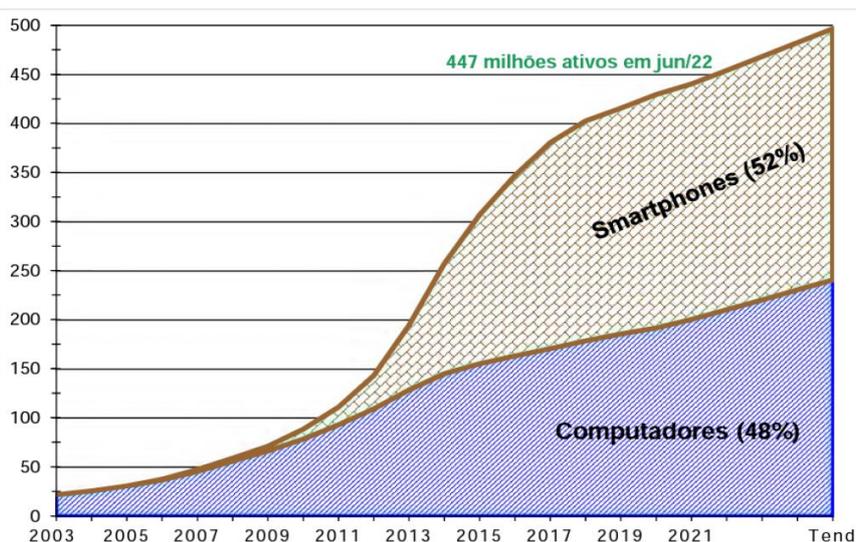
As tecnologias digitais permitem o acesso às redes e nelas exercem sua condição emergente de flexibilidade e de comunicação em massa. Só para termos uma ideia, de acordo com a 33ª Pesquisa Anual do FGVcia, nosso país já dispõe de cerca de quatrocentos e quarenta e sete milhões de dispositivos digitais, entre

---

<sup>20</sup> Literacidade Digital designa as competências e habilidades, a alfabetização científica e digital dos sujeitos, para oportunizar ao estudante conhecer, julgar, criticar, criar e compartilhar conteúdos diversos e aplicá-los em diferentes contextos e práticas (VALENTE, 2019).

computadores e *smartphones*, ou seja, mais de dois aparelhos por habitante (MEIRELLES, 2022), conforme podemos observar no gráfico 3.

Gráfico 3 - Dispositivos Digitais / Base Ativa em Uso no Brasil (Milhões)



Fonte: 33ª Pesquisa Anual do FGVcia (MEIRELLES, 2022, p. 17).

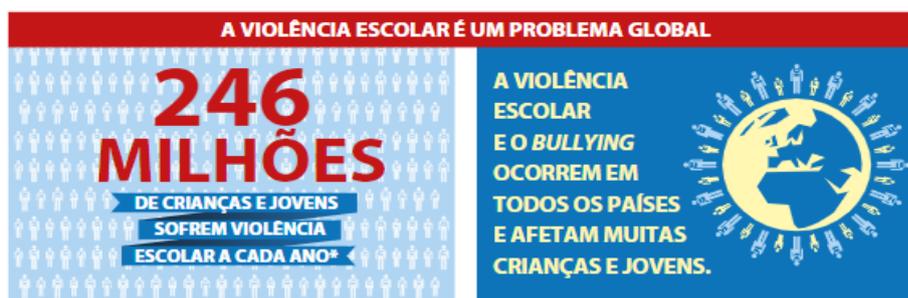
Cabe destacar que o cenário é propício à utilização das múltiplas tecnologias como suporte mediador da aprendizagem, mas, não basta apenas incluir tais tecnologias sem quaisquer critérios ou cuidados. A mudança de sentido passa pela autorreflexão coletiva da realidade e das violências que acompanham as TIC, quando se trata de referenciar tempo e espaço, transpondo as amarras físicas e temporais da sala de aula, agregando, dessa forma, novas funcionalidades e formas de mediação aos horizontes da virtualidade. O autor ainda considera que a influência das redes sociais na internet, vai muito além do número de usuários, pois, ao usá-las nós transformamos a própria internet em um novo padrão de comportamentos que emerge dessa interação, visto que a internet é maleável, suscetível a profundas mudanças através das práticas sociais. Contudo, “[...] a internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar a nossa realidade”. (CASTELLS, 2001, p.12).

Nesse contexto, o Ministério da Educação (MEC) e a Unesco (2011) desempenham papéis significativos. A Unesco atua em diversas áreas, incluindo Educação, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Sociais, Cultura e Comunicação e

Informação, desenvolvendo projetos de cooperação técnica em parceria com o governo em diferentes níveis, com a sociedade civil e com a iniciativa privada. Essa colaboração busca alinhar políticas públicas com as metas estabelecidas pelos estados membros da organização (BRASIL, 2019).

No setor educacional, a principal diretriz da Unesco (2011) é auxiliar os países membros a atingir as metas de Educação para Todos, promovendo o acesso à educação em todos os níveis e modalidades, incluindo a educação de jovens e adultos. Para isso, a organização desenvolve ações direcionadas ao fortalecimento das capacidades nacionais, além de prover acompanhamento técnico e apoio à implementação de políticas nacionais de educação, tendo sempre como foco o papel social e a relevância da educação como valor estratégico para o desenvolvimento humano, social e econômico dos países. O MEC e a Unesco têm como objetivos comuns a promoção e o desenvolvimento de uma educação de qualidade, assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida (UNESCO, 2011).

A conexão entre essas ações e a realidade das escolas é estabelecida pelo relatório *Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial*, publicado pela Unesco em 2019. Este relatório oferece informações fundamentais para compreender as políticas públicas relacionadas à violência escolar no Brasil e permite a articulação de práticas de prevenção à violência escolar, incluindo o *cyberbullying* nas redes sociais. O relatório foi elaborado para informar o Simpósio Internacional sobre a Violência Escolar e *Bullying*, organizado pela UNESCO e pelo Instituto de Prevenção à Violência Escolar da Universidade de Mulheres Ewha. Seu objetivo é incentivar educadores, formuladores de políticas e profissionais de diversas áreas a discutir e combater a violência escolar e o *(cyber)bullying*, que assumem novas dimensões com o uso crescente de dispositivos eletrônicos (UNESCO, 2019). Os dados da ONG *Plan Internacional*, figura 10, destacam a relevância global de dar visibilidade à questão da violência escolar, para que possamos agir com respostas humanizadas na escola.

Figura 10 - Impactos da violência escolar e do *bullying* na escola

Fonte: UNESCO (2019, *online*).

A compreensão das complexas manifestações da violência escolar, que afetam não apenas os estudantes, mas também professores e outros membros da comunidade escolar, é essencial. Essa violência pode se manifestar de diversas maneiras, abrangendo desde formas físicas, como castigos físicos, até manifestações psicológicas, incluindo o abuso verbal. Além disso, a violência sexual, abarcando situações de estupro e assédio, bem como o fenômeno do *bullying* e do *cyberbullying* representam aspectos cruciais dessa realidade. As causas de origem, conforme a figura 11, estão na própria sociedade de intercâmbios *online*, onde tudo é mostrado em certa precocidade de informações, abrindo a experiência do inconsciente pulsional das crianças e adolescentes, que se tornam mais vulneráveis, tendo maiores riscos de sofrer *bullying* e *cyberbullying*, por terem recebido precocemente as chupetas eletrônicas.

Figura 11 - Fatores desencadeadores do *cyberbullying*

Fonte: UNESCO (2019, *online*).

Um fator crucial no aumento do *cyberbullying* é o crescimento rápido do acesso à internet e às novas tecnologias de informação e comunicação pelas crianças. As crianças têm ficado *online* cada vez mais cedo e em maior número, e a idade média para o início do uso da internet tem diminuído. Na perspectiva de Livingstone, Carr e Byrne (2015), um terço dos usuários da internet em todo mundo têm menos de 18 anos. Beluce (2019) faz referência a diversos estudos, para evidenciar que em contextos onde o acesso à internet é mais intenso, a ocorrência ou repetição dos atos de *cyberbullying* é maior (ELGAR *et al.*, 2014; SELKIE; FALES; MORENO, 2016; PATCHIN; HINDUJA, 2015).

Embora a maior parte dos dados disponíveis sobre a prevalência do *cyberbullying* seja proveniente de pesquisas conduzidas em países industrializados, o uso da internet tem crescido no mundo todo, especialmente no período da pandemia. Daí a importância de outros países serem proativos no monitoramento do problema e adotarem medidas para prevenir e combater essa forma específica de *bullying*. O fenômeno tomou vida própria e se tornou um problema usual nesse ambiente, uma vez que a internet é um imenso fórum democrático, hoje indispensável, mas também terreno fértil para informações e comunicações apressadas e intolerância de todos os âmbitos da vida.

Frente a isso, foi aprovado *O Marco Civil da internet* (BRASIL, 2014), sob três princípios: a neutralidade de rede, a proteção da privacidade e a garantia da liberdade de expressão, porém, as pessoas continuam usando a internet livremente sem censura ou bloqueio fazendo avançar a impunidade (SOUZA; LEMOS, 2016). Há vários casos de incentivo ao preconceito e à violência, resultantes da irresponsabilidade de usuários das redes sociais, com ações inclusive de linchamento público. Os marcos legais deveriam regular e assegurar a segurança do usuário e a justiça, no entanto, as informações falsas e os discursos de ódio continuam sendo compartilhados nas redes porque as regulações dependem apenas de uma autodeclaração do usuário de que o conteúdo é verdadeiro e a retirada do conteúdo falso depende do acionamento da justiça por liminar, o que causa morosidade frente à rapidez com que são disseminadas as desinformações.

Afinal de contas, o ciberespaço, ausente de uma regulação determinada pelo governo, poderia se tornar um ambiente perfeito de violências em rede? Essa parece ser uma limitação percebida nas produções encontradas, visto que depois de muita luta, a Lei do Marco Civil da Internet traz garantias aos direitos fundamentais para os

usuários da rede, como a privacidade e a liberdade de expressão, em consonância com orientações internacionalmente aceitas de governança da internet em todo o mundo, garantindo que a internet continuasse como ela de fato nasceu: um espaço da liberdade e não um espaço aprisionado pelo modelo de negócios das operadoras de telecomunicações. O artigo intitulado *O Marco Civil da Internet - desafios para a educação*, de Nelson De Luca Pretto e Maria Helena Silveira Bonilla (2014, p. 148) podem nos ajudar a esclarecer esse debate sobre a criação de uma legislação própria para a rede, “bem como as potencialidades do Marco Civil da Internet, especialmente para a educação”.

Entre 2009 e 2011, a EU Kids Online Survey coletou dados de 25.000 crianças e adolescentes de 9 a 16 anos de idade em 25 países europeus, dos quais 6% relataram sofrer *bullying online* e 3% admitiram ter praticado essa forma de *bullying*. A tendência maior, entretanto, foi a dos entrevistados que relataram ter sofrido *bullying* pessoalmente, dos quais 20% declararam ter sofrido *bullying offline*. Mais da metade dos que sofreram *bullying online* relataram que ficaram *muito chateados*, embora 15% tenha alegado não ter ficado chateado de nenhum modo. A União Internacional de Telecomunicações declara que na Europa, mais de 80% das crianças entre 5 a 14 anos usam celulares. Segundo estudos de Livingstone, Carr e Byrne (2014), observou-se que, entre 2010 e 2014, a proporção de crianças e adolescentes entre 9 a 16 anos que foram expostos ao *cyberbullying* aumentou de 8% a 12%, especialmente entre meninas e crianças mais jovens, sendo que esta faixa etária se torna cada vez mais propensa a ficar exposta a mensagens de ódio, sites pró-anorexia ou de autoagressão e *cyberbullying*.

A pesquisa também mostrou que a exposição ao *cyberbullying*, seja como vítima ou agressor, aumentou com a idade, e que o *bullying* por meio das redes sociais se tornou mais comum que o *bullying* por meio de celulares, conforme os estudantes ficavam mais velhos. Segundo a análise de dados canadense feita sobre a saúde de crianças em idade escolar, dos 1.972 estudantes do ensino médio incluídos na pesquisa, cerca de 14% sofreu *cyberbullying* nos últimos dois meses (CAPPADOCIA; CRAIG; PEPLER, 2013). O percentual foi especialmente alto para as meninas, sendo que 18% declararam ter sofrido *cyberbullying* enquanto o índice comparativo está em 8% para os meninos. Cerca de 12% dos estudantes disseram ter praticado *bullying* com outro colega usando um computador, e-mail ou celular nos últimos dois meses,

e tanto os meninos quanto as meninas mostraram-se igualmente propensos a cometê-lo.

O *cyberbullying*, que se utiliza basicamente de telefones celulares, especialmente os dotados de inúmeras funções, e de computadores ligados à Internet. Meninas são filmadas ou fotografadas em cenas sexuais, meninos são provocados para brigar e são fotografados no momento em que estão apanhando, cenas são forjadas com os recursos da informática, tudo com o objetivo de divulgá-las na Internet, de forma a expor os colegas a situações humilhantes e vexatórias. [...] De acordo com Campbell (2007), o *cyberbullying* se torna mais grave por não ter limites geográficos, além de envolver o poder da palavra escrita. Nesse sentido, pode adentrar as casas, ampliando o seu raio de ação. Considera-se, ainda, o agravante de sua permanência, já que é praticamente impossível sua total eliminação. (RISTUM, 2010, p. 101).

O *cyberbullying* envolve a postagem e envio de mensagens eletrônicas, incluindo textos, fotos ou vídeos, com o objetivo de assediar, ameaçar, coagir ou atingir outra pessoa por meio de uma variedade de violências por mídias e plataformas sociais, salas de bate-papo, *blogs*, mensagens instantâneas, etc. O *cyberbullying* pode incluir difamação, postagens contendo informações falsas, mensagens ofensivas, memes, chantagens ou fotos constrangedoras, ou a exclusão de alguém das redes sociais ou de outro sistema de comunicação, por isso pode ser representado como uma forma dissimulada de assédio entre iguais por agressões virtuais.

Como bem observou Castells (2003, p. 242), “a geografia das redes é uma geografia tanto de inclusão quanto de exclusão (numa autocontradição performativa), dependendo do valor atribuído por interesses socialmente dominantes a qualquer lugar dado”. O *cyberbullying* permite que os agressores permaneçam anônimos, podendo atingir a vítima a qualquer hora e em qualquer dia com mensagens e imagens que podem ser rapidamente visualizadas por uma vasta audiência (AZEVEDO; MIRANDA; SOUZA, 2012).

A prevalência do *cyberbullying* é praticada em ambientes *online* por meio de celulares, computadores, sites e redes sociais. Beluce (2019) se orienta nos estudos de Varjas *et al.* (2010), para considerar que entre as motivações apontadas pelos estudantes para o *cyberbullying* se encontra aquela relacionada à busca por proteção, uma vez que muitos agressores se percebem como possíveis vítimas e, por isso, atacam para evitar serem alvo de perseguições.

Os agressores declaram praticar *cyberbullying* porque sofrem *cyberbullying*, e as vítimas geralmente também sofrem *bullying* pessoalmente e, muitas vezes, não

contam a ninguém sobre suas experiências. Entre os motivos disso estão a falta de confiança nos adultos, incluindo os professores, o medo da repercussão ou de retaliações, o sentimento de culpa, vergonha ou confusão, o receio de não ser levado a sério ou de não saber onde procurar ajuda. O *cyberbullying* pode passar despercebido ou ser ignorado pelos pais, como algo que se padronizou como normal, ignorando seu impacto negativo na educação, na saúde e no bem-estar de crianças e jovens.

De acordo com o estudo de Gonçalves (2020), o ambiente relacional inseguro e instável das famílias resulta em alta sensibilidade emocional diante de situações conflituosas. Em contrapartida, os relacionamentos seguros e estáveis com os pais, aliados a um suporte familiar sólido, são considerados fatores protetores para a saúde mental e emocional de crianças e adolescentes (MOMBELLI *et al.*, 2011; WAGNER *et al.*, 1999).

Contudo, o *cyberbullying* é um problema crônico e crescente, a maior parte dos dados disponíveis sobre a prevalência do *cyberbullying* provém de pesquisas conduzidas em países industrializados e sugerem que a proporção de crianças e adolescentes afetados pelo *cyberbullying* varia de 5% a 21%, sendo as meninas mais propensas a sofrer essa forma de *bullying* do que os meninos (UNESCO, 2019).

### **3.3 Impactos do *cyberbullying***

Os impactos do *cyberbullying* nas escolas violam os direitos das crianças e adolescentes, incluindo seus direitos à educação, à saúde e à diversidade cultural, porque as comunicações eletrônicas representam uma extensão do ambiente escolar. É notório o impacto negativo deste tipo de violência, seja em decorrência de problemas de autocontrole, de dificuldades em prestar atenção no cotidiano das aulas, de falta de amparo social, negligência no tratamento dado ao fenômeno no trabalho escolar e até conflitos familiares, que acaba prejudicando a saúde física, mental e o bem-estar emocional de crianças e adolescentes (AZEVEDO; MIRANDA; SOUZA, 2012). Conforme mostra a figura 12, algumas reações físicas comprovadas do *cyberbullying* incluem dores de estômago e de cabeça e dificuldades para comer e dormir. Os que sofrem *cyberbullying* estão mais propensos a terem dificuldades interpessoais, depressão, solidão ou ansiedade, autoestima baixa, pensamentos

suicidas ou a tentarem o suicídio. “E o uso dessas redes sociais digitais impõe, muitas vezes, a atemporalidade e uma propagação extremamente rápida da violência virtual que também traz impactos irreparáveis ao psiquismo e à vida social das vítimas de *Cyberbullying*”. (AZEVEDO; MIRANDA; SOUZA, 2012, p. 263).

Conforme o estudo de Gonçalves (2018), intitulado “*Cyberbullying* de crianças e adolescentes: Definições, associações com a saúde, a educação e propostas de ação”, observamos os impactos do *cyberbullying* com um teor destrutivo na saúde mental, cognitiva, emocional e comportamental dos adolescentes no ambiente educacional. Tal fenômeno é causado por sentimentos de isolamento social devido a perda de vínculos, a experiências de *cyberagressão* cometidas pelos seus pares na escola, agravando as fontes de sofrimento psíquico com a depressão e a baixa autoestima, causando assim, as autolesões (atos de se ferir) e as ideações e tentativas de suicídio. Luxton, June e Fairall (2012) desvelam em seus estudos que o risco de suicídio aumenta entre pessoas vítimas de *cyberbullying*, sendo que quando relacionado direta ou indiretamente com o suicídio é nomeado de *cyberbulicídio*.

Ferreira (2018) confirma e complementa no seu estudo, através dos dados de pesquisa de Burnett *et al.* (2013), que aqueles que sofrem com o *cyberbullying* têm aproximadamente oito vezes mais chances de levar uma arma para a escola do que outros estudantes que não passaram por essa experiência. Ideia reforçada também por Asam e Samara (2016), e sustenta que grande parte dos estudos considera ainda que o *cyberbullying* está associado também ao uso de drogas. Carpenter *et al.* (2014) corrobora dizendo que a agressão virtual traz consequências psiquiátricas que afetam a saúde mental e o desenvolvimento global na escola.

Os impactos educacionais sobre as vítimas deste tipo de violência, também é significativo e estão representados na figura 13, visto que o *cyberbullying* entre colegas cria uma atmosfera de ansiedade e insegurança incompatíveis com o ambiente de ensino e de aprendizagem social da esfera escolar. O sentimento de medo de ir à escola, bem como das testemunhas e vítimas, interfere na capacidade de concentração em sala de aula e na participação das atividades escolares. Ferreira (2018) também enfoca que as testemunhas são os espectadores, denominados *ignorantes pluralistas* (WINGATE *et al.*, 2013), que correspondem ao comportamento grupal (em bando), onde sujeitos de um dado grupo ao terem divergências de opinião preferem se calar diante de injustiças porque são contrárias do grupo ao qual pertencem.

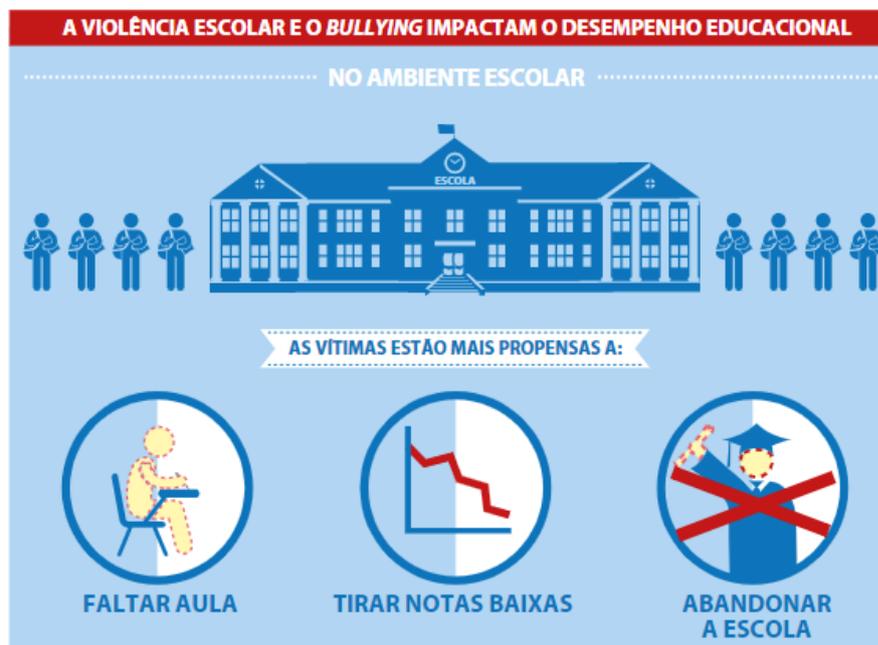
Estudantes e professores correm o risco de faltar às aulas, evitar atividades escolares ou abandonar de vez a escola, o que produz um impacto negativo nas formas de sociabilidade, de justiça social e de abertura aos outros e às possibilidades futuras no mercado de trabalho. O *cyberbullying* praticado na escola também acarreta insegurança, instabilidade, conflitos, impulsividade e, vulnerabilidade e altos custos sociais e econômicos (UNESCO, 2019). Como parte das consequências a longo prazo, tanto as vítimas quanto os agressores apresentam maior risco de desenvolver problemas sociais e de relacionamento, comportamento antissocial e atitude criminal, desqualificação, além da probabilidade de não receberem apoio psicossocial adequado. Os impactos econômicos estão relacionados à evasão escolar e a sub-representação das meninas na educação com prejuízos por medidas paliativas como expulsões e afastamento dos agressores, o que apenas transfere o problema para outra escola.

Figura 12 - A violência escolar e o *bullying* na saúde física e emocional



Fonte: UNESCO (2019, *online*).

Figura 13 - Impactos da violência escolar e do *bullying* na educação



Fonte: UNESCO (2019, *online*).

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA, 2020, *online*) sugere o enfrentamento ao *(cyber)bullying* nas escolas e aponta avanços e novo cenário em meio à pandemia, através das seguintes atitudes voltadas para a paz e para a vida saudável nas escolas:

- conversar com os alunos e escutar atentamente reclamações ou sugestões;
- estimular os estudantes a informar os casos;
- reconhecer e valorizar as atitudes da garotada no combate ao problema;
- criar com os estudantes regras de disciplina para a classe em coerência com o regimento escolar;
- estimular lideranças positivas entre os alunos, prevenindo futuros casos;
- interferir diretamente nos grupos, o quanto antes, para quebrar a dinâmica do bullying.

Nesse cenário, consideramos os estudos de Davis, Bartolomé, Ruiz-Hernandez (2022) feito com 96 educandos de educação elementar e ensino médio de escolas na Espanha. O trabalho comprovou em dados, que as crianças que cometem violência interpessoal o fazem para se sentir melhor, para elevar sua autoestima, por lazer ou diversão, especialmente se voltando contra aqueles que são tidos como diferentes. Também, praticam atos violentos para resolver conflitos, por socialização ou para atrair a atenção dos pares. Há aí a demonstração da dificuldade de se conviver com as diferenças nas escolas contemporâneas.

### 3.4 As respostas ao *cyberbullying*

Tudo indica que os professores estão ficando constrangidos com o excesso de tecnologias digitais, que vem de fora como boas práticas, mas esvaziadas de sentido educativo, sobrecarregados pelo ritmo do consumismo pedagógico, superados pelo espírito empreendedor e o solucionismo tecnológico, em ambientes egoístas via redes, sem espaço à alteridade educacional (CHARLOT, 2020). A formação de professores não pode deixar de acompanhar a evolução da ciência e da problematização acerca da aquisição do conhecimento, conforme aponta Nóvoa (2022), na obra *Escolas e Professores: Proteger, Transformar, Valorizar*. Neste momento de cultura digital as múltiplas dimensões da atuação e da formação pedagógica passam pela autocrítica do digital e não pela simples aceitação/adaptação. Charlot, comenta ainda:

Ser Professor (a) sempre é um desafio, sejam quais forem a sociedade e o contexto. [...] As formas como se desenrola esse desafio e se vivem essas contradições são relacionadas com o contexto social e cultural. Estamos vivendo, na sociedade contemporânea, profundas mudanças na relação com o desejo e na relação com o saber. Além disso, essa sociedade está pedindo ao Professor cada vez mais coisas, muitas vezes vagas e até contraditórias. Por exemplo, o Professor deve ser construtivista em uma escola organizada para práticas tradicionais e com alunos que querem, antes de tudo, passar de ano. O que fazer? Chorar? Ou considerar que o trabalho do Professor, na sociedade contemporânea, é, ao mesmo tempo, impossível de ser feito e mais importante do que nunca. E, talvez, mais interessante. (CHARLOT, 2014, p. 01).

Corroborando com Charlot (2014), identificamos um desgaste físico e mental por parte daqueles que trabalham em contexto escolar, mais especificamente, em sala de aula com dupla jornada, visto que o professor se depara com diversas situações difíceis, complexas e controversas, somadas aos dilemas das relações pedagógicas do *cyberbullying*.

Para ensaiar respostas, algumas intervenções estão sendo realizadas para prevenir e combater o *cyberbullying* e passam por ações voltadas aos códigos de conduta escolar, às práticas cooperativas e solidárias para assegurar um ambiente escolar mais seguro, acolhedor e inclusivo (UNESCO, 2019). A sugestão crucial está em desenvolver com os estudantes o diálogo e o pensamento crítico, para enfrentar as condições constrangedoras e a desumanização em sala de aula, demonstrando no cotidiano escolar, por meio de grupos de estudos e suporte aos professores e funcionários da escola, propostas de reconhecimento dos dilemas da vida por

experiências prazerosas, com capacidade expressiva para o debate das redes sociais na educação.

As evidências disponíveis mostram que as respostas mais eficientes ao *cyberbullying* estão alicerçadas em uma abordagem mais ampla, incluindo ações preventivas (UNESCO, 2019). Estas podem reduzir o problema, quando focadas na transformação da cultura escolar, se opondo a qualquer tipo de violência normalizada e incentivando os professores a utilizarem dispositivos alternativos para a gestão comunicacional da própria sala de aula. E não faltam exemplos de como problematizar a violência comercializada e outros tipos de banalização da violência na escola<sup>21</sup>.

As obras cinematográficas nos oferecem rica matéria-prima para novos entendimentos de mundo, de cultura e de linguagens que podem ser reconstruídos em diferentes contextos, bem como lançam questões sensíveis e ambíguas, que surgem como inquietações para aprender a pensar sobre a violência institucionalizada. [...] A educação, nesse sentido, possui uma dimensão política de desafiar com a própria obra cinematográfica os padrões instituídos, viabilizando novos debates à reeducação dos modos de agir massificados e violentos, a fim de respeitar e valorizar as diferenças socioculturais. (HABOWSKI; CONTE; BRANCO, 2018, p. 481).

Portanto, esse enfoque tem implicações profundas para a educação, pois exige que os educadores pensem crítica e reflexivamente sobre como as ideias estão sendo apresentadas aos educandos, reconhecendo a importância das pedagogias e didáticas na construção do conhecimento.

### **3.5 Os principais desafios ao combate do *cyberbullying***

De acordo com o relatório da Unesco (2019), os principais desafios atualmente enfrentados para o combate do *cyberbullying* são: ausência de liderança e gestão escolar sólidas, para prevenir e combater, falta de capacidade e recursos aos sistemas educativos, treinamento e apoio para diretores, professores e outros funcionários de escola para torná-los aptos a identificar e impedir *cyberbullying*, carência de programas e materiais educativos apropriados que ajudem a

---

<sup>21</sup> “Um filme recente que ilustra a questão da violência que existe no sistema escolar em relação às diferenças é abordado no filme *Extraordinário* (2017). Ao longo do filme uma criança sofre *bullying* dos demais estudantes por ter uma deformidade facial que o torna estranho frente aos padrões convencionais. Em uma das cenas o diretor da escola chama a família de uma das crianças que realizou o *bullying* para reprimir tal prática na escola. A cena desvela a violência enraizada socialmente, visto que a mãe da criança chamada a se explicar participou da remontagem da foto da turma (excluindo o colega diferente) e não reconheceu o seu erro, enquanto o próprio filho pede desculpas ao diretor da instituição”. (HABOWSKI; CONTE; BRANCO, 2018, p. 482-483).

desenvolver o conhecimento, as atitudes e as habilidades necessárias à não violência, falta de conscientização e responsabilização de planejadores, profissionais e formuladores de políticas educacionais, famílias, comunidades e outros segmentos da sociedade sobre os efeitos prejudiciais do *cyberbullying* na educação, saúde e bem-estar das crianças e adolescentes.

Além disso, são mencionados os efeitos benéficos da eliminação da violência nas escolas, que passam pelos debates críticos sobre as normas sociais, culturais e de gênero que apoiam ou ignoram o problema, dificultando ou não a discussão e a denúncia. A lista de desafios é grande, e vai desde a fraca coordenação entre o setor de educação e setores da saúde, serviços sociais e proteção à criança e limitadas parcerias com outras entidades, incluindo a sociedade civil, sindicatos, pais e comunidades, envolvimento limitado de crianças e adolescentes no planejamento e implementação de intervenções para *cyberbullying* na escola, ausência de orientação e outros tipos de apoio e mecanismos insuficientes de encaminhamento à assistência médica e a outros serviços de apoio às vítimas, agressores, testemunhas do *cyberbullying* e famílias afetadas pelo problema, poucas avaliações de programas para prevenir e combater *cyberbullying*, informações limitadas sobre as causas, natureza e escala do *cyberbullying*, o que reflete a ausência de um padrão de definições e indicadores, de uma ampla coleta de dados com registros insuficientes (UNESCO, 2019).

As escolas têm o potencial de criar um ambiente propício à modificação de atitudes relacionadas ao *cyberbullying*, bem como ao aprendizado de comportamentos não violentos (UNESCO, 2019). Além disso, a educação tem um papel essencial na transformação dos ambientes e do conteúdo educacional que é aprendido e ensinado fazendo a diferença. As escolas também são capazes de fornecer às crianças e adolescentes as condições necessárias para que se comuniquem, negociem e resolvam os problemas de forma pacífica, bem como promover valores de tolerância, respeito, empatia, solidariedade e promover a não violência na comunidade escolar (UNESCO, 2019).

O estudo de Bozza (2021), inspirado em Ang e Goh (2010), revela as expectativas de reconhecimento pela empatia, em casos de *cyberbullying*, e evidencia a ausência de alteridade (empatia afetiva de experimentar e compartilhar as emoções com os outros) e a empatia cognitiva (habilidade intelectual para compreender as emoções dos outros) nessas situações.

A pesquisa científica de Reis (2021) fortalece as concepções de Cortella (2014), ao manifestar a importância do respeito e da presença de valores que são essenciais e outros fundamentais, como a cooperação e a noção de cidadania, os quais são alguns dos pilares que sustentam nossa habilidade de viver em sociedade. A escola, portanto, é o ambiente propício para redefinir e reforçar a construção de valores socialmente desejáveis.

O relatório da Unesco (2019) nos traz dados importantes em relação à definição de termos. Para o *bullying* incluindo *cyberbullying* é considerado um tipo de violência, definido como um padrão de comportamento, exercendo um impacto negativo na vítima, no agressor e nas testemunhas. O *bullying* foi definido como “um comportamento indesejado e agressivo entre crianças em idade escolar que envolve um real ou percebido desequilíbrio de poder. O comportamento é repetido ou tem o potencial para ser repetido ao longo do tempo”. (LADISLAU, 2015, p.1). O *bullying* ou o *cyberbullying* constituem preocupações cruciais para crianças e adolescentes.

Foi publicado em 2022, o relatório da UNESCO no Brasil, contendo as ações que procuram contribuir para promover a educação de qualidade, erradicar a pobreza, proteger o patrimônio e respeitar a diversidade cultural; promover o avanço da ciência para um futuro sustentável e construir sociedades do conhecimento. De todas as ações, aquela que mais dialoga com o nosso tema é o caderno *Como se Faz? Semeando a cultura de paz nas escolas* (UNESCO, 2021).

De acordo com pesquisadores do campo, as seis formas mais comuns de *cyberbullying* são as seguintes:

- 1) *Cyberbullying* raivoso: envio de mensagens de texto e *e-mails* rudes, irritados e vulgares para um grupo ou uma pessoa; 2) *Assédio online*: envio frequente de mensagens ofensivas via *e-mail* e como mensagens de texto para uma pessoa; 3) *Cyber*-perseguição: envio constante de ameaças feitas de modo *online*; 4) *Difamação online*: envio de declarações prejudiciais, falsas ou cruéis sobre uma pessoa ou grupo; 5) *Máscara*: ocorre quando quem pratica o *cyberbullying* finge ser outra pessoa e envia mensagens com a intenção de prejudicar os outros; 6) *Publicização*: envio ou publicação de material sobre uma pessoa que contém informações privadas ou embaraçosas. (ZUIN, 2017, p. 56).

As exposições à violência compreendida como um ato de excesso, força ou coerção na vida cotidiana e nos meios midiáticos instantâneos atribuem uma espécie de livre curso aos sentimentos anestesiados e violentos da cultura do espetáculo (SIBILIA, 2012). O problema surge quando percebemos que os meios de

comunicação eletrônicos fornecem visões da vida adulta associadas à violência, ao consumismo, à corrupção, mostrando às crianças distorções, mentiras, desonestidades e hesitações.

Ora, as escolas não são apenas locais de socialização de conteúdo, mas ambientes de desenvolvimento socioemocional. Esse aspecto é salientado na nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular), quando refere que entre as tarefas para o ensino médio, por exemplo, compete à escola: “promover o diálogo, o entendimento e a solução não violenta de conflitos, possibilitando a manifestação de opiniões e pontos de vista diferentes, divergentes ou opostos”. (BRASIL, 2017, p. 467). Para isso, deve cultivar uma dinâmica discursiva que produza uma ambiência propícia por intermédio de uma vontade ou desejo de memória. Portanto, a proposta questiona não simplesmente as possibilidades da representação da violência, e os limites desta possibilidade em forma de arquivos, mas principalmente a relação entre violência, memória e linguagem, tendo como parâmetro as grandes violências das quais o século XX foi pródigo. (TREVISAN, 2022, p. 338-339).

Como destacado anteriormente, há poucas referências na literatura que versam sobre a investigação do fenômeno pesquisado, por isso mesmo, precisamos fazer valer os direitos humanos e debater as práticas de *cyberbullying* no cotidiano escolar, para compreendermos os motivos pelos quais não conseguimos reagir a estas situações por meio do estabelecimento de relações pedagógicas e dialógicas.

#### 4. CYBERBULLYING E EDUCAÇÃO

Nesta seção, serão apresentados os principais teóricos que alicerçam as reflexões e as interpretações em torno do *cyberbullying*, das redes sociais e da violência escolar. Esta seção está dividida em duas subseções. A primeira subdivisão da seção trata dos padrões de uso da internet na sociedade contemporânea. A segunda divisão traz os enfrentamentos às práticas agressivas pelo diálogo pedagógico. Finalizamos os debates com a importância do desenvolvimento da intercomunicação dialógica como fator de formação dos sujeitos contra os ambientes violentos da escola.

Conforme o estudo de Ana Paula Caetano *et al.* (2017, p. 1018), “apesar dos esforços no campo da educação e das preocupações globais com os direitos humanos, as sociedades contemporâneas ainda não conseguiram erradicar a violência e enfrentam, hoje, suas novas formas, que, em parte, resultam do progresso tecnológico alcançado”. Os autores abordam também as implicações negativas do mundo globalizado através do avanço muito rápido da internet, sendo que um fator crucial no aumento do *cyberbullying* é o crescimento rápido do acesso à internet pelas novas gerações (UNESCO, 2019).

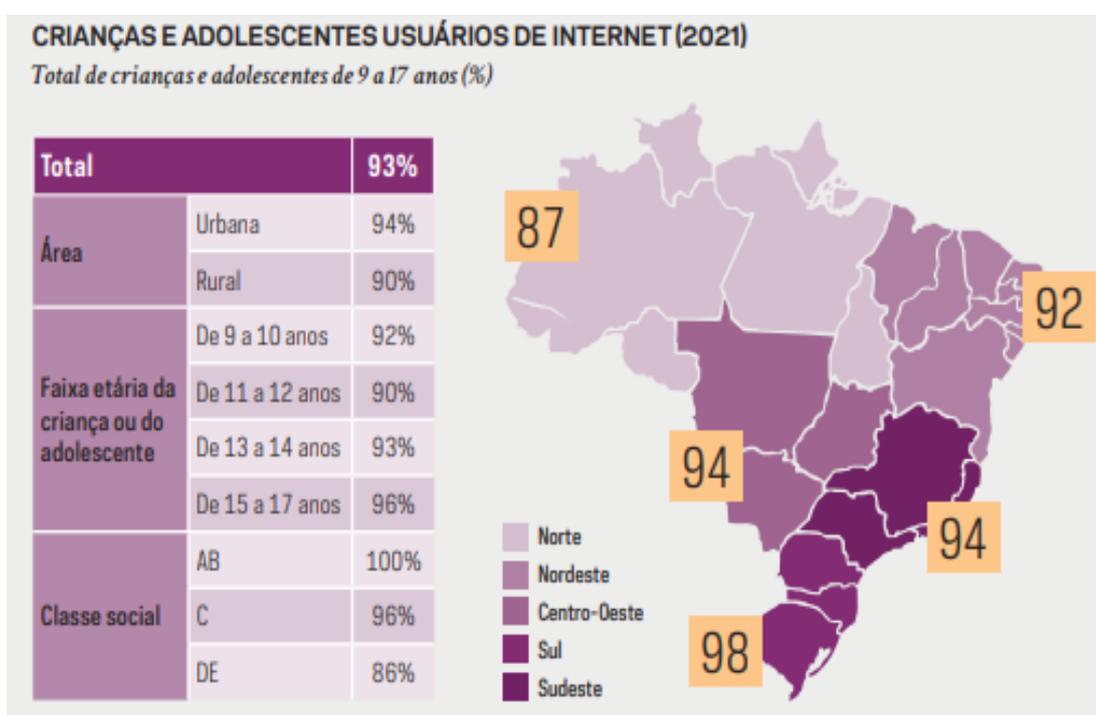
Trata-se, pois, de formar cidadãos conscientes, eticamente responsáveis, capazes de transmutar suas emoções negativas em motivações e ações transformadoras. Nascido na relação, o *cyberbullying* precisa ser trabalhado também na relação, sobretudo quando os próprios sentem que, juntos, têm capacidade de controle sobre as situações. Tanto ou mais do que coordenar esforços, é preciso agregar empenhamentos e o envolvimento no diálogo e nos afetos, como antídotos para a violência e para o medo. (CAETANO *et al.*, 2017, p. 1032).

É de notar que em uma sociedade de consumo globalizado, as crianças têm a ilusão de abundância pelas fortes estimulações e prazeres diversos a que são submetidas, mas sentem a impotência de encontrar um lugar seguro e acolhedor nesse mundo face às situações de fragmentação e de agressões no seu próprio desenvolvimento educativo e comunicacional. Sob o prisma de Bauman (2011, p. 75), citado no livro *Vida em fragmentos*, “o jogo da vida é rápido, totalmente absorvedor e consumidor de atenção, tornando nulo o tempo para parar e traçar projetos elaborados. Mas, novamente, adicionando impotência à perplexidade, as regras do jogo mudam muito antes de o jogo terminar”.

#### 4.1 Padrão de uso e variações ilustrativas de *Cyberbullying*

Segundo os dados da Cetic.br (2021)<sup>22</sup>, 93% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos são usuárias da internet no país. E nas redes sociais a proporção de crianças e adolescentes que dizem ter perfil em comunidades virtuais, como de mensagens instantâneas (*WhatsApp*) é de 80% e no *Instagram* (62%), sendo esta última a que mais cresceu em comparação ao ano de 2018 (45%). Conforme podemos ver na figura 14 e no gráfico 4 informados pelo centro regional de estudos para o desenvolvimento da sociedade da Informação (CETIC, 2021).

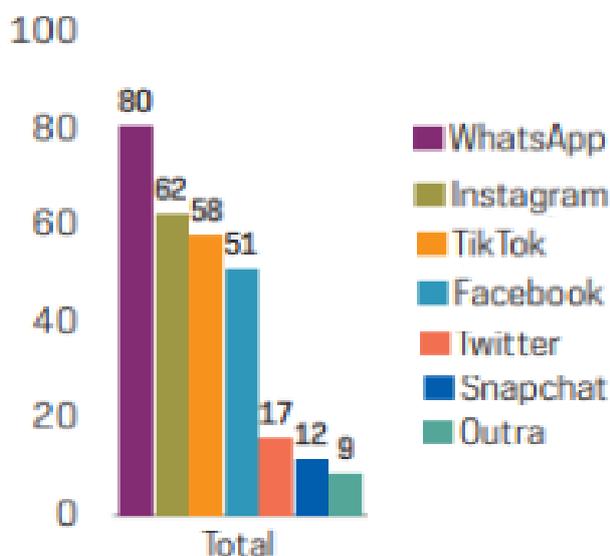
Figura 14 - Crianças e adolescentes usuários de internet



Fonte: CETIC (2021).

<sup>22</sup> Disponíveis em: <https://cetic.br/pt/publicacao/executive-summary-survey-on-internet-use-by-children-in-brasil-ict-kids-online-brazil-2021/>

Gráfico 4 - Crianças e adolescentes, por redes sociais e perfil



Fonte: CETIC (2021).

O estudo de Mandira (2017) relaciona o *cyberbullying* com os padrões de uso da internet para a *cyberagressão*, sendo este fenômeno cada vez mais precoce entre as crianças e adolescentes, reforçando, assim, a probabilidade de que tais ações de uso não tenham a supervisão de pais e professores. É relevante que a família e a escola se mantenham como fonte de apoio e nas mediações do uso das TIC. O uso da internet sem a supervisão de um adulto pode acarretar diversos riscos, como o acesso a conteúdos pornográficos, contato com estranhos, solicitação sexual de um adulto ou adolescente, troca de mensagens com conteúdo agressivo e que podem ser visualizados por um número incontável de usuários, a dependência do uso das tecnologias e até mesmo o *cyberbullying* (MANDIRA, 2017).

O comentário de Reis (2021) reforça as conclusões do estudo de Mandira (2017), ao mencionar que quando a escola e os pais abordam o tema *cyberbullying* de forma punitiva em relação às práticas agressivas e oferecem orientações seguras, nota-se uma redução no comportamento do assédio *online*. A fronteira entre o mundo real e o virtual torna-se cada vez mais indistinta e porosa, conforme os dispositivos móveis passam a integrar a vida diária de crianças e adolescentes em jogos e outras atividades de pesquisa no ambiente escolar.

Nesse contexto, os estudos de Magalhães *et al.* (2019) consideram que o envolvimento em *cyberbullying* está relacionado diretamente às interações estabelecidas no contexto virtual e fora dele, por exemplo, a forma como a família e a

escola atuam e dialogam nas relações das crianças e adolescentes com o uso dos artefatos digitais.

Reis (2021) compartilha de uma visão semelhante a Fujita e Ruffa (2019), ao considerar em seus resultados que a família, a escola e a tecnologia devem ser tratadas como componentes de um sistema complexo e multidisciplinar. Segundo eles, projetos desenvolvidos pelas escolas somente serão eficazes se houver a participação ativa da família, num contexto formador e transformador, promovendo a valorização da dignidade do outro.

Os relatos emergem de perspectiva dialética para fortalecer e estabelecer as relações que surgem, tendo em vista a construção do conhecimento e a utilização do ambiente em rede de forma colaborativa. O *(cyber)bullying* representa uma dimensão da violência na esfera das relações pedagógicas e que pode alargar situações de risco e de dor (SILVA, 2019). Conforme já mencionamos, o *cyberbullying* é uma nova forma de violência sistemática que se configura como um “problema social”, constituindo tema e preocupação de diversos campos disciplinares (FERREIRA; DESLANDES, 2018). Embora tenha uma certa prevalência do *cyberbullying* em ambientes virtuais (*online*) por meio de celulares, computadores, sites e redes sociais, ele também é praticado e se estende aos espaços das redes do cotidiano escolar.

Os agressores declaram praticar *cyberbullying* porque sofrem *cyberbullying*, e as vítimas *online* geralmente também sofrem *bullying* atualmente e muitas vezes não contam a ninguém sobre suas experiências. Entre os motivos disso estão a falta de confiança nos adultos, incluindo os professores, o medo da repercussão ou de retaliações, o sentimento de culpa, vergonha ou confusão, o receio de não serem levados a sério ou de não saber onde procurar ajuda (UNESCO, 2019). O *cyberbullying* frequentemente passa despercebido ou é ignorado pelos pais e educadores, que negligenciam seu impacto negativo na educação, na saúde e no bem-estar das crianças e dos adolescentes. O fenômeno do *cyberbullying* tem uma prevalência em pesquisas conduzidas por países industrializados e sugerem que a proporção de crianças e adolescentes afetados pelo *cyberbullying* varia de 5% a 21%, sendo as meninas mais propensas a sofrer essa forma de *bullying* do que os meninos (UNESCO, 2019).

Willard, em 2004, apresentou uma das primeiras definições de *cyberbullying* e atribuiu a uma situação em que “*cyberbullying*, ou agressão eletrônica, é ser cruel com outras pessoas, enviando ou postando material prejudicial ou envolvendo-se em

outras formas de agressão social usando a Internet ou outras tecnologias digitais”. (WILLARD, 2007, p. 265). Trata-se de um ato de agressão intencional, realizado repetidamente ou durante um período de tempo, por um grupo ou indivíduo, utilizando formas de contato eletrônicas, contra alguém que não consegue se defender ou se encontra numa situação oprimida e vulnerável.

Para Santos (2017), o fenômeno da violência, em especial o *cyberbullying*, é a prática de violência engendrada no contexto dos avanços tecnológicos e do acesso à internet. Entendida como uma ação violenta de constrangimento moral, praticada por um (ou mais) *cyberagressor*, isto é, um agressor virtual, nas redes sociais conectadas à internet. A partir disso, tecemos considerações sobre os documentos que norteiam o nosso trabalho pedagógico, através de um olhar complexo e social para o fenômeno do (*cyber*)*bullying* e da violência escolar, cujas definições no contexto educacional foram sofrendo modificações desde o século XIX.

Segundo os dados da Unesco (2019), as crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade parecem ser as mais propensas a se tornarem alvos, devido aos fatores como deficiência, orientação sexual, de gênero, pobreza, *status* social, diferenças étnicas, linguísticas ou culturais e aparência física. Corroboram com as análises do relatório e seus desdobramentos, as investigações de Caetano *et al.* (2017), confirmando que os adolescentes praticam tais agressões devido a fatores sociais, culturais e a aflições vivenciadas.

Ferreira (2018) argumenta sobre a violência de gênero, trazendo os dados e indicadores da SAFERNET (2015), indicando que em 2012, a Helpline (canal de atendimento e serviço de denúncia de crimes cibernéticos) recebeu 27 contatos de mulheres e 10 de homens através do número de conversas via *chat* disponível no portal da organização (SAFERNET, 2015). Esses dados destacam a relevância da conscientização e do combate ao *cyberbullying*, bem como a importância de fornecer apoio e orientação a todas as pessoas afetadas por esse problema.

Vivenciamos todos estes elementos elencados acima na escola. Nos estudos recentes de Magalhães *et al.* (2019) são integrados o *cyberbullying* e a homofobia no contexto de adolescentes Portugueses. Nesse trabalho, foi solicitado a 688 estudantes da Universidade do Porto que recordassem as suas experiências de *cyberbullying* e de comunicação de teor homofóbico durante a adolescência. Segundo Dantas e Pereira Neto (2015), o discurso homofóbico é calcado no fato de que estas

peças são consideradas desviantes, por discordarem da heteronormatividade e/ou das normas de gênero predominantes culturalmente na sociedade.

Os resultados revelaram que 67% da amostra foram vítimas. Sendo que a prevalência de sofrer algum tipo de homofobia através de *cyberbullying* foi maior para os meninos do que para as meninas. Os autores verificaram também que 43% dos meninos e 29% das meninas registaram ter recebido pelo menos uma comunicação homofóbica de um/a amigo/a (MAGALHÃES, 2019). Assim, a homofobia marca presença neste momento de cultura digital e de comunidade virtual, juntamente com outras formas de *cyberbullying*, assumindo-se como uma das instâncias de controle da aparência corporal e da expressão da sexualidade, tomando proporções cada vez mais agressivas e constantes nas redes sociais (DANTAS; PEREIRA NETO, 2015; WANZINACK; REIS, 2015). Também os fatores raciais, como no estudo de Mandira (2017), elencados como fatores relacionados a cor, também são desencadeadores da violência virtual, pois os participantes que se declararam pretos apresentaram escores mais elevados para as variáveis de vitimização, agressão e *cyberbullying* em relação a estudantes que se declararam brancos ou pardos.

Conforme o estudo de Ana Paula Caetano *et al.* (2017), os agressores têm diversos motivos para atacar as vítimas, estão relacionados a várias atitudes tais como: reatividade, vingança, diversão, brincadeira e fuga ao tédio prazer, maneira de agir, brincadeiras, diversão e fuga do tédio. De acordo com a pesquisa de Reis (2021), algumas brincadeiras ocorrem de forma natural entre crianças e adolescentes, sendo comuns no ambiente escolar e consideradas saudáveis quando todos se divertem. No entanto, quando essas brincadeiras são realizadas com intenções perversas, elas se transformam em atos de violência, ultrapassando os limites suportáveis por qualquer pessoa (SILVA, 2010).

Os agressores parecem ter dificuldades de se julgar ou de assumir socialmente seus atos, não reconhecendo o caráter premeditado e o desejo de causar mal às vítimas. Essas atitudes, denotam um caráter egocêntrico e de descomprometimento moral, sempre culpando a vítima. Como afirma Bandura *et al.* (1996, p. 364-367), “o conceito de descomprometimento moral ou *moral disengagement*, descrito como os mecanismos que as pessoas utilizam com o intuito de justificar o seu comportamento prejudicial, a fim de se libertarem das sanções resultantes”. Por sua vez, nas pesquisas de Magalhães *et al.* (2019) é reafirmado que os agressores podem ter várias vítimas.

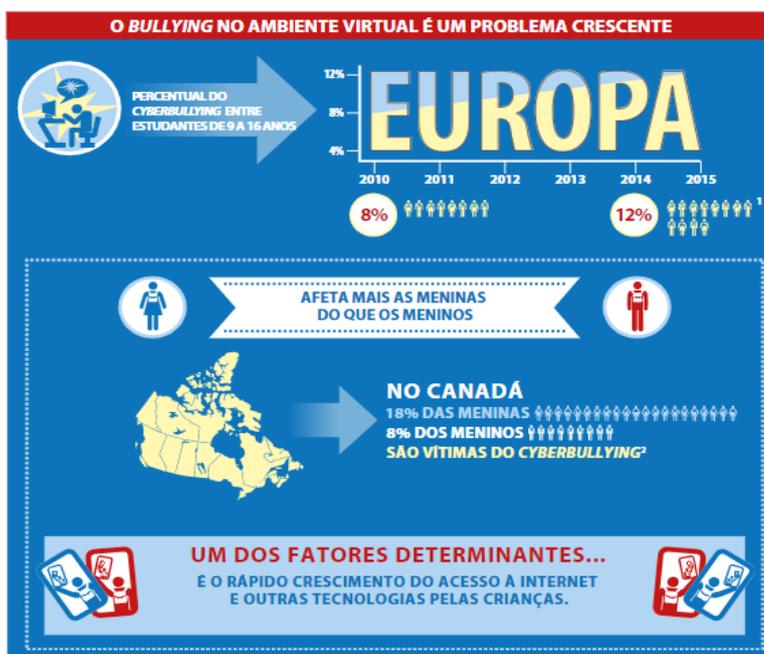
Soma-se a este debate, o estudo de Ferreira (2018), realizado com os dados publicados pelo site *NoBullying.com*, descobrindo que as meninas são duas vezes mais propensas a praticar o *cyberbullying* em comparação com os meninos. Isso é atribuído ao fato de que os meninos tendem a ser mais agressivos em termos físicos, enquanto as meninas costumam ser mais *silenciosas* ao tentarem atingir alguém e, em algumas ocasiões, praticam o *bullying* em série.

Tudo indica que as vítimas tendem a enfatizar os motivos de afiliação e de poder para justificar o *cyberbullying* contra elas, dentre eles: inveja, ciúme, falta de respeito e o sentir-se superior, e motivos pessoais, como imaturidade (CAETANO *et al.*, 2017). As vítimas têm dificuldade em perceber os motivos das agressões contra elas, também relatam ter o desejo de evitar as agressões quando estão relacionadas à situação de amizade e divergência de opiniões. Tais manifestações causam sofrimento e insegurança às vítimas, justificando atitudes de indiferença, como brincadeira ou aborrecimento por parte do agressor. O desafio é enorme para não minimizar ou relativizar tais atos de violência.

Conforme os estudos de Caetano *et al.* (2017), as meninas sofrem mais do que os meninos com estes atos, ficam mais ansiosas com tais atitudes, corroborando com o relatório da Unesco (2019). Em algumas pesquisas citadas, feitas em países Europeus, como a *EU Kids Online Survey*, figura 14 pesquisa realizada entre (2009-2010), por exemplo, apresentam dados de 25.000 crianças e adolescentes entre os 9 e 16 anos, em 25 países europeus. Apontam que as meninas costumam ficar mais chateadas do que os meninos com tais atos de *bullying online (cyberbullying)*. Livingstone, Carr e Byrne (2014), também fazem uma pesquisa na Europa, trazendo dados de uma situação em que mais de 80% das crianças entre 5 a 14 anos usam celulares.

Observaram ainda que, entre 2010 e 2014, a proporção de crianças e adolescentes entre 9 a 16 anos que foram expostos ao *cyberbullying* aumentou de 8% a 12%, especialmente entre meninas e crianças mais jovens, sendo que esta faixa etária se torna cada vez mais propensa a ficar exposta a mensagens de ódio, sites pró-anorexia ou de autoagressão e *cyberbullying*. Conforme podemos verificar na figura 15.

Figura 15 - *Bullying* no ambiente virtual é um problema crescente



Fonte: UNESCO (2019, *online*)

De acordo com a pesquisa que consta no relatório da Unesco (2019), feita na Austrália sobre o *bullying*, cerca de 7% dos estudantes de 9 a 15 anos relataram ter sido expostos ao *cyberbullying*, sendo a proporção de meninas de 8% uma tendência maior em relação aos 5% dos meninos (CROSS *et al.*, 2009). Nos estudos de Caetano *et al.* (2017), as vítimas relatam ter o desejo de evitar as agressões quando estão relacionadas à situação de amizade e divergência de opiniões, pois sofrem e ficam inseguras frente a tais atos de violência. Já no relatório da Unesco (2019), os amigos são apontados como principais responsáveis pelas brigas *online*, compartilhamento de saberes e envio de imagens ou mensagens erotizadas.

Estes resultados nos fazem refletir o estudo nacional sobre violência na escola realizado em 2012, na África do Sul onde foi coletado dados sobre a experiência do *cyberbullying* junto a uma amostra significativa de estudantes do ensino médio. Um a cada cinco declararam ter sofrido alguma forma de *cyberbullying* no último ano e os amigos são apontados como principais responsáveis pelas brigas *online* (UNESCO, 2019). Magalhães *et al.* (2019) também referem que as vítimas de homofobia na rede sofreram pelo menos uma comunicação homofóbica de um/a amigo/a durante a adolescência.

Ambientes de aprendizagem inseguros criam um clima de medo e insegurança e a percepção de que os professores não estão no controle da situação ou não se preocupam com o bem-estar dos estudantes reduzindo a qualidade da educação para todos. Todas as formas de violência escolar, incluindo o *cyberbullying*, violam o direito fundamental à educação. A constituição Federal assegura no artigo Art. 205: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1988, *online*).

No relatório da Unesco (2019) está incluída a pesquisa produzida pelo Programa de Segurança na Escola (USAID), na qual enfatiza que os banheiros são áreas com alto risco de ocorrência de violência sexual. Espaços escolares usados pelas crianças antes, entre e após as aulas também precisam de supervisão, bem como os cantos escuros, áreas mal iluminadas e escadarias sem supervisão.

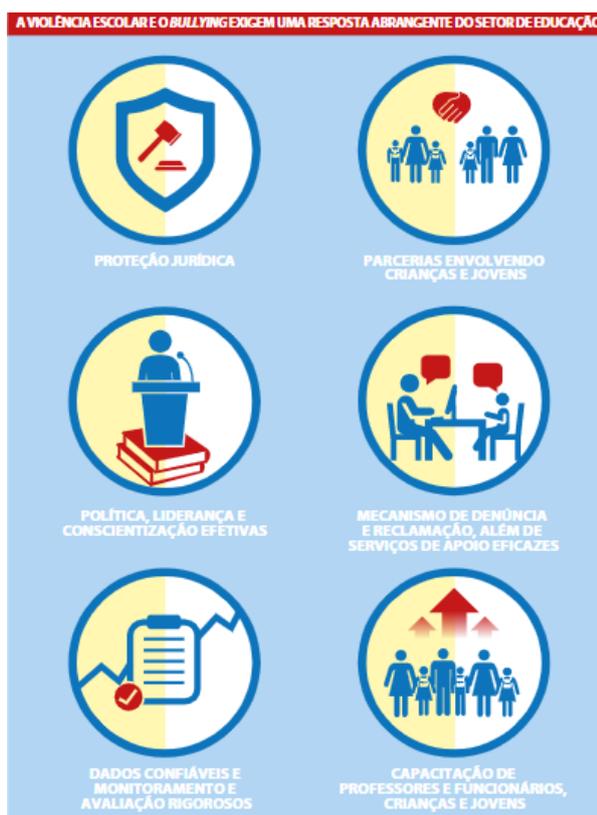
O trabalho de Mandira (2017) considera que os estudantes que acessaram a internet no laboratório de informática da escola apresentaram escores significativamente mais elevados de se envolverem em situações de *cyberbullying* do que aqueles que não acessaram, inferindo-se que tais crianças estão realizando o uso de dispositivos eletrônicos na escola sem a supervisão dos professores. A segurança nos ambientes educativos prevê o necessário acompanhamento, encontro, reconciliação com o outro e abertura ao pensar conjunto sobre esses assuntos nos ambientes da escola. Precisamos incorporar algo fundamental: a razão cordial e sensível para estes meios de socialização cultural.

Algumas intervenções para prevenir e combater o *cyberbullying* passam por ações representadas na figura 16 voltadas dos códigos de conduta escolar, das práticas para assegurar um ambiente escolar mais seguro e inclusivo, desenvolver com os educandos o pensamento crítico, dar suporte para professores e outros funcionários da escola para identificar (os ambientes inseguros da escola) e responder a tais demandas e desafios, desenvolver programas e materiais educativos de apoio e a mecanismos de denúncia e reclamações, seguros, confidenciais e amigáveis às crianças (UNESCO, 2019).

As evidências disponíveis mostram que as respostas mais eficientes ao *cyberbullying* estão alicerçadas em uma abordagem mais ampla, incluindo ações preventivas. Estas podem reduzir o problema, quando focadas na transformação da

cultura escolar, se opondo a qualquer tipo de violência por meio do debate e da resistência argumentativa, incentivando os professores a utilizarem abordagens de experiências capazes de insuflar entusiasmo e reconhecimento do outro, sendo a escola o principal meio de socialização da cultura humanizada.

Figura 16 - Respostas abrangentes para educação



Fonte: UNESCO (2019, *online*)

O relatório da Unesco (2019) refere que a África do Sul possui um sistema nacional de segurança nas escolas, desde 2015, incluindo recursos para a prevenção e gestão do *bullying* e *cyberbullying*, do *bullying* homofóbico e da violência de gênero. As medidas de implementação dessa solidariedade incluem manuais e diretrizes de segurança *online*, a promoção de uma campanha nacional de combate ao *bullying* e mudança de comportamento, a indicação de conselheiros que forneçam apoio psicossocial nas escolas e de vigilância para fornecer segurança na escola e em seu entorno, assim como medidas que assegurem a identificação precoce dos agressores do *bullying*, abordagens de reparação e apoio às vítimas.

Conforme os estudos de Caetano *et al.* (2017), criar ambientes favoráveis, construtivos e participativos, estreitar as relações de afetos que os façam sentir-se valorizados, formar cidadãos conscientes, eticamente responsáveis, capazes de transmutar suas emoções negativas em motivações e ações transformadoras, é o que o tema *cyberbullying* nos demanda. Algo para ser trabalhado no cotidiano escolar reconciliando, assim, vítimas e agressores, sentimentos e partilha para aprendermos juntos, com a capacidade sensível de contornar as situações para seguir aprendendo. Agregar empenhos humanizados e o envolvimento no diálogo e nos afetos, como antídotos para a violência e para o medo. Mesmo sabendo que outras causas sociais estão presentes, cabe a revisão e atualização dos espaços de construção do conhecimento solidário.

Na verdade, a violência destrói a vida humana e contrasta com uma ética da alteridade (ADORNO, 2006). Para Adorno (2006), frente a uma sociedade administrada e acabada pelo fascismo, que deteriora a existência humana pelo desejo de poder para dominar o outro e o mundo, sobrevive no desejo de mudança e de repressão de qualquer forma de violência contra a humanidade.

Adorno (2006) revelou seu posicionamento a favor de uma escola orientada para a formação de sujeitos com capacidade de autonomia (expressão kantiana) de pensamento e de ação. Adorno via na organização do ensino daquele tempo a propagação das violências e dos sistemas de dominação na sociedade capitalista, mas, também, defendia a escola como a instituição social capaz de formar e reeducar os sujeitos das amarras da dominação, pois ela potencializa a superação do estado de opressão. Contudo, a única concretização efetiva de emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas na humanização orientem toda a sua energia para que a educação aconteça a partir da contradição e da resistência aos dispositivos de controle, que asseguram a reprodução do desprezo social já existente.

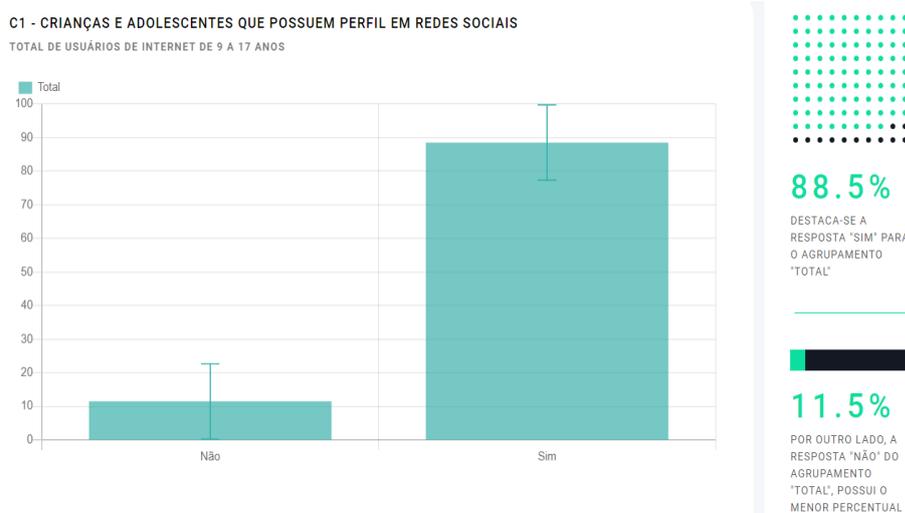
A dissertação de Mandira (2017) verificou a necessidade efetiva de intervenção no ambiente escolar, procurando tornar os professores e demais funcionários da instituição escolar engajados na prevenção das situações que envolvem *bullying* e *cyberbullying*. Este trabalho também deveria ser expandido na orientação para as famílias, sobre quais tecnologias digitais seus filhos estão usando, refletir juntos sobre o que eles fazem quando estão *online* e ter configurações de privacidade que monitorem e protejam estes jovens enquanto estão ativos nas redes. Cabe reforçar

ações solidárias em uma rede de proteção e apoio para situações de risco ao desenvolvimento integral das crianças e adolescentes.

A Cetic.org realiza desde 2010 uma pesquisa denominada *TIC Educação*, que busca avaliar a infraestrutura das escolas públicas e privadas de educação básica e a relação do uso das tecnologias nos processos educacionais. O levantamento contempla: escolas, alunos, professores, coordenadores pedagógicos e diretores. Para cada público que participa da pesquisa, informações sobre acesso e uso de TIC são investigadas.

Além da pesquisa já citada, a Cetic.org também realiza desde 2012 a pesquisa *TIC Kids Online Brasil*, que gera indicadores sobre os usos que crianças e adolescentes de 9 a 17 anos de idade fazem da internet. Esse trabalho ainda entende a percepção dos adolescentes em relação à segurança *online* e percebe as práticas de mediação de pais e responsáveis relacionadas ao uso da internet. Dados divulgados pela *TIC Kids Online Brasil*, em 2021, relativos à atividade na internet por crianças e adolescentes sobre a comunicação trazem informações relevantes, conforme mostram os gráficos a seguir, com os resultados mais recentes. O gráfico 5 apresenta a relação das crianças e adolescentes que possuem perfil próprio em rede social.

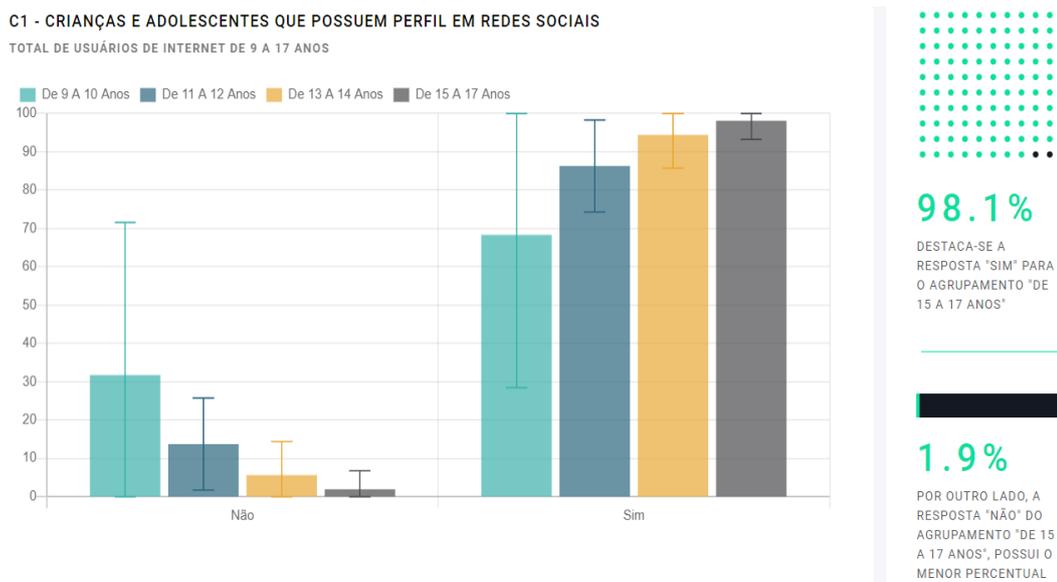
Gráfico 5 - Crianças e adolescentes com perfil próprio em rede social



Fonte: <http://gg.gg/12x944>

Em 2021, 88,5% dos sujeitos de 9 a 17 anos relataram ter perfis em rede social. O gráfico 6 apresenta o perfil de crianças e adolescentes nas redes sociais em relação a faixa etária.

Gráfico 6 - Crianças e adolescentes com perfil próprio em rede social/faixa etária



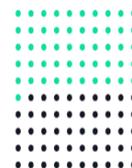
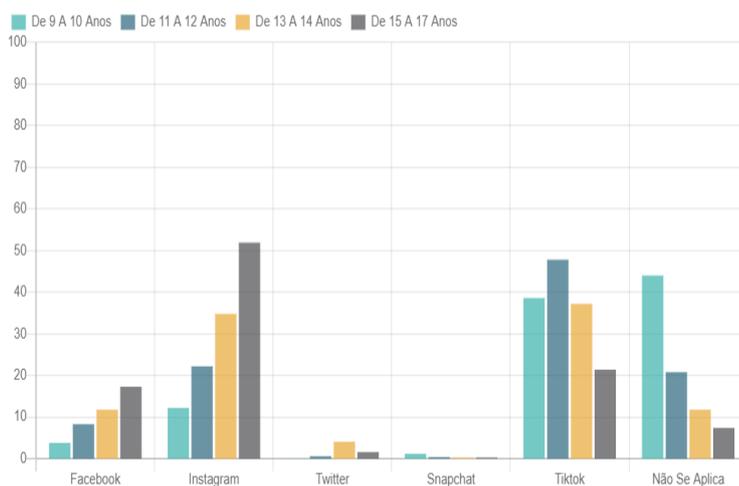
Fonte: <http://gg.gg/12x94X>

Em relação à faixa etária, dos 9 aos 17 anos um número elevado relatou possuir perfil em rede social, sendo que a proporção foi ainda maior na faixa etária de 15 a 17 anos (98,1%). Em detrimento da resposta de menor percentual que relatam não ter perfis em redes sociais. O gráfico 7 apresenta a relação de crianças e adolescentes possuírem um perfil principal em determinada rede social.

Gráfico 7 - Crianças e adolescentes com perfil em rede social

## C3A - CRIANÇAS E ADOLESCENTES, POR PRINCIPAL REDE SOCIAL UTILIZADA

TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 17 ANOS



51.9%

DESTACA-SE A RESPOSTA "INSTAGRAM" PARA O AGRUPAMENTO "DE 15 A 17 ANOS"

0.1%

POR OUTRO LADO, A RESPOSTA "TWITTER" DO AGRUPAMENTO "DE 9 A 10 ANOS", POSSUI O MENOR PERCENTUAL

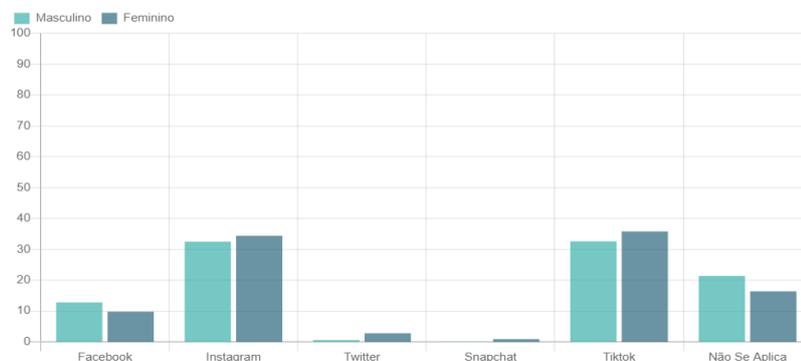
Fonte: <http://gg.gg/12x91h>

A proporção em 2021 de adolescentes que disseram ter perfil no *Instagram* foi de 51,9%, sendo esta, a que mais cresceu em detrimento das outras redes sociais investigadas. O gráfico 8 traz a relação de crianças e adolescentes com perfil relacionado ao sexo em determinada rede social.

Gráfico 8 - Crianças e adolescentes com perfil na rede social/sexo

## C3A - CRIANÇAS E ADOLESCENTES, POR PRINCIPAL REDE SOCIAL UTILIZADA

TOTAL DE USUÁRIOS DE INTERNET DE 9 A 17 ANOS



35.8%

DESTACA-SE A RESPOSTA "TIKTOK" PARA O AGRUPAMENTO "FEMININO"

0.1%

POR OUTRO LADO, A RESPOSTA "SNAPCHAT" DO AGRUPAMENTO "MASCULINO", POSSUI O MENOR PERCENTUAL

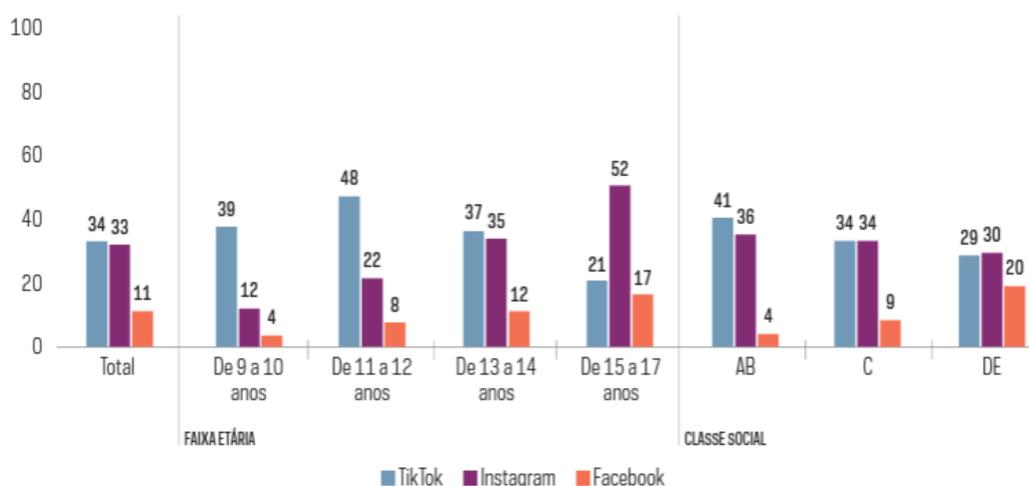
Fonte: <http://gg.gg/12x91h>

As meninas relataram ter perfil no *Tik Tok* (35,8%) estando em maiores proporções do que os meninos. O gráfico 9 representa crianças e adolescentes com perfil em redes sociais em relação à classe social.

Gráfico 9 - Crianças e adolescentes com perfil em rede social/classe

#### CRIANÇAS E ADOLESCENTES, POR PRINCIPAL REDE SOCIAL UTILIZADA (2021)

Total de usuários de Internet de 9 a 17 anos (%)



Fonte: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/publicacoes/>

Considerando as classes socioeconômicas, os usuários da rede de 9 a 17 anos das classes AB estavam presentes em maiores proporções no *Instagram* e no *TikTok*, comparados àqueles das classes C, D e E. Já o uso de perfil no *Facebook* foi maior para a população das classes D e E, comparada às classes C e AB. Além da presença intensa nessas plataformas, o *TikTok* (34%) e o *Instagram* (33%, frente a 24% em 2018), foram as principais redes sociais utilizadas pela população investigada em 2021, nas diferentes classes socioeconômicas. Em relação à posse de perfil, o *TikTok* foi a principal rede social utilizada entre os mais novos, com idade de 9 a 12 anos. Para os usuários de *internet* de 13 a 14 anos, nota-se maior equilíbrio entre *TikTok* e *Instagram*. Já para aqueles com idade de 15 a 17 anos, o *Instagram* foi a principal plataforma usada.

Conforme Beluce (2019) expõe em sua tese, a maior parte desses alunos não conhece um mundo em que as pessoas não tenham *smartphones* à disposição, contas em redes sociais, plataformas de vídeos *online* para assistir e serem assistidos, e *sites* de busca que *respondam* a maioria dos seus questionamentos. Conhecer o

perfil da população que ocupa espaços virtuais específicos pode orientar o desenvolvimento de ações e políticas que mitiguem vieses de conteúdos, de interesse e de comportamentos, que reduzam a difusão de conteúdos sensíveis, bem como que protejam os dados e o melhor interesse de crianças e adolescentes.

Para Ribeiro (2018), o *Facebook* e o *Instagram* conquistaram popularidade entre os jovens e adolescentes devido ao seu formato diferenciado, que se caracteriza pela instantaneidade, volatilidade, fluidez, velocidade e assincronia das mensagens. Assim, “esses ambientes foram comparados às antigas praças das cidades, onde as pessoas se encontravam para conversar, fazer negócios, marcar encontros afetivos, ler livros, e outras atividades semelhantes”. (RIBEIRO, 2018, p. 202).

É importante destacar que, em 2021, 78% dos usuários de internet com idades entre 9 e 17 anos afirmaram ter acessado plataformas como o facebook, representando um aumento de 10 pontos percentuais em relação a 2019 (68%). Cabe ressaltar que o *facebook* tem como regra a idade mínima de 18 anos para registro de usuários, o que sugere que todos os que criaram perfis omitiram suas idades ao se cadastrarem ou utilizaram os documentos de seus responsáveis.

Corroborando com os argumentos apresentados, Armellini, diz que o sequestro de páginas e perfis se dá através da:

Manipulação psicológica envolvida nas estratégias de engenharia social é uma das ferramentas mais usadas nos crimes cibernéticos contra menores de idade. Uma lista de amigos virtuais, os cumprimentos pelo aniversário ou as fotos de um passeio servem de munição para aproximações por meio de malware (software malicioso), phishing (página falsa geralmente utilizada para extrair dados por meio de formulários ou instalar malwares sem aprovação do usuário), links ou conversas por meio de perfis forjados. (ARPELLINI, 2023, online).

Num primeiro momento, podemos observar que o *cyberbullying* e a violência escolar são temáticas que devem ser mais discutidas. Para compreender tais informações e conhecimentos trazidos pelos estudos do campo da educação e das vivências deseducativas dos estudantes, que estão ocultas e mostram indicativos para que nós possamos reavaliar com urgência os atos violentos nos espaços escolares. Mais do que apenas coletar e quantificar dados, entendemos que o momento no qual a educação se encontra convida à reflexão e à busca de estratégias, partilhas de experiências e reestruturações de práticas que passam pela autocrítica e pela reinterpretção da realidade escolar. Elementos como desrespeito de gênero, desvalorização da figura do outro perpassam por essas imagens reforçando

determinados estereótipos e estigmas sociais, realizando, na leitura das entrelinhas, uma certa denúncia social.

O discurso mediático elabora um ponto de vista padronizador da imagem do docente [...] e, não raro, de tais categorias decorrem estigmas – termo designador de pessoas socialmente indesejáveis, marcadas por algum desvio condenável – que revelam os mecanismos de violência simbólica, conforme formula Pierre Bourdieu. (CITELLI, 2012, p. 11).

Com relação às categorias citadas nas pesquisas analisadas, vamos nos propor ainda a pensar: Quais são as carências? No percurso da investigação, quais são as possibilidades de relacionar a tríade *cyberbullying*, violência escolar e redes sociais? Estas inter-relações inspiram uma educação crítica, de qualidade e de garantia para que todos tenham acesso a ambientes de aprendizagens seguros e não violentos? Há algum alinhamento de destaque nos trabalhos revisados em relação a esses conceitos? Há costuras visíveis encontradas na busca realizada na plataforma BDTD e *SciELO*, a partir dos descritores utilizados?

Queremos diagnosticar as principais tendências, assim como as lacunas e ausências, que não aparecem nos trabalhos sobre o tema evidenciado. Por tudo isso, pretendemos contribuir para conhecer novas referências, ampliar os diálogos e encontrar pontos de sentido que amplifiquem as vozes desta pesquisa de mestrado, verificando os efeitos e impactos do *cyberbullying* na violência escolar, bem como os avanços, as lutas e retrocessos dessas descobertas que não cessam. Diante das inquietações, incertezas e buscas, possivelmente, novas narrativas e histórias serão escritas e compartilhadas sobre o assunto.

A tessitura de uma rede de proteção para a garantia de direitos de crianças e adolescentes é algo processual e dinâmico, tal como a própria essência da rede, que se caracteriza pelo movimento na atuação interdisciplinar. O seu movimento requer diálogo com, na e entre a diversidade, que constitui e circula no espaço escolar. Esse diálogo, na perspectiva intercultural precisa valorizar a dignidade de todas as pessoas no contexto da escola.

Efetivamente, ela se situa na encruzilhada da educação de casa com a educação do mundo. É um agente de socialização e mudança. Contudo, exerce esse papel em meio à violência, podendo-se traduzir tal cenário indesejado como *violência da escola, na escola e contra a escola*. Dessa maneira, no jogo de mútuas influências com o lado de fora, a escola tem deixado de ser uma instituição tão somente invadida pelo problema da

violência para transformar-se numa máquina de sua reprodução. (VASCONCELOS, 2017, p. 897).

Sem dúvidas, é importante investir em uma educação que valorize a empatia, o diálogo, a resolução pacífica de conflitos e o acolhimento emocional (CHRISPINO, 2007). A partir do diagnóstico, apresentado nesse estudo, podem ser esboçadas ações estratégicas no fortalecimento dos sujeitos da educação para as múltiplas configurações que o trabalho de respeito e garantia de direitos venha demandar. Essas ações abrangem políticas e programas governamentais e da sociedade civil. Entretanto, esboçaremos aqui possibilidades e necessidades, ou seja, desafios, com foco na escola. Isso em virtude da necessidade de criar condições para que a escola seja entendida e atuante na vida em sociedade como espaço autocrítico da própria formação cultural, no sentido da proteção, valorização e garantia dos direitos humanos.

#### **4.2 Violência escolar e *cyberbullying*: enfrentamentos às práticas agressivas pelo diálogo pedagógico**

Nosso compromisso é com a possibilidade de mostrar o diagnóstico do nosso tempo, sempre ligado à dignidade dos temas que serão abordados e isso implica em ter condições de retomar leituras e a própria escrita, a fim de fazer correções importantes e mudanças que tornem o trabalho qualificado para que atenda aos objetivos deste trabalho de pesquisa. Vivemos num ritmo de mudança acelerado que causa crises nas instituições culturais, sociais e comportamentais, perdendo-se nas formas de orientação das ações na vida em sociedade, perdendo credibilidade a figura do professor, do político, do padre, dos pais, e assim por diante. Tal fato promove uma crise civilizatória que força um cenário de urgências e impede as reflexões em torno de um pensar mais amplo e incluyente nas escolas e na vida em sociedade.

A própria violência é gerada pelo capitalismo burocratizado, invisível, naturalizado, sutil e exacerbado, fator que influencia o papel da escola, retirando o seu papel humanista, epistemológico e dialógico de articulação com o mundo da vida, pois o *diálogo é a essência humana* (FREIRE, 1996). Cabe destacar que lidamos com gente e não com coisas e recursos para o mercado de trabalho centrado na intensificação laboral, na competição e no consumo, ou seja, numa *semiformação*.

“Auschwitz não representa apenas o genocídio num campo de extermínio, mas simboliza a tragédia da formação na sociedade capitalista. A *semiformação* obscurece, mas ao mesmo tempo convence”. (ADORNO, 2006, p. 22). A escola é cada vez mais o reflexo da violência do capitalismo imperialista, e uma entidade corporativa que produz força de trabalho para competir e para a exploração estruturada, em que o ser é menos importante que o ter, e o individual é mais importante do que vivermos em cooperação. Generaliza-se a mercadorização de tudo, inclusive do outro.

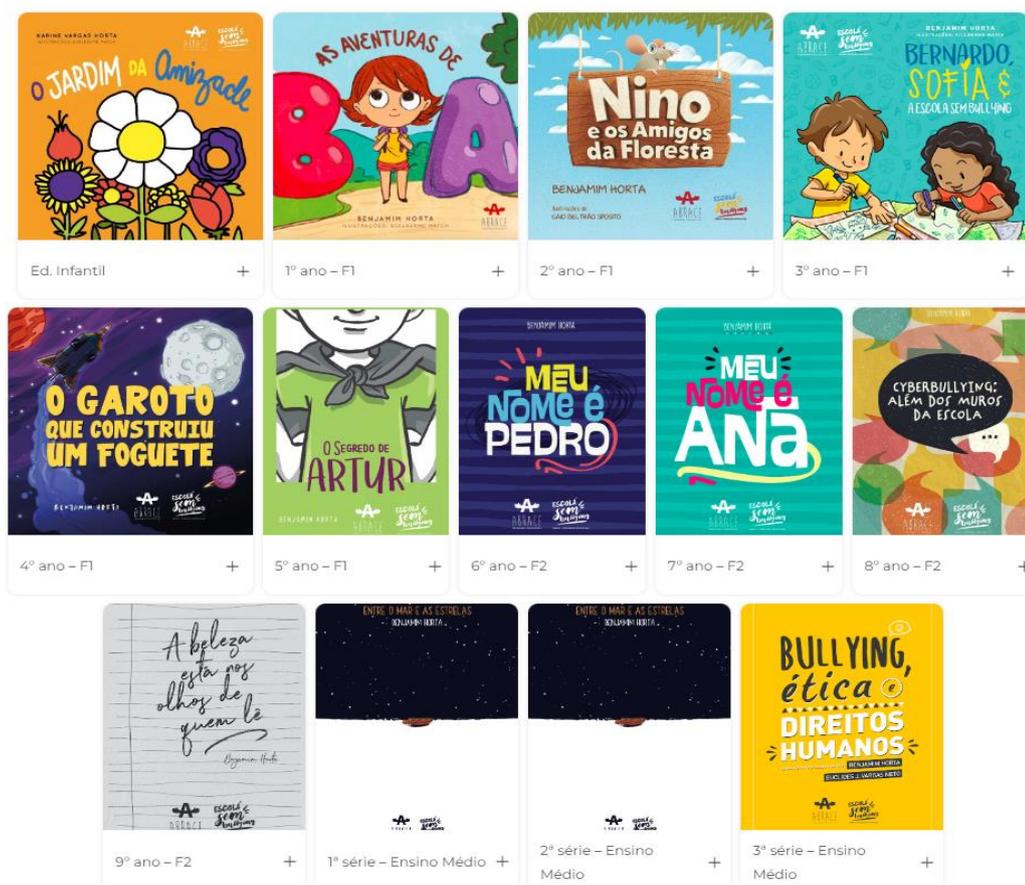
A partir das propostas encontradas, ensaiamos agora, novas possibilidades educativas diante do fenômeno *cyberbullying*, pois ainda percebemos poucas ações de enfrentamento. Sem dúvida, a melhor forma de cultivar a prevenção e combater a violência escolar é envolver a comunidade em projetos de longa duração voltados para a promoção da confiança, abertura e segurança nas escolas. Em 2012, foi desenvolvido o Programa Escola Sem Bullying pela Abrace – Programas Preventivos, para auxiliar escolas e redes de ensino de todo o Brasil no combate e prevenção ao bullying escolar (ABRACE, 2019, *online*). Em 2017, o Programa foi reconhecido pela UNESCO como instituição referência no combate e prevenção ao bullying no país, além do Prêmio ODS Pacto Global, em 2019.

Há obras<sup>23</sup> nas escolas e disponíveis nas redes digitais que servem de pretexto para abordar os preconceitos e as diferentes formas de *(cyber)bullying* no cotidiano escolar, tendo em vista a ampliação de situações didáticas que dialogam com o fenômeno da violência. As obras foram produzidas pela Editora Abrace e são baseadas em estudos científicos a respeito do assunto, inseridos em contextos educativos de acordo com as diferentes idades e anos escolares. Os materiais são interativos e destinados à Educação Infantil até o Ensino Médio, segmentos em que o Programa atende.

---

<sup>23</sup> Sobre isso, podemos citar como exemplo, a história *Pinote, o Fracote e Janjão, o Fortão*, da autora Fernanda Lopes de Almeida, que é rerepresentada digitalmente em: [https://www.youtube.com/watch?v=SryWxCphcCA&ab\\_channel=CEIDomJos%C3%A9Gaspar](https://www.youtube.com/watch?v=SryWxCphcCA&ab_channel=CEIDomJos%C3%A9Gaspar)

Figura 17: Coleção de Livros Paradidáticos do Programa Escola sem *Bullying*



Fonte: <https://escolasembullying.com.br/> (2023).

Trata-se de um debate interessante e necessário, mas que está longe de ser esgotado, porque vislumbramos investigações futuras, que demandam a atualização do fenômeno em outros desdobramentos e análises recentes no cotidiano das escolas. Afinal de contas, onde a violência não está presente nos contextos educacionais de desigualdade, competição direta com o desenvolvimento tecnológico e injustiças nas escolas?

Cabe, ainda, relacionar as demandas recentes em vista das contradições da escola e das violências na atualidade, revisando as questões da heterogeneidade das escolas brasileiras, do desrespeito e da desvalorização das diferenças enraizadas culturalmente. Aqui procuramos apresentar algumas pistas a partir da análise de um conjunto de pesquisas colhidas sobre o tema em tela. Vale ressaltar que não basta a rigidez da expulsão ou o descaso da escola para com a violência. Uma escola que sofre com constantes depredações de seus patrimônios, quer sejam pichações,

vandalismos ou roubos, deveria estar atenta às relações que esta instituição estabelece com seus estudantes e com a comunidade (entorno, vizinhança).

Neste caso, a escola necessita estabelecer uma relação de parceria, de troca, com a comunidade em que está inserida. Abrir seus espaços aos finais de semana com ações solidárias, oferecer palestras, cursos ou atividades de lazer, espaços de vacinação, atender algumas demandas da comunidade, que sejam compatíveis com a instituição de ensino e políticas públicas pode ser uma alternativa. Uma comunidade que sente e vive a escola como parte de seu cotidiano tende a proteger a escola para construir regras que valham para todos, aprender e ensinar a lidar com as diferenças e assim, aos poucos e coletivamente, caminhar para a construção de uma cultura de paz.

Outra possibilidade seria a construção de projetos e ações voltadas para a escola, como a criação de jardins, de hortas, de festas comemorativas para a comunidade, contando com diversos atores da comunidade escolar, tendem a diminuir práticas de violência. Oferecer as condições de possibilidade de pertencer a um universo simbólico de valorização do social pela construção e constante reativação do capital cultural, pautado na confiança mútua entre a escola e a comunidade, para que os educandos possam colocar em prática ações de cidadania participativa.

A escola pode oferecer formas de sociabilidade que não aceita a violência como um padrão de relacionamento legítimo. A construção para uma cultura de paz requer primeiro uma consciência dos tipos e níveis de violência e a implementação de um conjunto de ações que promovam a cultura da paz, a capacidade de solidariedade e o convívio com a aceitação das diferenças. A educação do presente e voltada para o futuro necessita trabalhar a solidariedade e a empatia, tendo em vista que, no âmbito pedagógico, o *(cyber)bullying* é um dos maiores ícones da incompreensão humana. De acordo com Fante (2005), ele “é um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, por meio de ‘brincadeiras’ que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar”.

Contudo, ao interpretarmos e traduzirmos os caminhos traçados nessa dissertação através de um desenho projetivo da escola do futuro, podemos propor algumas ideias e características inspirados numa escola emancipatória e de resistência aos fenômenos do *cyberbullying* e da violência escolar, poderia ter:

1 - Ambiente acolhedor e sensível: uma escola do futuro, atenta aos fantasmas da violência escolar, deveria ser um ambiente acolhedor e sensível às necessidades emocionais e psicológicas dos alunos. Isso pode ser traduzido em um espaço físico que seja acolhedor e estimulante, com cores claras e espaços amplos que convidem os alunos a se sentir à vontade e seguros.

2 - Compreensão holística do ensino: a escola assim constituída deveria adotar uma perspectiva mais plural e integrada do ensino, valorizando tanto o conhecimento técnico quanto as experiências emocionais e subjetivas dos alunos. Isso pode se traduzir em um currículo mais diversificado, que inclua não apenas as matérias tradicionais, mas também atividades extracurriculares e programas de educação emocional e psicológica.

3 - Educação para a diversidade e a inclusão: promover uma educação mais crítica e reflexiva em relação aos valores e às estruturas sociais que nos trouxeram até aqui, mais atenta e crítica em relação à história e à cultura, valorizando a diversidade e a inclusão como elementos centrais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

4 - Prevenção e intervenção em casos de violência escolar: a escola do futuro, que dialoga com fantasmas da violência escolar, deve estar preparada para prevenir e intervir em casos de violência escolar. Isso pode se traduzir em políticas e programas específicos de prevenção, acompanhamento e intervenção em casos de bullying, assédio, discriminação e outras formas, sabendo que a escola não é um lugar sagrado e infenso à violência.

5 - Participação e diálogo: finalmente, uma escola com esse perfil deveria promover a participação e o diálogo entre alunos, professores, pais e comunidade. Isso pode se traduzir em espaços de debate e reflexão, onde os alunos possam expressar suas opiniões e ideias, e onde os professores e pais possam dialogar e trocar experiências.

A dissertação foi apresentada em forma de estudos acerca da violência escolar e *cyberbullying*, enquanto uma situação contextual, nacional e mundial. Também, ilustramos algumas autocontradições performativas e dilemas do *cyberbullying* nas pesquisas em educação. O tempo de exposição das crianças em frente à tela aumentou muito (em 50 minutos) durante a pandemia, tanto para a educação quanto para o lazer. O tempo prolongado de exposição à tela pode afetar de forma negativa o autocontrole e a estabilidade emocional, aumentando a ansiedade e a depressão.

Talvez, o Ministério da Educação brasileiro poderia limitar o uso de dispositivos digitais como recursos educacionais a 30% do tempo total de ensino e proibir o uso de smartphones nas escolas. O *cyberbullying* e o abuso *online* raramente são definidos como delitos, mas podem se enquadrar nas leis existentes (UNESCO, 2022).

É importante que escolas, professores, pais e toda a comunidade se comprometam a criar ambientes seguros e acolhedores para os estudantes, onde eles possam crescer e se desenvolver livre de violência e discriminação. Não podemos continuar perpetuando uma escola fragmentada, de conteúdos desconectados e com pedagogias coercitivas, especialmente numa sociedade de grandes desigualdades e injustiças sociais como é o caso da realidade brasileira, que introjeta dentro das pessoas um opressor. A leitura da realidade e as proposições no mundo real não são fáceis e demandam um movimento coletivo.

Além disso, é importante trazer essa gama de estudos porque nos incentiva a considerar as implicações e nuances das questões das violências nas escolas com mais profundidade. Tudo isso pode ser interpretado de várias maneiras, mas uma possível explicação é que o poder do *cyberbullying* representa algo que não é completamente sensível ou tangível, mas que ainda assim é presente e tem impactos nas salas de aula. Isso pode ser particularmente importante para alunos que enfrentam situações de violência escolar ou que têm dificuldades de aprendizagem, pois o diálogo pode ajudá-los a identificar e lidar com seus medos e traumas, criando um ambiente mais acolhedores e empáticos na escola. Afinal de contas, como bem argumenta Vasconcelos (2017), a escola, mais do que um lugar de formação para a cidadania e respeito, se transformou em arena de disputas, conflitos e de reprodução das violências. “Quando se apaga a consciência da presença latente da violência numa instituição de direito, esta entra em decadência”. (BENJAMIN, 2013, p. 137).

Essa frase estendida para a relação da escola com a violência do *cyberbullying*, por exemplo, mostra que não podemos esquecer da origem das violências, sob pena de agir em prol de práticas mercantilizadas e de imposições, por destituição do direito de liberdade e autonomia (TREVISAN, 2022). Paulo Freire (1996), assim como Walter Benjamin (2013), apresenta contrapontos e pedagogias pensadas num movimento coletivo para evitar a violência da negação e da exclusão do outro. Ambos os pensadores conjugam a ideia de que há “uma esfera da não violência no entendimento humano que é totalmente inacessível à violência: a esfera própria da *compreensão mútua*, a linguagem”. (BENJAMIN, 2013, p. 139).

Por fim, apresentamos um enfrentamento às práticas agressivas do *cyberbullying* pela autocrítica do agir pedagógico, a fim de debater e problematizar as práticas de *cyberbullying* como tarefa de responsabilidade compartilhada da educação escolar. Os sistemas educacionais precisam fortalecer diálogos e projetos de prevenção do *cyberbullying*, para reduzir a reincidência *bullying* digital e lidar com os muitos desafios de se preparar e reagir em casos de conteúdo online viral prejudicial e fraudes, (in)segurança, desde permissões, ajudando os estudantes a entender as implicações de sua presença online e pegada digital, aconselhando as escolas sobre comunicação não violenta. Estima-se que no Brasil, 29% das escolas conduziram debates ou palestras sobre privacidade e proteção de dados (UNESCO, 2022).

Listamos mais algumas ações concretas, com base na literatura mapeada, que as escolas poderiam apreender para prevenir o *cyberbullying*: a) Programas de Educação e Sensibilização específicos sobre o *cyberbullying*, suas consequências e como os alunos podem se proteger e apoiar uns aos outros; b) Realizar palestras, *workshops* e discussões em sala de aula para conscientizar os alunos sobre os efeitos do *cyberbullying* e a importância do respeito mútuo; c) Políticas *AntiCyberbullying* nos contextos escolares que proíbam explicitamente o *cyberbullying* e estabeleçam as consequências para os agressores; d) Criar canais de denúncia seguros e anônimos para que os educandos possam relatar casos de *cyberbullying* que testemunharam ou experienciaram; e) Promover cursos de extensão entre universidades e escolas para formação permanente de educadores e funcionários das escolas para reconhecerem os sinais de *cyberbullying* e saberem como agir quando ocorrer um incidente; f) Incentivar atividades e dinâmicas que promovam a empatia, a comunicação não violenta, a inclusão e o respeito pelas diferenças entre os estudantes; g) Envolver e manter a comunicação fluída com os pais sobre a importância da prevenção do *cyberbullying* e encorajá-los a conversar com seus filhos sobre o tema; h) Monitorar o uso das tecnologias digitais dentro da escola para identificar e intervir precocemente em casos de *cyberbullying*; i) Criar programas de mediação de conflitos para resolver dilemas entre estudantes e promover a reconciliação entre as partes envolvidas; j) Oferecer apoio e acompanhamento às vítimas de *cyberbullying*, garantindo que se sintam seguras e amparadas; k) Realizar atividades e discussões sobre a importância da responsabilidade digital, ressaltando o impacto das ações *online* na vida das pessoas; l) Trabalhar em parceria com

organizações externas, locais, especialistas em *bullying* e *cyberbullying* e outros recursos para fortalecer os esforços de prevenção.

Essas ações concretas podem contribuir significativamente para criar um ambiente escolar seguro, respeitoso, inclusivo e de não violência, enfatizando a importância do reconhecimento social na vida humana e nas relações educacionais, minimizando e enfrentando os efeitos colaterais do *cyberbullying* em corresponsabilidade, a partir de esforços contínuos e colaborativos de toda a comunidade escolar, incluindo educandos, pais, educadores e funcionários.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação traz discussões candentes sobre *cyberbullying* enquanto violência escolar e, a partir de contribuições teórico-metodológicas, aponta e discute as ações no âmbito institucional das políticas públicas e de educação para lidar com essas questões, posto que, muitas vezes, o tema é negligenciado. Buscamos analisar assim a dinâmica atual que o conceito de *cyberbullying* mostra e assume nas formas de violência escolar, refletindo acerca de quais são os desafios atuais da educação diante do *cyberbullying*.

Ao pensar na proposta de estabelecer uma possibilidade pedagógica para reduzir os danos causados pela violência do (*cyber*)*bullying* nas escolas, uma espécie de *naturalização* da violência virtual, ressaltamos os benefícios de uma educação que preza a comunicação não violenta por comentários, registros e anotações. Isto é, com o acesso à internet testemunhamos e alertamos os possíveis malefícios do ambiente *online*, como crimes digitais e *bullying* virtual e apontamos desafios e estratégias para reduzirmos a exposição à violência na mídia, considerando alguns pontos a serem retomados pela leitura da educação midiática, ao reconhecermos que ela: protege e fortalece os direitos humano para pensar a vida em sociedade, reduz a exposição à violência na mídia; muda o impacto das imagens violentas que são vistas; identifica e explora tudo o que contribui para a violência nos meios de comunicação; desafia os fatores culturais, econômicos e políticos que perpetuam a violência na mídia; rompe com o ciclo de culpa e promove um debate público informado e racional. A partir disso, é possível nos unir para enfrentar os danos da cultura midiática e também nos capacitar a combater a discriminação e as diferentes formas de violência nas escolas, fortalecendo a dimensão humanizadora, criativa, generosa, amorosa e interconectada. Observamos com os recentes índices de violência nas escolas brasileiras, que a violência na educação sempre esteve evoluindo, ora a passos mais lentos, ora a velocidades maiores.

Aprender a lidar com conflitos geracionais, perturbações, traumas ou transtornos para a diminuição dos índices de violência, exige engajamento, confiança e escuta pelo incremento de uma comunicação para a resolução não violenta de dificuldades por mecanismos de acolhimento, de círculos restaurativos e de mediação de conflitos, para desenvolver manifestações dialogadas e esclarecidas.

Atentas à falta de filtros da cultura da violência que penetra os espaços escolares, fica mais claro que o relacionamento dialógico no ambiente virtual é fundamental para que o professor consiga estreitar laços com os estudantes, reconciliando os mundos virtual e real, a fim de reorientar a pesquisa e a ação daqueles que se envolvem com a área. O acesso à internet, seu uso e possibilidades crescem de forma desenfreada e sem muros, trazendo benefícios incontestáveis à comunicação com pessoas do outro lado do mundo, à possibilidade de estudar e aprender *online*, mas também malefícios terríveis como os crimes digitais, a propagação de vídeos e outras violências de pornografia infantil e o *cyberbullying*. Precisamente porque se “alguém é formado através da violência, a responsabilidade de não repetir a violência da formação é ainda mais urgente e importante”. (BUTLER, 2015, p. 236). Nesse sentido, discussões sobre as leituras da violência virtual na escola e sua relação com a educação presencial ou a distância também ganham espaço e importância, pois o abismo provocado pela falta de um sentido comum gera violência escolar pela negação e exclusão do outro.

A dissertação procurou apresentar e contextualizar, com base nos objetivos propostos, as seguintes discussões: a) Estudos sobre violência escolar e *cyberbullying* na situação atual, contextual e mundial; b) Estudos acerca dos dilemas do *cyberbullying* nas pesquisas em educação; c) As principais tendências e impactos do *cyberbullying* nas escolas; d) Formas de enfrentamento às práticas agressivas do *cyberbullying* pelo debate e autocrítica do agir pedagógico; e) Debates acerca das práticas de *cyberbullying* como tarefa da educação escolar.

Ao longo da organização do estudo, estruturamos possíveis desdobramentos para a pesquisa e estabelecemos uma estrutura provisória para a dissertação, que consideramos indispensável para atender a todos os objetivos propostos. Sabendo da complexidade do cotidiano, dos imprevistos e da relevância de mantermos o foco para evitar que a falta de planejamento interfira na qualidade da pesquisa. Em nosso planejamento, levamos em conta o volume de leituras necessário, o tempo para redigir o projeto e a elaboração da dissertação, os compromissos pessoais e profissionais, além do fluxo natural de atividades da própria universidade. Nosso compromisso é com a possibilidade de mostrar o diagnóstico do nosso tempo, sempre ligado à dignidade dos temas que serão abordados e isso implica em ter condições de retomar leituras, ler nas entrelinhas dos textos e a própria escrita, a fim de fazer correções

importantes e mudanças que tornem o trabalho qualificado para que atenda às exigências acadêmicas.

A partir dos elementos expressivos que compuseram a reflexão acerca do *cyberbullying*, do poder e da violência ligados à educação e ao professor, concluímos que as temáticas abordadas e selecionadas perpassam pelas questões de gênero, de corpo, de raça/etnia e de classes sociais, desvalorizando a figura do outro por diversas facetas da agressão virtual, numa posição conformista da história ou ainda circunscrevê-la apenas a mecanismos programados ou hegemônicos, do mercado, da economia ou das redes eletrônicas, que podem nutrir a irrelevância da vida e a falta de reconhecimento do outro. Essas perspectivas, por um lado, valem-se de um tom de denúncia da situação atual dos sujeitos da educação que passam por um vendaval de violências na rede e, por outro lado, denunciam estereótipos vigentes e informações falsas que estão formando uma nova geração embrutecida como um sintoma de nosso tempo. Contudo, as intervenções educativas presentes na literatura para prevenir e reduzir a incidência destas problemáticas em redes demandam alternativas para embasar ações futuras nas escolas brasileiras (BOZZA; VINHA, 2017).

Com os mapeamentos, cortes e análises empreendidas no campo de pesquisa sobre *cyberbullying* no cotidiano escolar, constatamos que já vinha sendo identificadas várias tendências e aspectos importantes relacionados ao tema. É possível que novas pesquisas e desenvolvimentos tenham ocorrido após esse nosso mapeamento, mas aqui estão algumas das principais tendências que podemos destacar: 1) As pesquisas indicam um crescente reconhecimento da gravidade do *cyberbullying* no ambiente escolar. Isso levou a uma maior conscientização entre educadores, pais e alunos sobre os efeitos negativos dessa forma de *bullying*. 2) A proliferação das redes sociais e das tecnologias digitais trouxe novas formas de interação social, mas também aumentou as oportunidades para o *cyberbullying*. As pesquisas têm investigado como as plataformas de mídia social influenciam as dinâmicas do *bullying* e quais estratégias podem ser eficazes para lidar com esse problema. 3) Estudos têm mostrado as consequências sérias do *cyberbullying* para a saúde mental dos estudantes. A exposição a ataques *online* pode levar a problemas como ansiedade, depressão, baixa autoestima e até mesmo ideação suicida. 4) A investigação também tem se concentrado no papel dos espectadores ou testemunhas do *cyberbullying*. Entender como os colegas reagem e participam (ou não) do

processo de *bullying online* é fundamental para desenvolver intervenções eficazes. 5) Pesquisas sugerem que meninas e meninos podem estar sujeitos a diferentes formas de *cyberbullying*. A compreensão dessas disparidades é essencial para a criação de estratégias de prevenção e apoio adequadas. 6) Muitos estudos têm se concentrado no desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção em *cyberbullying*. Pesquisadores e educadores estão buscando estratégias eficazes para prevenir o *cyberbullying* e fornecer suporte às vítimas, conforme vimos nos trabalhos. 7) Legislação e políticas escolares acerca do *cyberbullying* levantam questões legais e éticas. Muitas pesquisas têm examinado a eficácia das políticas escolares e das leis existentes para lidar com o *cyberbullying* e se elas são adequadas para proteger os alunos. 8) Com o avanço das tecnologias digitais, algumas pesquisas exploraram o uso de inteligência artificial (IA) e aprendizado de máquina para identificar padrões de *cyberbullying* e automatizar a detecção de comportamentos agressivos *online*.

De modo geral, essas tendências representam algumas das áreas-chave de investigação no campo da educação sobre *cyberbullying* no cotidiano escolar. É importante ressaltar que a luta contra o *cyberbullying* é um esforço contínuo, e as pesquisas continuam evoluindo para lidar com os desafios em constante mudança que surgem com o avanço da tecnologia digital.

Tais representações partem de um imaginário constituído na vida em sociedade e tanto podem contribuir para cristalizar e propagar determinadas visões embrutecidas e dogmáticas a respeito de construções narrativas e imagéticas do nosso ofício na atualidade, preconceitos e violências, quanto podem iniciar ou intensificar ações de conscientização coletiva e humanização no ambiente escolar. Então, as violências digitais chegam numa espécie de tiros de desumanização em redes, ou seja, são redes de ódio usadas como instrumentos de poder, trabalhando pela disputa da hegemonia narrativa. Para tudo o que acontece, cria-se uma versão que simplesmente reduz o que existir a uma única versão (pós-verdade), com efeitos manipuladores e objetivos estratégicos de comunicação social.

Para concluir o diagnóstico da complexidade que envolve as violências nas escolas, retomamos a imagem inicial desta dissertação (cena de *cyberbullying*), que captura uma estudante olhando para a tela de seu computador com uma expressão de tristeza, medo aterrorizante e constrangimento num cenário de *cyberbullying*, destacando a influência das redes sociais e da tecnologia digital nas escolas, a

importância da conscientização e da educação sobre o tema, bem como o papel dos estudantes, educadores e pais na prevenção e combate ao *cyberbullying*.

Após considerarmos todas essas questões, analisar as legislações, os dados de investigações que já foram realizadas sobre o assunto, principalmente da Unesco (2019, 2022), articulando com reflexões de importantes teóricos que enriquecem a discussão crítica sobre o tema, cabe reconhecer que esta pesquisa, embora tenha se esforçado para abordar questões significativas relacionadas ao *cyberbullying* no ambiente escolar, apresenta algumas limitações. Primeiramente, a análise se baseou em dados disponíveis até a data de corte desta pesquisa, o que pode não refletir eventos recentes e outras abordagens em desenvolvimento no campo do *cyberbullying*. Além disso, a abordagem qualitativa adotada pode ter limites interpretativos para pensar todas as possibilidades compreensivas diante da amplitude das perspectivas coletadas, sugerindo a necessidade de corrigir erros e limites da linguagem para que possamos avançar e qualificar as perguntas que ficaram em aberto do problema.

A análise se concentrou principalmente em identificar as causas e os impactos do *cyberbullying* no cotidiano escolar, deixando espaço para estudos futuros que possam explorar mais profundamente as estratégias que se reúnem para dialogar sobre os mecanismos de prevenção e intervenção no ambiente escolar, numa perspectiva anunciada de cultura escolar da paz, conduzida por professores sensíveis pedagogicamente (bons ouvintes e comunicadores). Além disso, investigações futuras podem se aprofundar em como a educação digital e a conscientização na cultura escolar podem ser aprimoradas para criar um ambiente presencial e *online* mais seguro e com assertividade do respeito pelo outro. Portanto, esta dissertação sinaliza a importância de estudos subsequentes para retomar as relações humanas e sociais fragmentadas no contexto escolar devido a situações de desrespeito por invisibilidade ou por agressões (*cyberbullying*), que precisam ser trabalhadas na sociabilidade, explicitando novas iniciativas e encaminhamentos para o enfrentamento educacional do *cyberbullying*. Afinal de contas, a violência e o descontrole humano se resolvem com inteligência, com criatividade, com atenção ao sujeito e depende, fundamentalmente, da lógica dos comportamentos humanos.

## REFERÊNCIAS

ABRACE. **Programas Preventivos**. Programa Escola Sem *Bullying*, 2019. Disponível em: <https://escolasembullying.com.br/> Acesso em: 29 mar. 2023.

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* (Coord.). **Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens**. Rio de Janeiro: FLACSO, 2016. Disponível em: <[http://flacso.org.br/files/2016/03/Diagnóstico-participativo-das-violências-nas-escolas\\_COMPLETO\\_rev01.pdf](http://flacso.org.br/files/2016/03/Diagnóstico-participativo-das-violências-nas-escolas_COMPLETO_rev01.pdf)> Acesso em: 29 mar. 2023.

ABRAPIA. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência. **Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM)**. Lei de combate ao *bullying* completa 5 anos. 2020. <https://ibdfam.org.br/noticias/7991/Lei+de+combate+ao+bullying+completa+5+anos%3B+especialista+aponta+avan%C3%A7os+e+novo+cen%C3%A1rio+em+meio+%C3%A0+pandemia#:~:text=A%20Lei%2013.185%2F2015%20trata,de%20constrangimento%20psicossocial%20contra%20ela%2C>

ADAM, Joyce Mary; FONSECA, Débora Cristina. Juventude Educação, violência e perspectivas de futuro. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 40, n. 110, p. 14-25, jan./mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/CC220034>

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 4. ed. Trad. De Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

AIZENKOT, Dana. *Cyberbullying* in WhatsApp Classroom Groups among Children and Adolescents: Exposure and Victimization. **The Eurasia Proceedings of Educational & Social Sciences**, EPESS, v. 10, p. 1–10, 2018.

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **Pinote, o Fracote e Janjão, o Fortão**. 19. ed. São Paulo: Ática, 2008.

ANG, Rebecca P.; GOH, Dion H. *Cyberbullying* Among Adolescents: The Role of Affective and Cognitive Empathy, and Gender. **Child Psychiatry Hum Dev.**, v. 41. n. 4, p. 387-97, aug. 2010. DOI: 10.1007/s10578-010-0176-3.

ARMELLINI, Alexandre. Crianças e adolescentes são mais vulneráveis a golpes na internet. **Jornal Estado de Minas**, 14 fev. 2023. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2023/02/14/interna\\_bem\\_viver,1457282/criancas-e-adolescentes-sao-mais-vulneraveis-a-golpes-na-internet.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2023/02/14/interna_bem_viver,1457282/criancas-e-adolescentes-sao-mais-vulneraveis-a-golpes-na-internet.shtml)>. Acesso em: 04 mar. 2023.

ASAM, Aiman El; SAMARA, Muthanna. *Cyberbullying* and the law: A review of psychological and legal challenges. **Computers in Human Behavior**, v. 65, p. 127-141, 2016.

ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes (org.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora FIOCRUZ, 2010.

AZEVEDO, Jefferson Cabral; MIRANDA, Fabiana Aguiar de; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. Reflexões acerca das estruturas psíquicas e a prática do *cyberbullying* no contexto da escola. **Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**,

São Paulo, v. 35, n. 2, p. 247-265, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1809-58442012000200013>

BANDURA, Albert *et al.* Mechanisms of Moral Disengagement. **In the Exercise of Moral Agency**, v. 71, n. 2, p. 364–374, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Inquietações da vida contemporânea e suas formas atuais de organização: uma relação de imanência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Trad. de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversa com Riccardo Mazzeo**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BELUCE, Andrea Carvalho. **Estudantes e as tecnologias digitais: relações entre cyberbullying e motivação para aprender**. 2019. 211f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019. Disponível em: <http://gg.gg/1313cu> Acesso em: 5 jan. 2023.

BENJAMIN, Walter. **Para uma crítica da violência**. Escritos sobre mito e linguagem. São Paulo: Duas Cidades, 2013.

BOZZA, Thais Cristina Leite. **Adolescentes e interações on-line: uma proposta de intervenção educativa visando a convivência ética virtual**. 2021. 349f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1641268> Acesso em: 8 jan. 2023.

BOZZA, Thais Cristina Leite; VINHA, Telma Pileggi. Quando a violência virtual nos atinge: os programas de educação para a superação do *cyberbullying* e outras agressões virtuais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. 3, p. 1919-1939, 2017. <https://doi.org/10.21723/riaee.v12.n.3.2017.10369>

BRANDÃO, Benedito da Silva. **Cyberbullying: uma análise das percepções de estudantes da educação básica da cidade de Ipatinga - MG**. 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/13152> Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: [http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/constituicao\\_educacao.pdf](http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/constituicao_educacao.pdf) Acesso em: 07 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Comunidade dos estados Latino-Americanos e Caribenhos - UNESCO**. 2019. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/encceja-2/480-gabinete-do-ministro-1578890832/assessoria-internacional-1377578466/20747-unesco>> Acesso em: 07 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Institucional: MEC**, 2023. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=32681:apresentacao> Acesso em: 07 jan. 2023.

BRASIL. **Lei n. 12.737, de 30 de novembro de 2012**. Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal; e dá outras providências. Brasília, DF, 2012. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12737.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12737.htm)

BRASIL. **Lei n. 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional. Brasília, DF, 2015. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm)

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. **Diário Oficial da União**. Seção 1. Ano CLI - n. 77, Brasília - DF, quinta-feira, 24 de abril de 2014. pp. 1-3.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 02 mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é possível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BURNETT, Amy L.; YOZWIAK, John A., OMAR, Hatim A. *Cyberbullying: A Brief Review*. **Int J of Adolesc Medicine and Health**, v. 6, n. 4, p. 465-468, 2013.

CAETANO, Ana Paula *et al.* *Cyberbullying: motivos da agressão na perspectiva de jovens portuguesas*. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, n. 141, p. 1017-1034, out./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017139852>

CANDAU, Vera. **Escola e Violência**. Rio de Janeiro: D&P Editora, 1999.

CAPPADOCIA, Catherine M.; CRAIG, Wendy M.; PEPLER, Debra. *Cyberbullying prevalence, stability, and risk factors during adolescence*. **Canadian Journal of School Psychology**, v. 28, n. 2, p. 171-192, 2013.

CARPENTER, Lindsey M.; HUBBARD, Grace B. *Cyberbullying: Implications for the Psychiatric Nurse Practitioner: Cyberbullying: Implications for the Psychiatric Nurse Practitioner*. **Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing**, v. 27, n. 3, p. 142-148, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Camila Sandim de; ZUIN Antônio Álvaro Soares. Agressões online e cultura digital: Considerações sobre o *cyberbullying* como objeto de pesquisa. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 29, n. 60, p. 180-196, jan./abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.18675/1981-8106.vol29.n60.p180-196>

CASTRO, Jane Margareth; REGATTIERI, Marilza (orgs.). **Interação escola família: subsídios para práticas escolares.** Brasília: UNESCO, MEC, 2009. [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=4807-escola-familia-final&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4807-escola-familia-final&Itemid=30192)

CGI.br. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. **Pesquisa TIC Kids Online sobre atividades na internet: Pesquisa TIC Kids Online Comunicação, 2021: Relatório de coleta de dados.** São Paulo: CETIC.br, 2021.

CHARLOT, Bernard. **Educação ou barbárie? uma escolha para a sociedade contemporânea.** São Paulo: Cortez, 2020.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas.** São Paulo: Cortez, 2014.

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 11-28, jan./mar. 2007. <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/TytpKNQ94yYRNYmhqBXTwxP/?format=pdf&lang=pt>

CITELLI, Adilson. **Educomunicação: Imagens do professor na mídia.** São Paulo: Paulinas, 2012.

CONTE, Elaine; BRANCO, Lilian Soares Alves; SOARES, Deivid de Souza. Educação e Emancipação. **Crítica Cultural**, Palhoça, v. 14, n. 1, p. 111-118, jan./jun. 2019. [https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Critica\\_Cultural/article/view/5327](https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/5327)

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes.** São Paulo: Cortez, 2014.

CROSS, Donna *et al.* Australian Covert *Bullying* Prevalence Study. Perth, Australia: **Child Health Promotion Research Centre**, Edith Cowan University. 2009. DOI: <https://ro.ecu.edu.au/ecuworks/6795>

CRUZ, Andréa Otoni Antunes Sales, da. **Interação dos Jovens a partir das Mídias Digitais: implicações no cotidiano escolar.** 216. 112f. Dissertação (Mestrado em

Educação Brasileira: Gestão e Práticas Pedagógicas) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

DANTAS, Monica Lucia Gomes; PEREIRA NETO, André de Faria. O discurso homofóbico nas redes sociais da internet: Uma análise no Facebook “Rio sem Homofobia-Grupo Público”. **Cadernos do Tempo Presente**, n. 19, p. 27-41, mar./abr. 2015.

DAVIS, Pina López; BARTOLOMÉ, Esteban; RUIZ-HERNÁNDEZ, Jose Antonio. Attitudes Toward School Violence: a qualitative study Spanish children. **Journal of Interpersonal Violence**, jan. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0886260520987994> > Acesso em: 29 mar. 2023.

DI FÁTIMA, Branco; MIRANDA, Sandra. Discurso de ódio, fake news e redes sociais: uma breve introdução. **Razón y Palabra**, v. 26, n. 113, pp. 12-16, enero - abril 2022.

DUARTE, Renato. **Efeitos da violência sobre o aprendizado nas escolas públicas da Cidade do Recife**. Recife: Massangana, 2006.

ELGAR, Frank J. *et al.* *Cyberbullying* victimization and mental health in adolescents and the moderating role of family dinners. **JAMA pediatrics**, v. 168, n. 11, p. 1015-1022, 2014.

ESTADO RS. **Lei n. 13.474, de 28 de junho de 2010**. Dispõe sobre o combate da prática de “*bullying*” por instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos. Porto Alegre: Assembleia Legislativa, 2010. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/13.474.pdf>. Acesso em: 11 set. 2019.

ESTADO RS. **Lei n. 14.030/2012, de 27 de junho de 2012**. Dispõe sobre as Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar – CIPAVE – no âmbito da rede de ensino público estadual do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Assembleia Legislativa, 2012. Disponível em: <https://cipave.rs.gov.br/upload/arquivos/201611/01142628-lei-cipave.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2023.

FANTE, Cleo. **Fenômeno *bullying***. Campinas: Verus, 2005.

FERREIRA, Taiza Ramos de Souza Costa. ***Cyberbullying de crianças e adolescentes***: definições, associações com a saúde, a educação e propostas de ação. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34283>. Acesso em: 4 jan. 2023.

FERREIRA, Taiza Ramos de Souza Costa; DESLANDES, Suely Ferreira. *Cyberbullying*: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 10, p. 3369-3379, 2018.

FLACSO. Brasil. **Diagnóstico Participativo das Violências nas Escolas**: Falam os Jovens. 2016. Disponível em:

[http://flacso.org.br/files/2016/03/Diagn%C3%B3stico-participativo-das-viol%C3%A2ncias-nas-escolas\\_COMPLETO\\_rev01.pdf](http://flacso.org.br/files/2016/03/Diagn%C3%B3stico-participativo-das-viol%C3%A2ncias-nas-escolas_COMPLETO_rev01.pdf). Acesso em: 25 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FLÔRES, Fabrine Niederauer *et al.* *Cyberbullying* no contexto escolar: a percepção dos professores. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, p. 1-8, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392022226330>

FUJITA, Jorge Shiguemitsu; RUFFA, Vanessa. *Cyberbullying: família, escola e tecnologia como stakeholders*. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 33, n. 97, p. 401-412, dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/pSp8hgXLcG786hZpVGNqPNH/#>>. Acesso em: 22 jun. 2023.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução: Flávio P. Meurer. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II: complementos e índice**. Tradução: Ênio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GALAN JIMÉNEZ, Jaime Sebastián F.; SERRANO, María de Lourdes Preciado. Desensibilización a la violencia una revisión teórica para la delimitación de Violence desensitization: delimitating a construct through a theoretical revision. **Uaricha**, v. 11, n. 25, p. 70-81, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Aline Ferreira. **Autolesão na adolescência e as redes sociais virtuais**. 2020. 121 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

GUIMARÃES, Áurea. **Escola e Violência: relações entre vigilância, punição e depredação escolar**. 1984. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1984.

GUIMARÃES, Áurea. **A depredação escolar e a dinâmica da violência**. 1990. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 1990.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. Topologia da violência: uma visão panorâmica. **Educação & Sociedade**, v. 42, p. 1-e247878, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.47878>

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine; BRANCO, Lilian Soares Alves. A violência institucionalizada pela indústria cultural: debates educativos. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 481–498, 2018. DOI: 10.20396/riesup.v4i2.8651336.

HU, Yuheng; MANIKONDA, Lydia; KAMBHAMPATI, Subbarao. O que instagram: Uma primeira análise do conteúdo fotográfico do Instagram e tipos de usuários. *In: Oitava conferência internacional AAI sobre weblogs e mídias sociais*, 2014.

ITU. União Internacional de Telecomunicações. **Use of information and communication technology by the world's children and youth**, Geneva, 2008. Disponível em: <<https://ifap.ru/library/book418.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2023.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 2002.

LADISLAU, Décio Escobar de Oliveira. **Violência na Escola: O bullying e a prática educativa**. 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/283349389\\_Violencia\\_na\\_Escola\\_O\\_bullying\\_e\\_a\\_pratica\\_educativa](https://www.researchgate.net/publication/283349389_Violencia_na_Escola_O_bullying_e_a_pratica_educativa) Acesso em: 15 jan. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. Por uma antropologia do ciberespaço. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LIVINGSTONE, Sonia; CARR, John; BYRNE, Jasmina. One in three: internet governance and children's rights. **Global Commission on Internet Governance Paper Series**, n. 22, p. 7, nov. 2015.

LIVINGSTONE, Sonia; CARR, John; BYRNE, Jasmina. **Children's online risks and opportunities: comparative findings from EU Kids Online and Net Children Go Mobile**. London School of Economics and Political Science, 2014.

LUXTON, David D., JUNE, Jennifer D.; FAIRALL, Jonathan M. Social media and suicide: A public health perspective. **American Journal of Public Health**, v. 102, n. 2, p. 195-200, 2012.

MAGALHÃES, Mariana *et al.* **Cyberbullying e comunicação de teor homofóbico na adolescência: estudo exploratório das suas relações**. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, e195825, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392019015825>

MANDIRA, Marielly Rodrigues. **Cyberbullying entre estudantes: fatores individuais e do contexto escolar**. 2017. 68f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, 2017. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/49073> Acesso em: 25 dez. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2003.

MARTINS, Alícia Souza Lima *et al.* A evolução da legislação brasileira no combate ao *cyberbullying*. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 7, p. 1-13, 2022. Disponível em: [https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2022/1070\\_a\\_evolucao\\_da\\_legislacao\\_brasileira\\_no\\_combate\\_ao\\_cyberbullying.pdf](https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2022/1070_a_evolucao_da_legislacao_brasileira_no_combate_ao_cyberbullying.pdf) Acesso em: 22 jul. 2023.

MARTINS, P. D. N.; LEMOS, E.; FERREIRA, A. Impacto da violência na saúde, família e trabalho no estado da Bahia, Brasil 2016. **Revista Ciencia, Salud, Educación y Economía**, n. 11, p. 20-31, 2016.

MEIRELLES, Fernando S. Pesquisa anual do uso de TI - Tecnologia da Informação nas Empresas, **33 Edição Anual do FGVcia**, maio 2022. Disponível em: <https://eaesp.fgv.br/producao-intelectual/pesquisa-anual-uso-ti> Acesso em: 26 jan. 2023.

MOMBELLI, Mônica Augusta *et al.* Estrutura e suporte familiar como fatores de risco de stress infantil. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 327–335, set. 2011.

NOBULLYING. Cyber *bullying* girls: Are they more common? 2014. Disponível em: <http://nobullying.com/is-cyber-bullying-more-common-with-girls/> Acesso em: 26 jan. 2023.

NÓVOA, António. **Escolas e Professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PATCHIN, Justin W.; HINDUJA, Sameer. Measuring *cyberbullying*: Implications for research. **Aggression and Violent Behavior**, v. 23, p. 69-74, 2015.

PEREIRA, Edgar Abrahão; FERNANDES, Grazielli; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. O *bullying* escolar na legislação brasileira: uma análise documental. Seção Temática: Justiça e Educação: um debate necessário. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, e249984, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248249984por>

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Editora Três, 1973.

PRETTO, Nelson De Luca; BONILLA, Maria Helena Silveira. O Marco Civil da Internet - desafios para a educação. *In*: CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo, QUEIROZ, Maria Aparecida; BARACHO, Maria das Graças (orgs.). **Assimetrias e desafios na produção do conhecimento em educação: a pós-graduação nas regiões Norte e Nordeste**. Rio de Janeiro, ANPED, 2015. pp. 145-166.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. **Lei n. 5.448/2009, de 04 de dezembro de 2009**. Dispõe sobre o desenvolvimento de política *antibullying* por instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos, Canoas. Estado do Rio Grande do Sul: Câmara Municipal, 2009. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/c/canoas/lei-ordinaria/2009/545/5448/lei-ordinaria-n-5448-2009-dispoe-sobre-o-desenvolvimento-de-politica-antibullying-por-instituicoes-de-ensino-e-de-educacao-infantil-publicas-ou-privadas-com-ou-sem-fins-lucrativos> Acesso em: 11 abr. 2023.

PUGENS, Natália B. *et al.* A pedagogia dialógica em Paulo Freire: dispersões na era digital. *In*: BIEGING, Patrícia; BUSARELLO, Raul Inácio (Org.). **Mídia e Educação: abordagens e práticas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 52-73. DOI: <https://dspace.unilasalle.edu.br/handle/11690/2782>

RAMOS, Graciliano. **Infância**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

REIS, Cláudia Benitez Martinez dos. **Prática dos profissionais da educação para prevenir caso de bullying e cyberbullying entre adolescentes**. 2021. 149 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2021. Disponível em: <https://tede.unisantos.br/handle/tede/7665> Acesso em: 12 jan. 2023.

REYES, Jesika Ivete Ortega; BAÑALES, Dora Luz Gonzáles. El ciberacoso y su relación con el rendimiento académico. **Innovación educativa**, México, v. 16, n. 71, p. 17-38, 2016.

RIBEIRO, Neide Aparecida. **Cyberbullying: Práticas e consequências da violência virtual na escola**. 2018. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://btdt.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/2515> Acesso em: 15 jan. 2023.

RISTUM, Marilena. *Bullying* Escolar. In: ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes (org.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora FIOCRUZ, 2010. pp. 95-119.

RUFINO, Airtiane Francisca; RODRIGUES, Hamilton Rodrigues; NUNES, Jefferson Veras. Redes sociais: surgimento e desenvolvimento dos micro-blogging. In: CONGRESSO TECNOLÓGICO TI & TELECOM INFOBRASIL, 3, 2010, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: InfoBrasil, 2010, 7p.

SAFERNET. Indicadores 2015. Disponível em: [https://new.safernet.org.br/helpline?gclid=Cj0KCQjw\\_O2IBhCFARIsAB0E8B-8zCidfd2hMR-zAKxk5-yh5Ct6ObK8LkX9RF0OmF5tCfmmSXLzWRIaAkcsEALw\\_wcBI](https://new.safernet.org.br/helpline?gclid=Cj0KCQjw_O2IBhCFARIsAB0E8B-8zCidfd2hMR-zAKxk5-yh5Ct6ObK8LkX9RF0OmF5tCfmmSXLzWRIaAkcsEALw_wcBI). Acesso em: 22 jul. 2023.

SANTOS, Ademar Alves dos. **Cyberbullying, mídia e educação à luz do pensamento complexo**. 2017. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/1715> Acesso em: 12 jan. 2023.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. A violência na escola, uma questão social global. In: BRICEÑO-LEON, Roberto. **Violencia, Sociedad y Justicia em América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2002. p.117-133.

SCHULTZ, Naiane Carvalho Wendt *et al.* A compreensão sistêmica do *bullying*. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 247-254, abr./jun. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722012000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000200008) Acesso em: 09 fev. 2022.

SCHWABE, Markus. **Country Note Brazil: Results from Talis 2018, 2019**.

SELKIE, Ellen M.; FALES, Jessica L.; MORENO, Megan A. *Cyberbullying* prevalence among US middle and high school-aged adolescents: A systematic review and quality assessment. **Journal of Adolescent Health**, v. 58, n. 2, p. 125-133, 2016.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIDI, Pilar Moraes; CONTE, Elaine. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, p. 1942-1954, 2017. DOI: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9270/6932>

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: Mentres perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Graciele da. **Cyberbullying entre adolescentes nas escolas públicas no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul**. 2022. 162f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4441> Acesso em: 15 jan. 2023.

SOUZA, Carlos Affonso; LEMOS, Ronaldo. **Marco civil da internet: construção e aplicação**. Juiz de Fora: Editar Editora Associada Ltda, 2016. [https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/02/marco\\_civil\\_construcao\\_aplicacao.pdf](https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/02/marco_civil_construcao_aplicacao.pdf)

TIBURI, Márcia. **Delírios do poder: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

TIBURI, Márcia. **Como conversar com um fascista**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

TONO, Cineiva Campoli Paulino. **Análise dos riscos e efeitos do uso da internet: contribuições para uma política pública de proteção da criança e adolescente na era digital**. Tese (Doutorado em Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/1987> Acesso em: 15 jul. 2023.

TOKUNAGA, Robert S. Following you home from school: A critical review and synthesis of research on *cyberbullying* victimization. **Computers in Human Behavior**, v. 26, n. 3, p. 277-287, 2010.

TREVISAN, Amarildo Luiz. Arquivos da violência na educação e suas mediações na linguagem e na memória. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 27, n. 02, p. 326-346, jul. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772022000200007>

TRUZZI, Gisele. *Cyberbullying, cyberstalking* e redes sociais: os reflexos da perseguição digital. **Jusbrasil**, 2009. <http://www.truzzi.com.br/2019/02/06/cyberbullying-cyberstalking/>

UNESCO. **Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação**. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, UNESCO; Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115> Acesso em: 29 mar. 2023.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial**. Brasília: UNESCO,

2019. Disponível em:  
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092/PDF/368092por.pdf.multi>  
Acesso em: 08 jan. 2023.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Global education digest 2011: comparing education statistics across the world.** Montreal, 2011.

VALENTE, José Armando. Pensamento Computacional, Letramento Computacional ou Competência Digital? Novos desafios da educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 43, p. 147-168, 2019.

VARJAS, Kris *et al.* High school students' perceptions of motivations for *cyberbullying*: An exploratory study. **Western Journal of Emergency Medicine**, v. 11, n. 3, p. 269-273, 2010.

VASCONCELOS, Ivar César Oliveira de. Aprender a conviver, sem violência: o que dá e não dá certo? **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.25, n. 97, p. 897-917, out/dez. 2017.

VERALDO, Ivana (Org.). **Tensões no espaço escolar: Violência, Bullying, indisciplina e homofobia.** Maringá, PR: EDUEM, 2014.

WANZINACK, Clóvis; REIS, Clóvis. *Cyberbullying* e violência na rede: Relações entre poder e desenvolvimento no litoral do Paraná. *In: Anais... XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Rio de Janeiro, Brasil, 2015.

WIEVIORKA, Michel. Violência hoje. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 11 (suplemento), p. 1147-1152, 2007.

WILLARD, Nancy. **Cyberbullying and cybefe threats responding to the challenge of online social aggression threats, and distress.** Illinois, 2007.

WINGATE, Victoria Skye; MINNEY, Jessica A.; GUADAGNO, Rosanna E. Sticks and stones may break your bones, but words will always hurt you: A review of *cyberbullying*. **Social Influence Journal**, v. 8, n. 2-3, p. 87-106, 2013.

ZECHI, Juliana Aparecida Matias. **Educação em valores: solução para a violência e indisciplina na escola?** 2014. Tese (Doutorado em Educação, Ciências e Tecnologia) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123919> Acesso em: 11 abr. 2023.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Cyberbullying contra professores: dilemas da autoridade dos educadores na era da concentração dispersa.** São Paulo: Edições Loyola, 2017.

ZUIN, Vânia Gomes *et al.* A autoridade pedagógica diante da tecnologia algorítmica de reconhecimento facial e vigilância. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 41, e233820, 2020. Acesso em: [http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302020000100316&script=sci\\_abstract](http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302020000100316&script=sci_abstract) Acesso em: 19 dez. 2022.